



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL GESTÃO
E PRÁTICAS EDUCACIONAIS (PROGEPE) LINHA DE PESQUISA
E INTERVENÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL (LIPIGES)**

VANIA DA SILVA

**ENTRE CENAS E REALIDADE: O CINEMA COMO RECURSO
PEDAGÓGICO NO COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR E AO
*BULLYING***

São Paulo
2026

VANIA DA SILVA

**ENTRE CENAS E REALIDADE: O CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR E AO *BULLYING***

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Profissional Gestão e Práticas Educacionais (Progepe), da Universidade Nove de Julho (Uninove), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação, sob a orientação do professor Dr. Carlos Bauer.

São Paulo
2026

VANIA DA SILVA

**ENTRE CENAS E REALIDADE: O CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR E AO *BULLYING***

Dissertação apresentada à Universidade Nove de Julho (Uninove), junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional Gestão e Práticas Educacionais (Progepe), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação, em banca examinadora formada por:

Presidente: Prof. Carlos Bauer, Dr. – orientador, UNINOVE

Membro titular: Evaldo Piolli, Dr. – UNICAMP

Membro titular: Profa. Ligia de C. A. Vercelli, Dra. – UNINOVE

Membro suplente: Prof. Jason Mafra, Dr. – UNINOVE

Membro suplente: Prof. Roberto Heloani, Dr. – UNICAMP

São Paulo
2026

Silva, Vania da.

Entre cenas e realidade: o cinema como recurso pedagógico no combate à violência escolar e ao *bullying*. / Vania da Silva. 2026. 129 f.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2026.

Orientador (a): Prof. Dr. Carlos Bauer.

1. Violência escolar. 2. Cinema. 3. *Bullying*. 4. Profissionais da educação. 5. Proposta didático-pedagógica.
- I. Bauer, Carlos. II. Título

CDU 372

RESUMO

Diante da permanência do *bullying* como uma prática recorrente nas escolas, mesmo com a existência de políticas públicas voltadas ao seu enfrentamento, esta pesquisa busca compreender como profissionais da educação interpretam as manifestações desse fenômeno no ambiente escolar e socioeducativo e quais estratégias mobilizam para enfrentá-lo. O objetivo geral consiste em compreender como profissionais da educação que atuam em uma Escola Municipal e em um Centro para Crianças e Adolescentes interpretam e enfrentam o *bullying* no cotidiano educativo, analisando as potencialidades do cinema como recurso pedagógico para sua problematização e para a construção de práticas voltadas à prevenção da violência escolar. Especificamente, buscou-se identificar as manifestações de *bullying* nos contextos investigados, analisar as dificuldades encontradas pelos profissionais da educação na prevenção e no enfrentamento dessas situações, compreender as possibilidades do cinema como linguagem formativa e elaborar um e-book como produto educacional. Parte-se da hipótese de que o *bullying*, embora reconhecido como um problema presente no cotidiano escolar, ainda é frequentemente naturalizado nas relações entre os estudantes, dificultando sua identificação e seu enfrentamento sistemático pelos profissionais da educação. Considera-se, ainda, que o cinema, quando utilizado de forma intencional e mediado pedagogicamente, pode favorecer processos de reflexão crítica, sensibilização e mediação de conflitos. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida em uma Escola Municipal e em um Centro para Crianças e Adolescentes, localizados no mesmo território da cidade de São Paulo. Participaram da pesquisa sete profissionais da educação: três vinculados à Escola Municipal — uma coordenadora pedagógica, uma auxiliar técnica de educação e um professor — e quatro atuantes no Centro para Crianças e Adolescentes: uma gerente de serviço, uma assistente técnica e duas orientadoras socioeducativas. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, da análise do Projeto Político-Pedagógico e de outros documentos institucionais, sendo os dados submetidos à análise temática. A análise das entrevistas possibilitou a identificação de seis categorias: a naturalização do *bullying* nas relações entre estudantes; as relações de poder e violência entre pares; o silêncio, a busca por ajuda e a mediação institucional; a influência do contexto social e familiar; os desafios institucionais para o enfrentamento do *bullying*; e o cinema como possibilidade pedagógica para a formação ética e a construção da convivência democrática. Os resultados indicam que o *bullying* permanece amplamente naturalizado no cotidiano escolar, sendo frequentemente interpretado como brincadeira ou conflito entre pares, o que dificulta sua identificação e seu enfrentamento. Evidenciam, ainda, que as relações de poder, a influência do contexto familiar e social, o silêncio das vítimas e as limitações institucionais constituem desafios para a construção de estratégias permanentes de prevenção. Ao mesmo tempo, apontam que o cinema apresenta potencial para favorecer processos de sensibilização, reflexão crítica e mediação de conflitos, desde que integrado de forma intencional às práticas pedagógicas. Como produto educacional, foi elaborado um e-book com orientações para o uso pedagógico do cinema, destinado a subsidiar profissionais da educação na prevenção e no enfrentamento do *bullying*.

Palavras-chave: cinema. *bullying*. violência escolar. profissionais da educação. escola básica. Centro para Crianças e Adolescentes. proposta didático-pedagógica.

ABSTRACT

Given the persistence of *bullying* as a recurring practice in schools, despite the existence of public policies aimed at addressing it, this study seeks to understand how education professionals interpret the manifestations of this phenomenon in school and socio-educational settings and the strategies they employ to address it. The general objective is to understand how education professionals working in a Municipal School and in a Center for Children and Adolescents interpret and address *bullying* in their educational practice, analyzing the potential of cinema as a pedagogical resource for discussing the phenomenon and promoting practices aimed at preventing school violence. Specifically, the study sought to identify manifestations of *bullying* in the investigated contexts, analyze the difficulties faced by education professionals in preventing and addressing these situations, examine the possibilities of cinema as an educational language, and develop an *e-book* as an educational product. The study is based on the hypothesis that, although *bullying* is recognized as a problem in everyday school life, it is still frequently normalized in relationships among students, making its identification and systematic intervention by education professionals more difficult. It is also assumed that cinema, when intentionally used and pedagogically mediated, can foster processes of critical reflection, awareness, and conflict mediation. This qualitative study was conducted in a Municipal School and a Center for Children and Adolescents, both located in the same district of the city of São Paulo, Brazil. Seven education professionals participated in the study: three from the Municipal School—a pedagogical coordinator, an educational technical assistant, and a teacher—and four from the Center for Children and Adolescents—a service manager, a technical assistant, and two socio-educational educators. Data were collected through semi-structured interviews, analysis of the school's Political-Pedagogical Project and other institutional documents, and subsequently examined using thematic analysis. The analysis enabled the identification of six categories: the normalization of *bullying* in relationships among students; power relations and peer violence; silence, help-seeking, and institutional mediation; the influence of the social and family context; institutional challenges in addressing *bullying*; and cinema as a pedagogical possibility for ethical education and the construction of democratic coexistence. The findings indicate that *bullying* remains widely normalized in everyday school life and is often interpreted as teasing or peer conflict, making its identification and intervention more difficult. They also reveal that power relations, the influence of family and social contexts, victims' silence, and institutional limitations constitute significant challenges to the development of permanent prevention strategies. At the same time, the findings demonstrate that cinema has the potential to foster awareness, critical reflection, and conflict mediation when intentionally integrated into pedagogical practices. As an educational product, an *e-book* containing guidelines for the pedagogical use of cinema was developed to support education professionals in preventing and addressing *bullying*.

Keywords: cinema. *bullying*. school violence. education professionals. basic education. Center for Children and Adolescents. didactic-pedagogical proposal.

RESUMEN

Ante la permanencia del *bullying* como una práctica recurrente en las escuelas, incluso con la existencia de políticas públicas orientadas a su enfrentamiento, esta investigación busca comprender cómo los profesionales de la educación interpretan las manifestaciones de este fenómeno en los contextos escolar y socioeducativo, así como las estrategias que movilizan para enfrentarlo. El objetivo general consiste en comprender cómo los profesionales de la educación que trabajan en una Escuela Municipal y en un Centro para Niños, Niñas y Adolescentes interpretan y enfrentan el *bullying* en la vida cotidiana educativa, analizando las potencialidades del cine como recurso pedagógico para problematizar este fenómeno y promover prácticas orientadas a la prevención de la violencia escolar. Específicamente, se buscó identificar las manifestaciones del *bullying* en los contextos investigados, analizar las dificultades encontradas por los profesionales de la educación para prevenir y enfrentar estas situaciones, comprender las posibilidades del cine como lenguaje formativo y elaborar un *e-book* como producto educativo. La investigación parte de la hipótesis de que el *bullying*, aunque reconocido como un problema presente en la vida cotidiana escolar, todavía es frecuentemente naturalizado en las relaciones entre los estudiantes, lo que dificulta su identificación y su enfrentamiento sistemático por parte de los profesionales de la educación. Asimismo, se considera que el cine, cuando es utilizado de manera intencional y mediado pedagógicamente, puede favorecer procesos de reflexión crítica, sensibilización y mediación de conflictos. Se trata de una investigación de enfoque cualitativo, desarrollada en una Escuela Municipal y en un Centro para Niños, Niñas y Adolescentes, ubicados en el mismo territorio de la ciudad de São Paulo, Brasil. Participaron en la investigación siete profesionales de la educación: tres vinculados a la Escuela Municipal —una coordinadora pedagógica, una asistente técnica de educación y un profesor— y cuatro pertenecientes al Centro para Niños, Niñas y Adolescentes: una gerente de servicio, una asistente técnica y dos orientadoras socioeducativas. La producción de los datos se realizó mediante entrevistas semiestructuradas, el análisis del Proyecto Político-Pedagógico y de otros documentos institucionales, cuyos datos fueron sometidos al análisis temático. El análisis de las entrevistas permitió identificar seis categorías: la naturalización del *bullying* en las relaciones entre estudiantes; las relaciones de poder y la violencia entre pares; el silencio, la búsqueda de ayuda y la mediación institucional; la influencia del contexto social y familiar; los desafíos institucionales para enfrentar el *bullying*; y el cine como posibilidad pedagógica para la formación ética y la construcción de la convivencia democrática. Los resultados indican que el *bullying* continúa ampliamente naturalizado en la vida cotidiana escolar y es frecuentemente interpretado como una broma o un conflicto entre pares, lo que dificulta su identificación y enfrentamiento. Asimismo, evidencian que las relaciones de poder, la influencia del contexto familiar y social, el silencio de las víctimas y las limitaciones institucionales constituyen desafíos para la construcción de estrategias permanentes de prevención. Al mismo tiempo, señalan que el cine presenta un importante potencial para favorecer procesos de sensibilización, reflexión crítica y mediación de conflictos, siempre que se integre de manera intencional en las prácticas pedagógicas. Como producto educativo, se elaboró un *e-book* con orientaciones para el uso pedagógico del cine, destinado a apoyar a los profesionales de la educación en la prevención y el enfrentamiento del *bullying*.

Palabras clave: cine. *bullying*. violencia escolar. profesionales de la educación. educación básica. Centro para Niños, Niñas y Adolescentes. propuesta didáctico-pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder a força, a sabedoria e a perseverança necessárias para chegar até aqui. Concluir este mestrado representa a realização de um sonho e a conquista de um espaço que ninguém em minha família havia alcançado até então.

À Universidade Nove de Julho (Uninove), pela oportunidade de integrar o Programa de Pós-Graduação Profissional Gestão e Práticas Educacionais tornando possível a concretização de um sonho que, durante muito tempo, pareceu distante.

Ao meu orientador, Professor Dr. Carlos Bauer, expresso minha mais profunda gratidão pela confiança depositada em mim, pelo reconhecimento da minha trajetória humana e profissional e por sua orientação cuidadosa ao longo de todo este percurso. Agradeço pelas leituras, pelos questionamentos, pelas exigências, pelos ensinamentos e pelo compromisso com minha formação acadêmica, sempre conduzidos com seriedade e generosidade.

Aos Professores Dr. Evaldo Piolli e Dra. Ligia Vercelli, meu especial agradecimento pela leitura atenta, pelas valiosas contribuições e pelas considerações apresentadas durante a avaliação deste trabalho, fundamentais para seu aprimoramento.

Aos colegas dos grupos de pesquisa que compartilharam comigo esta caminhada, especialmente Sara, Ana, Karla, Jonatas, Jhonata, Alessandro e Tiago, agradeço pelas trocas, pelas reflexões, pelo incentivo e pelo apoio constante durante essa jornada.

Aos docentes do Programa, meus sinceros agradecimentos pelos conhecimentos e contribuições fundamentais para minha formação profissional e humana. Estendo esse agradecimento aos colegas do Progepe e do PPGE e, de modo especial, aos professores Rose, Jason, Patrícia, Rosiley e Márcia, cujas orientações e sabedoria enriqueceram significativamente minha trajetória acadêmica.

À minha família, meu marido Paulo Michel, meus filhos Henry e Allana e minha mãe Tereza, agradeço pelo amor, pela compreensão e pelo apoio incondicional. Vocês compartilharam comigo os desafios, as angústias, as renúncias e também as conquistas desta caminhada, tornando esta realização ainda mais significativa.

A todos os participantes da pesquisa e à minha diretora, Margarete, expresso minha sincera gratidão pela confiança e por viabilizar as condições necessárias para que eu pudesse realizar este mestrado.

Meu mais sincero e profundo agradecimento.

Quando perdemos a capacidade de nos indignarmos
com as atrocidades praticadas contra outros, perdemos
também o direito de nos considerarmos seres humanos
civilizados.

Vladimir Herzog

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – capa do filme <i>EVIL – RAÍZES DO MAL</i> (2003)	24
Figura 2 – Capa do livro <i>A FÁBRICA DA VIOLÊNCIA</i> , DE JAN GUILLOU (1981).	25
Figura 3 – Cena do filme <i>Evil – Raízes do Mal</i> (2003) - Banalização da violência entre os estudantes..	55
Figura 4 – Relações de poder entre veteranos e calouros em <i>Evil – Raízes do Mal</i> (2003).	61
Figura 5 – Cena do filme <i>Evil – Raízes do Mal</i> (2003) - O silenciamento dos estudantes diante das agressões.	65
Figura 6 – Cena do filme <i>Evil – Raízes do Mal</i> (2003) - A influência do contexto familiar na trajetória do protagonista.	69
Figura 7 – Cena do filme <i>Evil – Raízes do Mal</i> (2003) - Os desafios da instituição diante da violência entre os estudantes.	74
Figura 8 – Cena do filme <i>Evil – Raízes do Mal</i> (2003) - Dispositivo para problematização das relações de violência e convivência.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Produções acadêmicas sobre <i>bullying</i> , violência escolar e cinema (1998–2020) ...	20
Quadro 2: Caracterização da Unidade Educacional	47
Quadro 3: Caracterização do território de inserção da escola	47
Quadro 4: Perfil sociocultural dos estudantes participantes à luz do PPP da escola.....	48
Quadro 5: Caracterização do Centro para Crianças e Adolescentes	49
Quadro 6: Caracterização das educadoras do CCA participantes da pesquisa.....	51
Quadro 7: Caracterização dos educadores da Escola Municipal participantes da pesquisa	51
Quadro 8: Percepções dos participantes sobre a naturalização da violência.....	53
Quadro 9: Relações de poder nas falas dos participantes	58
Quadro 10 – Silenciamento e busca por ajuda nas falas dos participantes.....	63
Quadro 11 – Contexto social e familiar nas falas dos participantes	67
Quadro 12 – Desafios enfrentados pela escola no combate ao <i>bullying</i>	71
Quadro 13 – o cinema como possibilidade pedagógica nas falas dos participantes.....	75

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCA – Centro para Crianças e Adolescentes

CMC – Comissão de Mediação de Conflitos

DRE – Diretoria Regional de Educação

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LIPIGES – Linha de Pesquisa e de Intervenção Gestão Educacional

MEC – Ministério da Educação

MJSP – Ministério da Justiça e Segurança Pública.

PNE – Plano Nacional de Educação

PROGEPE – Programa de Pós-Graduação Profissional Gestão e Práticas Educacionais

RBE – Revista Brasileira de Educação

RMSP – Rede Municipal de Ensino de São Paulo

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

SINESP – Sindicato dos Especialistas de Educação do Ensino Público Municipal de São Paulo.

SME – Secretaria Municipal de Educação

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

UFF – Universidade Federal Fluminense

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNINOVE – Universidade Nove de Julho

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	15
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	16
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	17
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	17
2 CONVERGÊNCIAS ENTRE LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA, VIOLÊNCIA ESCOLAR E <i>BULLYING</i>	19
2.1 REVISÃO DA LITERATURA.....	19
2.2 FILME EVIL – RAÍZES DO MAL.....	24
2.3 ANÁLISE DOS PERSONAGENS.....	26
2.4 VIOLÊNCIA ESCOLAR E <i>BULLYING</i> : APROXIMAÇÕES TEÓRICAS A PARTIR DO FILME.....	28
3 CINEMA E EDUCAÇÃO.....	32
3.1 CINEMA E FORMAÇÃO HUMANA.....	32
3.2 O CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO.....	35
3.3 O CINEMA COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA PARA A PROBLEMATIZAÇÃO DO <i>BULLYING</i>	37
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	42
4.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	42
4.2 PERCURSO DA PESQUISA.....	43
4.3 ESPAÇOS INVESTIGADOS.....	45
4.4 PARTICIPANTES.....	50
4.5 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	52
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	53
5.1 NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA.....	53
5.2 RELAÇÕES DE PODER.....	58
5.3 SILENCIAMENTO E MEDIAÇÃO.....	62
5.4 CONTEXTO SOCIAL E FAMILIAR.....	67
5.5 DESAFIOS DA ESCOLA.....	71
5.6 CINEMA COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA.....	75
6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: O USO DO CINEMA NO ENFRENTAMENTO DO <i>BULLYING</i>	81
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	90
APÊNDICE I – Carta de apresentação da pesquisa.....	93
APÊNDICE II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	94

APÊNDICE III – Declaração de Consentimento	95
APÊNDICE IV – Declaração de Consentimento	96
APÊNDICE V – Declaração de Consentimento	97
APÊNDICE VI – Roteiro de entrevista semiestruturada.....	98
APÊNDICE VII – Transcrição das entrevistas.....	101
APÊNDICE VIII – Transcrição das entrevistas	103
APÊNDICE IX – Transcrição das entrevistas.....	107
APÊNDICE X – Transcrição das entrevistas	109
APÊNDICE XI – Apresentação do <i>e-book</i>	113

1 INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema ancorou-se em minha atuação profissional como coordenadora pedagógica na Educação Infantil, em um Centro Educacional Unificado (CEU) que integra diferentes etapas da educação básica. Embora minha prática direta estivesse concentrada na Educação Infantil, o fato de atuar em um mesmo complexo educacional que abriga uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) possibilitou acompanhar, ainda que de maneira indireta, o cotidiano dessa unidade, suas dinâmicas relacionais e os desafios enfrentados pelos profissionais da educação diante de situações de violência e *bullying*. Essa proximidade com o campo não se traduziu em observação sistemática prévia, mas permitiu identificar recorrências e tensões que atravessavam os diferentes níveis de ensino.

Essa vivência contribuiu para ampliar o olhar sobre o fenômeno, na medida em que revelou que as relações estabelecidas entre os estudantes não se restringiam a uma única etapa da vida escolar. Pelo contrário, elas se estendiam por diferentes espaços e tempos, da sala de aula ao pátio, do turno regular às atividades de contraturno, configurando padrões de interação que frequentemente se perpetuavam ao longo da trajetória educacional. Tal percepção reforçou a necessidade de investigar o *bullying* como um fenômeno que transita entre diferentes contextos, exigindo respostas institucionais articuladas e contínuas.

A proximidade com a realidade investigada, longe de representar um viés indesejado, constituiu um ponto de partida legítimo para a pesquisa, pois reforçou a relevância do estudo e o interesse em compreender, com maior profundidade, como o *bullying* era percebido e enfrentado pelos profissionais da educação. Essa inserção no campo possibilitou identificar lacunas entre o que estava previsto nos documentos institucionais e o que era vivido no cotidiano escolar, bem como refletir sobre estratégias pedagógicas capazes de contribuir para a construção de ambientes mais acolhedores e respeitosos. Nesse sentido, a pesquisa orientou-se pelo compromisso com a promoção de uma educação voltada à formação humana, à convivência democrática e ao respeito às diferenças.

Foi justamente a partir dessa inquietação construída no exercício da coordenação pedagógica que surgiu o interesse em compreender o *bullying* não apenas como um conflito interpessoal entre estudantes, mas como um fenômeno complexo, atravessado por dimensões sociais, culturais e institucionais. Essa perspectiva conduziu à discussão sobre a violência escolar, situando o problema investigado em um contexto mais amplo e evidenciando sua relevância para esta pesquisa.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

A violência no ambiente escolar tem se apresentado, de forma persistente, como um dos grandes desafios enfrentados pelas instituições de ensino na contemporaneidade. Entre suas diversas manifestações, o *bullying* se destaca por seu caráter repetitivo, intencional e, muitas vezes, silencioso, afetando diretamente as relações entre os estudantes e interferindo no processo de ensino e aprendizagem. Conforme aponta Olweus (1993), trata-se de um comportamento agressivo que se repete ao longo do tempo, marcado por um desequilíbrio de poder entre os envolvidos, o que permite compreender que tais práticas não se configuram como episódios isolados, mas como relações sustentadas por hierarquias e permanências.

No cotidiano escolar, o *bullying* se expressa de diferentes maneiras: apelidos pejorativos, exclusões, humilhações públicas, agressões físicas e simbólicas, frequentemente naturalizadas nas interações entre os alunos. Essas práticas, muitas vezes banalizadas, produzem impactos significativos na vida dos sujeitos envolvidos, atingindo dimensões emocionais, sociais e pedagógicas e interferindo diretamente na forma como os estudantes se relacionam com o espaço escolar e com os processos de aprendizagem. Nesse sentido, compreende-se que o *bullying* não se configura apenas como uma ação individual, mas como um fenômeno relacional, atravessado por fatores sociais, institucionais e culturais, que se expressam e se sustentam no próprio cotidiano escolar.

Dados recentes ajudam a dimensionar a gravidade dessa problemática. Levantamento do DataSenado (2023) indica que cerca de 6,7 milhões de estudantes brasileiros sofreram algum tipo de violência no ambiente escolar no período de um ano, o que representa aproximadamente 11% do total de estudantes do país. No cenário internacional, estudos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) apontam que mais de 150 milhões de adolescentes, entre 13 e 15 anos, já vivenciaram situações de violência entre pares no contexto escolar. Esses dados evidenciam que o fenômeno não se restringe a contextos específicos, mas se apresenta como uma realidade ampla, atravessada por diferentes fatores sociais e culturais.

No Brasil, 14,8% dos estudantes afirmam ter deixado de frequentar a escola por não se sentirem seguros, enquanto 7,4% relatam ter sido vítimas de *bullying* e 19,8% admitem já ter praticado esse tipo de violência. A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE/IBGE, 2019) reforça esse quadro ao revelar que 23% dos estudantes relataram ter se sentido humilhados ou ofendidos por colegas de forma recorrente e 12% afirmaram ter praticado *bullying*. Entre os principais motivos das agressões destacam-se aspectos relacionados à aparência física e questões raciais, evidenciando que tais práticas estão atravessadas por

preconceitos historicamente construídos. Nesse sentido, Abramovay (2002) contribui ao indicar que as violências no espaço escolar se manifestam de forma múltipla e, muitas vezes, são naturalizadas nas relações cotidianas.

Os dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania indicam aumento significativo das notificações de violência escolar, com mais de 9 mil atendimentos registrados pelo Disque 100 em 2023, resultando em mais de 50 mil violações de direitos. Esses números demonstram que a violência no ambiente escolar não atinge apenas estudantes, mas também profissionais da educação, reforçando a complexidade do fenômeno e a necessidade de estratégias que considerem essa amplitude. Em conjunto, esses indicadores revelam que a violência escolar e o *bullying* permanecem como problemas relevantes, apesar dos esforços empreendidos por diferentes sistemas educacionais para seu enfrentamento. Esse cenário suscita reflexões sobre os limites das políticas públicas existentes e sobre a necessidade de compreender como elas se materializam no cotidiano das instituições escolares.

Apesar da existência de políticas públicas voltadas ao enfrentamento da violência escolar, como a Lei nº 13.185/2015, observa-se que o fenômeno ainda se faz presente nas escolas, revelando limites nas estratégias adotadas e apontando para a necessidade de ampliar as formas de compreensão e intervenção sobre o problema. Nesse contexto, torna-se fundamental ouvir aqueles que vivenciam o cotidiano escolar, especialmente os educadores, que lidam diretamente com essas situações e desenvolvem, em sua prática, diferentes formas de enfrentamento.

Nessa perspectiva, a escolha do filme *Evil – Raízes do Mal* (2003) não decorre apenas de sua temática, mas de sua potencialidade para suscitar reflexões sobre violência, relações de poder, naturalização das agressões e mediação pedagógica. Ao retratar diferentes formas de violência presentes no ambiente escolar, a obra oferece elementos que dialogam diretamente com as categorias analíticas construídas nesta investigação, cujas potencialidades serão aprofundadas ao longo da fundamentação teórica e retomadas na análise dos resultados.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A permanência do *bullying* no cotidiano escolar, mesmo diante da existência de políticas públicas voltadas ao seu enfrentamento e do avanço das pesquisas sobre violência escolar, revela a necessidade de compreender como esse fenômeno é percebido pelos profissionais que convivem diariamente com essas situações. Embora diferentes estudos tenham investigado o *bullying* sob perspectivas psicológicas, sociais e educacionais, ainda são reduzidas as pesquisas

que analisam as percepções dos educadores e discutem o cinema como possibilidade pedagógica para problematizar e enfrentar esse fenômeno.

Considerando a lacuna identificada no estado do conhecimento e a relevância do tema para o contexto educacional, a presente pesquisa parte do seguinte problema:

Como os profissionais da educação interpretam as manifestações do *bullying* no ambiente escolar e socioeducativo e de que maneira percebem o cinema como possibilidade pedagógica para sua problematização e enfrentamento?

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo Geral

Compreender como educadores que atuam em uma escola municipal e em um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) interpretam e enfrentam as manifestações de *bullying* no cotidiano educativo, analisando as potencialidades do cinema como recurso pedagógico para sua problematização e para a construção de práticas educativas voltadas à prevenção da violência escolar.

Objetivos específicos

- Identificar como os educadores caracterizam e reconhecem as manifestações de *bullying* nos contextos escolar e socioeducativo investigados;
- Analisar as percepções dos educadores sobre os desafios e limites encontrados na prevenção e no enfrentamento do *bullying*;
- Compreender como os educadores avaliam o uso do cinema e da linguagem audiovisual como recursos pedagógicos para a problematização da violência escolar;
- Elaborar uma proposta didático-pedagógica, em formato de e-book, voltada ao uso do cinema no enfrentamento do *bullying*.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está organizada em sete seções, construídas de forma articulada, buscando responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos propostos.

A primeira seção apresenta a introdução da pesquisa, contemplando a contextualização e a justificativa do tema, o problema de pesquisa, os objetivos e a organização do trabalho, situando o leitor quanto à relevância da investigação e à proposta desenvolvida.

A segunda seção, Convergências entre linguagem cinematográfica, violência escolar e *bullying*, reúne o referencial teórico da pesquisa, discutindo os conceitos de violência escolar e *bullying*, suas formas de manifestação e relações de poder, além de abordar o cinema como linguagem educativa a partir do filme *Evil – Raízes do Mal* (2003), que subsidia a análise da pesquisa.

A terceira seção, Cinema e Educação, aprofunda o potencial formativo do cinema como linguagem capaz de favorecer a reflexão crítica, a formação humana e práticas pedagógicas voltadas à promoção da convivência e ao enfrentamento do *bullying*.

A quarta seção apresenta o Percurso metodológico e os caminhos percorridos durante a investigação. Inicialmente são discutidos os fundamentos da abordagem qualitativa que orientou o estudo. Na sequência, descreve-se o percurso da pesquisa, desde a definição do campo empírico até a produção dos dados. Também são caracterizados os espaços investigados, os participantes da pesquisa e os documentos analisados, os procedimentos utilizados para a realização das entrevistas, observações, análise documental e construção das categorias analíticas.

A quinta seção abrange a análise e a discussão dos resultados da pesquisa, articulando as entrevistas com os profissionais da educação ao referencial teórico, aos documentos institucionais, às observações de campo e ao filme *Evil – Raízes do Mal* (2003), buscando compreender as percepções sobre o *bullying*, os desafios para seu enfrentamento e as contribuições do cinema no contexto escolar e socioeducativo.

A sexta seção apresenta o produto educacional elaborado a partir dos resultados da pesquisa. Trata-se de um *e-book* destinado a profissionais da educação, contendo orientações para a utilização do cinema como recurso pedagógico na discussão do *bullying* e da violência escolar.

Por fim, a sétima seção apresenta as considerações finais, retomando os principais resultados da investigação à luz dos objetivos propostos, as contribuições da pesquisa para o campo da educação, suas limitações e algumas possibilidades para estudos futuros, bem como reflexões acerca do potencial do cinema como linguagem capaz de favorecer processos de diálogo, sensibilização e construção de relações mais respeitadas no ambiente escolar.

2 CONVERGÊNCIAS ENTRE LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA, VIOLÊNCIA ESCOLAR E *BULLYING*

A violência escolar e o *bullying* têm sido objeto de estudos em diferentes áreas do conhecimento, evidenciando a complexidade desse fenômeno e a necessidade de compreendê-lo imbricadas às agressões visíveis no cotidiano das instituições educativas. Ao mesmo tempo, o cinema vem conquistando espaço nas discussões sobre educação, não apenas como recurso didático, mas como uma linguagem capaz de favorecer processos de sensibilização, reflexão e formação humana.

Partindo desse entendimento, esta seção reúne os referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa e estabelece aproximações entre a linguagem cinematográfica, a violência escolar e o *bullying*. A proposta não é compreender esses temas de forma isolada, mas evidenciar como dialogam entre si e contribuem para a análise do problema investigado.

Inicialmente, apresenta-se uma revisão da literatura, buscando identificar como a produção acadêmica tem abordado o *bullying*, a violência escolar e o uso do cinema na educação. Em seguida, é apresentado o filme *Evil – Raízes do Mal (2003)*, escolhido como eixo analítico desta investigação por retratar diferentes manifestações da violência no ambiente escolar e problematizar relações de poder, autoritarismo, silenciamentos e formas de resistência.

Na sequência, são discutidas as contribuições do cinema como linguagem, destacando seu potencial para promover processos de reflexão, sensibilização e mediação pedagógica. Por fim, são aprofundadas as discussões sobre violência escolar e *bullying*, articulando conceitos, referenciais teóricos e marcos legais que sustentam a análise dos dados produzidos ao longo da pesquisa.

Desse modo, as discussões desenvolvidas nesta seção constituem a base teórica que orienta a leitura dos resultados apresentados posteriormente, possibilitando compreender de que maneira as relações de violência e *bullying* se manifestam no cotidiano escolar e como o cinema pode contribuir para sua problematização e enfrentamento.

2.1 REVISÃO DA LITERATURA

Considerando a relevância do fenômeno investigado e a necessidade de situar esta pesquisa no contexto da produção científica, realizou-se um levantamento exploratório de teses, dissertações, artigos, livros e capítulos de livros publicados entre 1998 e 2020.

Em um primeiro momento, as buscas foram realizadas por meio do Google Acadêmico, utilizando os descritores *bullying*, violência escolar, cinema, educação, audiovisual na escola e mediação pedagógica, bem como suas combinações. Posteriormente, as produções selecionadas foram conferidas em bases como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, a Scientific Electronic Library Online (SciELO) e repositórios institucionais.

O levantamento contemplou produções de diferentes áreas do conhecimento, especialmente Educação, Comunicação e Cinema, buscando identificar como essas temáticas vêm sendo abordadas na literatura e quais contribuições apresentam para a compreensão do fenômeno investigado.

Quadro 1: Produções acadêmicas sobre *bullying*, violência escolar e cinema (1998–2020)

Ano	Título	Autor(es)	Tipo	Contribuição	Fonte
1998	O Cinema e a Escola: Formas Imagéticas da Violência	Áurea M. Guimarães	Artigo	Analisa a relação entre cinema, violência e educação	SciELO
2008	Cinema e Educação	Rosália Duarte	Livro	Fundamenta o uso do cinema na educação	—
2009	Presença do <i>Bullying</i> na Mídia Cinematográfica	Ana Paula Toppan dos Santos	Dissertação	Cinema como sensibilização	CAPES
2009	<i>Bullying</i> e suas Implicações no Ambiente Escolar	Sônia M. S. Pereira	Dissertação	Impactos do <i>bullying</i>	BDTD
2010	<i>Bullying</i> no contexto escolar	Rezende; Toro; Neves	Artigo	<i>Bullying</i> como fenômeno social	Mackenzie
2010	Cenas de cinema na escola	Aristóteles Berino	Capítulo	Cinema como experiência formativa	EDUR
2012	<i>Bullying</i> e cinema como fonte de pesquisa	Teruya; Carvalho	Artigo	Cinema como análise da violência	UEM
2013	Cinema e Educação: reflexões	Motta; Fusaro	Artigo	Interfaces cinema e educação	PUC-SP
2014	<i>Bullying</i> na mídia	Luana Silva	Dissertação	Influência das mídias	BDTD
2015	Adolescência, violência e audiovisual	Brasil et al.	Artigo	Cinema como intervenção	USP
2016	Imagens da violência na escola	Amaral; Arreguy	Artigo	Ressignificação da violência	UFF
2017	Cinema como instrumento didático	Landi; Suzuki; Vitale	Artigo	Cinema para discutir <i>bullying</i>	—

2018	Cine Debate	Berti; Carvalho	Artigo	Debate mediado por cinema	—
2018	Filmeducação	Pamela Machado	Dissertação	Cinema no currículo	UNICAMP
2019	<i>Bullying</i> nos filmes escolares	Bianca Lima	Dissertação	Teoria crítica	CAPES
2019	Cinema e Educação: fundamentos	Rogério de Almeida	Artigo	Base teórica	USP
2020	<i>Bullying</i> através do cinema	Telma Rocha	Artigo	Cinema como prática pedagógica	CAPES

Fonte: Elaboração da autora (2026).

A análise das produções reunidas no Quadro 1 revela que o *bullying* constitui uma temática consolidada na produção acadêmica, sendo investigado sob diferentes perspectivas, especialmente em relação às suas implicações psicológicas, sociais e educacionais. De modo geral, os estudos convergem para compreendê-lo como um fenômeno complexo, relacional e atravessado por dinâmicas de poder, cujos efeitos extrapolam o desempenho escolar e repercutem na convivência, no desenvolvimento emocional e na permanência dos estudantes nos espaços educativos.

No que se refere às pesquisas que articulam cinema e educação, observa-se o reconhecimento crescente da linguagem cinematográfica como recurso capaz de favorecer processos de sensibilização, reflexão crítica e mediação pedagógica. Entretanto, a maior parte dessas produções concentra-se na discussão do potencial formativo do cinema ou em experiências pontuais, sendo ainda reduzido o número de estudos que o relacionam especificamente ao enfrentamento do *bullying* no cotidiano escolar.

Entre as produções analisadas, destacam-se os estudos de Áurea Maria Guimarães (1998), que já apontavam o potencial formativo do cinema para problematizar questões sociais; de Luana Silva (2014), ao discutir a influência das narrativas midiáticas nos processos de identificação e reflexão sobre o *bullying*; e de Telma Rocha (2020), que demonstra as possibilidades do audiovisual como recurso pedagógico para promover a empatia e problematizar as relações de violência no contexto escolar.

Em conjunto, essas pesquisas indicam avanços importantes, mas também revelam que ainda são escassas as investigações que articulam, de forma sistemática, as percepções dos profissionais da educação sobre o *bullying* e o uso do cinema como possibilidade pedagógica para seu enfrentamento. Essa lacuna reforça a pertinência da presente investigação, que busca compreender como profissionais da educação interpretam as manifestações do *bullying* no

ambiente escolar e socioeducativo e de que maneira percebem o cinema como possibilidade pedagógica para sua problematização e enfrentamento.

A análise da produção científica também revela que, embora exista consenso quanto à relevância do tema, diferentes autores enfatizam aspectos distintos para compreender o *bullying*. Em comum, entretanto, está o entendimento de que não se trata de um conflito ocasional entre estudantes, mas de uma forma específica de violência que se caracteriza pela repetição das agressões, pela intencionalidade de causar sofrimento e pelo desequilíbrio de poder entre os envolvidos (OLWEUS, 1993; FANTE, 2005).

Ao ampliar a compreensão desse fenômeno, Charlot (2002) distingue diferentes formas de manifestação da violência relacionadas ao contexto escolar:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada diretamente à natureza e as atividades da instituição escolar. [...] A violência à escola está ligada à natureza e as atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam. [...] a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (CHARLOT, 2002, p. 434).

Essa distinção contribui para compreender que o *bullying* constitui uma das expressões da violência no contexto escolar e pode assumir diferentes formas de manifestação, muitas vezes pouco perceptíveis no cotidiano das instituições educativas. Ao das agressões físicas, o fenômeno envolve humilhações, apelidos depreciativos, exclusão social, intimidações, ameaças, disseminação de boatos e outras práticas que produzem sofrimento e comprometem a convivência escolar. Frequentemente, essas manifestações são banalizadas pelos próprios estudantes e, por vezes, também pelos adultos, sendo interpretadas como brincadeiras ou conflitos próprios da idade.

Ao ampliar a compreensão desse fenômeno, Charlot (2002) distingue diferentes formas de manifestação da violência relacionadas ao contexto escolar:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada diretamente à natureza e as atividades da instituição escolar. [...] A violência à escola está ligada à natureza e as atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam. [...] a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (CHARLOT, 2002, p. 434).

Essa distinção contribui para compreender que o *bullying* constitui uma das expressões da violência no contexto escolar e pode assumir diferentes formas de manifestação, muitas vezes pouco perceptíveis no cotidiano das instituições educativas. Ao lado das agressões físicas, o fenômeno envolve humilhações, apelidos depreciativos, exclusão social, intimidações, ameaças, disseminação de boatos e outras práticas que produzem sofrimento e comprometem a

convivência escolar. Frequentemente, essas manifestações são banalizadas pelos próprios estudantes e, por vezes, também pelos adultos, sendo interpretadas como brincadeiras ou conflitos próprios da idade.

De forma complementar, o relatório da UNESCO (2019) destaca que a violência escolar e o *bullying* resultam da interação entre fatores individuais, sociais, culturais e institucionais, podendo estar relacionados a aspectos como deficiência, gênero, diferenças étnicas, linguísticas ou culturais, condição de migrante ou refugiado, aparência física, pobreza ou status social e orientação sexual ou identidade de gênero. Esses fatores não atuam isoladamente, mas articulam-se às relações de poder presentes no contexto escolar, favorecendo situações de discriminação, exclusão e violência.

Essa compreensão amplia a análise do *bullying* ao demonstrar que muitas de suas manifestações permanecem invisíveis no cotidiano escolar. Enquanto as agressões físicas são mais facilmente identificadas, práticas como exclusão, ridicularização e humilhações tendem a ser naturalizadas e passar despercebidas nas relações entre os estudantes.

Nessa perspectiva, Abramovay (2002) destaca que diferentes formas de violência presentes na escola tendem a ser banalizadas quando incorporadas ao cotidiano como parte das relações entre os alunos. Da mesma forma, Fante (2005) ressalta que a repetição das agressões e o desequilíbrio de poder constituem elementos essenciais para caracterizar o *bullying*, diferenciando-o de conflitos eventuais próprios da convivência escolar.

Essa ideia constitui um importante referencial para a presente pesquisa, uma vez que permite analisar o *bullying*, muitas vezes secundarizado diante das agressões mais evidentes, reconhecendo também suas manifestações simbólicas e relacionais. Ao compreender a complexidade desse fenômeno, torna-se possível estabelecer aproximações com o cinema, que, por meio da construção narrativa e da experiência estética, favorece a problematização dessas relações de violência.

É nesse contexto que se insere *Evil – Raízes do Mal* (2003), filme escolhido como eixo analítico desta investigação. A obra apresenta diferentes manifestações da violência escolar e das relações de poder entre estudantes, oferecendo elementos que dialogam diretamente com os referenciais teóricos discutidos nesta seção e com os resultados produzidos ao longo da pesquisa.

2.2 FILME EVIL – RAÍZES DO MAL

Ao considerar a relevância da linguagem audiovisual para a compreensão de fenômenos sociais, esta pesquisa toma o filme *Evil – Raízes do Mal* (*Ondskan*, 2003) como eixo analítico para discutir as manifestações da violência e do *bullying* no contexto escolar. A obra não é utilizada apenas como ilustração do problema investigado, mas como uma narrativa que permite refletir sobre relações de poder, autoritarismo, silenciamentos e formas de violência presentes nas instituições educativas.

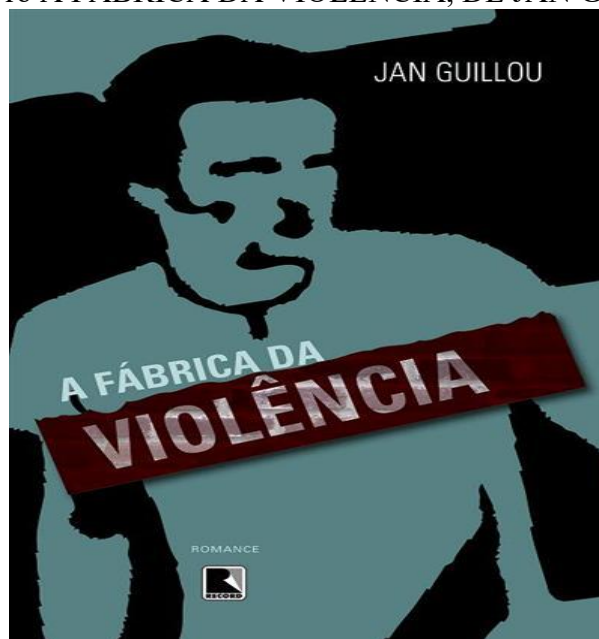
Figura 1 – capa do filme *EVIL – RAÍZES DO MAL* (2003)



Fonte: Imagens disponíveis em acervos digitais

Dirigido por Mikael Håfström, o filme é baseado no romance autobiográfico *A Fábrica da Violência* (*Ondskan*), publicado por Jan Guillou em 1981. A adaptação cinematográfica preserva os principais conflitos presentes na obra literária e apresenta ao espectador uma narrativa marcada pela violência institucional, pelas relações hierárquicas e pela naturalização das agressões no ambiente escolar.

Figura 2 – Capa do livro A FÁBRICA DA VIOLÊNCIA, DE JAN GUILLOU (1981).



Fonte: Imagens disponíveis em acervos digitais

As imagens apresentadas permitem visualizar a relação entre a obra literária e sua adaptação cinematográfica, situando o leitor no contexto em que a narrativa foi produzida.

Embora inspirado em experiências autobiográficas de Jan Guillou, o filme ultrapassa a dimensão individual do relato ao problematizar formas de violência presentes em instituições educativas e em diferentes relações sociais.

Essa interpretação aproxima-se da perspectiva adotada nesta pesquisa, ao compreender o filme como um dispositivo que permite refletir sobre as relações de poder, a violência institucional e os processos de naturalização das agressões presentes no ambiente escolar.

Ambientado na Suécia da década de 1950, o filme acompanha a trajetória de Erik Ponti, adolescente que convive diariamente com agressões físicas e psicológicas praticadas pelo padrasto. Em razão de seu comportamento considerado violento, Erik é expulso da escola e matriculado em um tradicional internato, onde acredita encontrar a possibilidade de recomeçar sua vida. Entretanto, ao chegar à nova instituição, depara-se com um ambiente igualmente marcado pela violência, agora legitimada por regras informais, pela hierarquia entre veteranos e calouros e pela omissão daqueles responsáveis pela organização escolar.

A narrativa mostra que a violência não surge de forma isolada nem se restringe ao ambiente escolar. Ao contrário, o percurso vivido por Erik demonstra como experiências de violência familiar podem repercutir em outros espaços de convivência, contribuindo para a reprodução de comportamentos marcados pela dominação, pelo medo e pela intimidação. Dessa

forma, o filme permite compreender que diferentes manifestações da violência se articulam e se fortalecem mutuamente, atravessando distintos contextos sociais.

2.3 ANÁLISE DOS PERSONAGENS

Os personagens de *Evil – Raízes do Mal* desempenham funções que ultrapassam a construção da narrativa cinematográfica. Cada uma delas representa posições distintas nas relações de poder estabelecidas no ambiente escolar, permitindo compreender como a violência se organiza, se mantém e, em alguns momentos, é questionada. Mais do que indivíduos isolados, os personagens representam papéis sociais que evidenciam mecanismos de dominação, silêncio, resistência e omissão presentes em diferentes contextos educativos.

Erik Ponti, protagonista da narrativa, é apresentado inicialmente como um adolescente que convive diariamente com agressões físicas e psicológicas praticadas pelo padrasto. A violência doméstica atravessa sua trajetória e influencia sua forma de responder aos conflitos, fazendo com que seja constantemente identificado como um jovem agressivo.

Ao ser transferido para o internato Stjärnsberg, Erik acredita encontrar um ambiente capaz de oferecer novas oportunidades. Entretanto, depara-se com uma instituição organizada por relações hierárquicas marcadas pelo medo, pela intimidação e pela violência sistemática entre veteranos e calouros.

A trajetória do personagem demonstra que a violência não constitui uma característica individual, mas uma experiência construída nas relações sociais. Conforme afirmam Candau (2012) e Ana Beatriz Barbosa Silva (2010), experiências de violência vividas no ambiente familiar podem repercutir em outros espaços de convivência, interferindo na forma como os sujeitos constroem suas relações.

Ao longo do filme, Erik enfrenta o desafio de romper com a lógica da violência que sempre marcou sua história. Em diversos momentos, opta por não responder imediatamente às agressões, revelando as tensões existentes entre submissão, resistência e desejo de transformação. O personagem não representa um herói idealizado, mas um sujeito que enfrenta conflitos éticos permanentes diante da violência institucionalizada.

Pierre Tanguy, o amigo de Erik, representa outra dimensão da violência retratada na narrativa. Estudante dedicado e intelectualizado, torna-se alvo constante dos veteranos por apresentar características consideradas diferentes pelo grupo.

As humilhações sofridas por Pierre não decorrem de comportamentos agressivos, mas da rejeição às suas preferências culturais, ao seu desempenho acadêmico e à maneira como se posiciona diante dos demais estudantes. Sua trajetória ressalta que o *bullying* frequentemente se dirige àqueles que fogem dos padrões valorizados pelo grupo.

Teles e Maynard (2010), ao analisarem o filme, observam que Pierre simboliza os sujeitos que são transformados em alvo da intolerância simplesmente por representarem aquilo que desafia a homogeneidade imposta pelas relações de poder existentes na instituição.

Sua amizade com Erik constitui um dos poucos espaços de solidariedade presentes na narrativa, demonstrando que vínculos de apoio podem funcionar como estratégias importantes de enfrentamento da violência.

Silverhielm, outro personagem da trama, representa a liderança do grupo de veteranos responsável pela manutenção da ordem informal existente no internato.

Sua autoridade não decorre de normas institucionais, mas da capacidade de impor medo, controlar comportamentos e punir aqueles que desafiam a hierarquia estabelecida.

As práticas desenvolvidas pelos veteranos incluem humilhações públicas, agressões físicas, punições coletivas e diferentes formas de intimidação, características que dialogam diretamente com a definição de *bullying* proposta por Olweus (1993) e desenvolvida por Fante (2005), especialmente no que se refere à repetição das agressões, à intencionalidade e ao desequilíbrio de poder entre os envolvidos.

Nesse contexto, a violência deixa de ser um comportamento individual para transformar-se em mecanismo de organização das relações entre os estudantes.

Outro aspecto relevante da narrativa refere-se ao papel desempenhado pelos adultos.

Professores e direção demonstram conhecimento das agressões praticadas pelos veteranos, mas intervêm de forma limitada ou simplesmente ignoram os acontecimentos.

Essa omissão contribui para legitimar as práticas violentas e reforça a percepção de que determinadas agressões fazem parte da rotina escolar.

Como destaca Saviani (2008), a educação pressupõe intencionalidade. Quando a instituição abdica de seu papel formativo diante dos conflitos, cria condições para que relações autoritárias sejam naturalizadas.

Nessa mesma direção, Candau (2012) defende que a escola deve constituir-se como espaço de diálogo e reconhecimento das diferenças. No internato retratado pelo filme, entretanto, observa-se o movimento inverso: a autoridade institucional reforça estruturas de poder baseadas na submissão e na exclusão.

A análise dos personagens revela que *Evil – Raízes do Mal* não apresenta apenas uma história sobre violência entre estudantes. A narrativa permite compreender diferentes posições ocupadas pelos sujeitos nas relações de poder: aqueles que exercem a violência, aqueles que a sofrem, aqueles que silenciam diante dela e aqueles que, mesmo inseridos nesse contexto, buscam formas de resistência.

Conforme observam Teles e Maynard (2010), o filme ultrapassa a representação de episódios de violência escolar ao revelar mecanismos de autoritarismo e intolerância legitimados institucionalmente. Essa perspectiva aproxima-se da compreensão do *bullying* adotada nesta pesquisa, entendendo-o como um fenômeno relacional, sustentado por práticas sociais que naturalizam a exclusão e o abuso de poder.

Nesse sentido, os personagens analisados constituem importante eixo interpretativo para compreender as categorias discutidas nas próximas seções, especialmente aquelas relacionadas às relações de poder, à naturalização da violência, ao silêncio dos espectadores e ao papel da instituição escolar no enfrentamento do *bullying*.

2.4 VIOLÊNCIA ESCOLAR E *BULLYING*: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS A PARTIR DO FILME

A narrativa de *Evil – Raízes do Mal* (2003) permite compreender diferentes manifestações da violência presentes no ambiente escolar, demonstrando que esse fenômeno não se limita às agressões físicas, mas envolve relações de poder, processos de exclusão, humilhações, silenciamentos e formas de dominação que atravessam o cotidiano da instituição. Ao retratar essas situações, o filme estabelece um diálogo com a literatura que discute a violência escolar e o *bullying*, possibilitando refletir sobre a complexidade dessas relações.

Sob essa ótica, as contribuições de Bourdieu (1989) oferecem importantes elementos para compreender as relações de poder que permeiam o cotidiano escolar. Para o autor, "o poder simbólico é um poder de construção da realidade" (Bourdieu, 1989, p. 9), exercido de forma sutil e frequentemente naturalizada pelos próprios sujeitos. No contexto da narrativa, essa perspectiva contribui para interpretar como determinadas práticas de humilhação, exclusão e desvalorização são legitimadas e incorporadas às relações entre os estudantes, dificultando seu reconhecimento como formas de violência.

Conforme discutido anteriormente, a violência retratada no filme não surge de maneira isolada nem pode ser compreendida apenas a partir das características individuais dos personagens. Ela se constrói nas relações estabelecidas entre os sujeitos e é reforçada por

práticas institucionais que, muitas vezes, silenciam, legitimam ou deixam de intervir diante das agressões.

Nesse sentido, Abramovay (2002) destaca que a violência escolar constitui um fenômeno complexo, atravessado por fatores sociais, culturais e institucionais, que não pode ser reduzido a comportamentos individuais. Para a autora, compreender a violência exige considerar o contexto em que ela ocorre e as relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos que compõem o ambiente escolar.

Essa compreensão aproxima-se da narrativa apresentada em *Evil – Raízes do Mal*, na qual as agressões praticadas pelos veteranos deixam de ser episódios isolados para constituírem parte da organização cotidiana do internato. A violência passa a ser aceita como mecanismo de manutenção da hierarquia e da disciplina, sendo naturalizada pelos estudantes e, em muitos momentos, também pelos adultos responsáveis pela instituição.

Embora toda situação de *bullying* constitua uma forma de violência, nem toda violência pode ser caracterizada como *bullying*. Conforme define Olweus (1993), esse fenômeno caracteriza-se pela repetição das agressões ao longo do tempo, pela intencionalidade de causar sofrimento e pela existência de uma relação desigual de poder entre agressor e vítima.

Essa definição é retomada por Fante (2005, p. 28-29), ao afirmar que:

O bullying caracteriza-se como um comportamento agressivo, intencional e repetitivo, adotado por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, dentro de uma relação desigual de poder.

As relações estabelecidas entre veteranos e calouros no internato demonstradas no filme apresentam esses elementos de maneira recorrente. As agressões não ocorrem de forma ocasional, mas fazem parte de um sistema organizado de dominação, no qual os estudantes mais antigos exercem poder sobre os recém-chegados por meio de humilhações, punições e diferentes formas de intimidação.

Outro aspecto apontado na narrativa refere-se ao papel desempenhado pelos espectadores. Em diversas situações, as agressões ocorrem diante de outros estudantes, que permanecem em silêncio, evitam interferir ou demonstram medo de também se tornarem vítimas. Essa postura destaca que o *bullying* não envolve apenas agressor e vítima, mas também aqueles que, por diferentes motivos, contribuem para a manutenção dessas práticas.

Fante (2005) destaca que o silêncio dos espectadores fortalece o agressor e amplia o isolamento da vítima, contribuindo para a continuidade das situações de violência. No filme, essa dinâmica aparece de forma recorrente, revelando como a omissão coletiva pode favorecer a naturalização das agressões no cotidiano escolar.

Considerando as relações entre os estudantes, o estudo também destaca a responsabilidade da instituição escolar diante das situações de violência. Em diferentes momentos, professores e gestores demonstram conhecimento das agressões praticadas pelos veteranos, mas optam por não intervir ou tratam esses episódios como parte da tradição do internato.

Essa representação cinematográfica dialoga com a realidade de muitas instituições de ensino, nas quais o enfrentamento do *bullying* depende, em grande medida, da postura assumida pela escola diante das situações de violência. Nesse sentido, Silva (2010, p. 117) afirma:

O bullying ocorre em todas as escolas, independentemente de sua tradição, localização ou poder aquisitivo dos alunos. Pode-se afirmar que está presente, de forma democrática, em 100% das escolas em todo o mundo, públicas ou particulares. O que pode variar são os índices encontrados em cada realidade escolar. Isso decorre do conhecimento da situação e da postura que cada instituição de ensino adota, ao se deparar com casos de violência entre os alunos.

Essa reflexão aproxima-se das contribuições de Candau (2012), quem a escola deve constituir-se como espaço de diálogo, reconhecimento das diferenças e construção de práticas democráticas de convivência. Quando a instituição deixa de exercer esse papel, cria condições para que relações autoritárias sejam legitimadas e reproduzidas no cotidiano escolar.

Do mesmo modo, Saviani (2008, p. 13) afirma que "o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens". Essa compreensão reforça que a mediação dos conflitos e a promoção da convivência respeitosa não constituem ações secundárias da escola, mas integram sua própria função educativa. A ausência dessa mediação, observada na narrativa cinematográfica, contribui para fortalecer relações baseadas na força, na submissão e no medo.

Outro aspecto relevante refere-se à naturalização da violência. Ao longo da narrativa, observa-se que muitas agressões deixam de causar estranhamento entre os estudantes e passam a ser compreendidas como práticas normais daquele ambiente. Essa banalização da violência constitui um dos elementos que mais dificultam seu enfrentamento, pois impede que determinadas ações sejam reconhecidas como formas de violação dos direitos dos estudantes.

Essa compreensão aproxima-se da reflexão de Teles e Maynard (2010, p. 6), ao afirmarem que "o mal não é algo que nasce espontaneamente. Pelo contrário, ele é construído através de legitimações absurdas, impunidades e abusos de poder".

Essa reflexão dialoga diretamente com a perspectiva adotada nesta pesquisa, ao compreender que o *bullying* não se constitui de forma espontânea, mas é produzido e mantido

em relações marcadas pela naturalização da violência, pelo abuso de poder e pela omissão institucional.

Assim, a narrativa cinematográfica contribui para compreender que o *bullying* não pode ser explicado apenas pelas atitudes dos indivíduos envolvidos. Trata-se de um fenômeno construído nas relações sociais, influenciado pelas formas de organização institucional, pelas práticas educativas e pelos valores compartilhados pelos diferentes sujeitos que compõem o ambiente escolar.

A aproximação entre o filme e os referenciais teóricos discutidos nesta seção permite compreender que a violência escolar e o *bullying* constituem fenômenos complexos, que exigem intervenções igualmente complexas. Essa compreensão fundamenta a discussão desenvolvida na próxima seção, dedicada ao cinema como linguagem, à formação humana e às possibilidades pedagógicas do uso do audiovisual na problematização do *bullying* no contexto escolar.

3 CINEMA E EDUCAÇÃO

Após discutir, na seção anterior, as aproximações entre a narrativa cinematográfica de *Evil – Raízes do Mal* (2003) e as diferentes manifestações da violência escolar e do *bullying*, esta seção volta-se à compreensão do cinema como linguagem e como possibilidade educativa. O objetivo não é defender a utilização do filme apenas como ilustração de conteúdos escolares, mas compreender de que maneira a experiência cinematográfica pode favorecer processos de formação humana, reflexão crítica e problematização de temas que atravessam o cotidiano escolar.

Nessa perspectiva, discutem-se as contribuições de autores que compreendem o cinema como uma linguagem capaz de produzir sentidos, mobilizar emoções e ampliar a leitura da realidade, bem como as possibilidades de sua utilização no contexto educativo. Ao final da seção, essas discussões serão articuladas ao enfrentamento do *bullying*, revelando o potencial do cinema para promover o diálogo, a empatia e a construção de práticas pedagógicas voltadas à convivência respeitosa.

3.1 CINEMA E FORMAÇÃO HUMANA

Até quando ignoraremos o fato de que cinema é conhecimento? [...] Afinal, educação não tem mesmo nada a ver com cinema? Atividades pedagógicas e imagens fílmicas, são necessariamente, incompatíveis? Porque se resiste tanto em reconhecer nos filmes de ficção a dignidade e a legitimidade culturais concedidas, há séculos, à ficção literária? [...] porque o desconhecimento de obras e autores importantes da literatura é visto como um grave problema a ser enfrentado pelos meios educacionais, enquanto o fato de a maioria dos brasileiros ignorar a existência de incontáveis obras da nossa cinematografia (algumas delas incluídas entre as melhores do mundo) é tratado como algo totalmente irrelevante (mesmo nós, professores, muitas vezes desmerecemos essa produção?” (DUARTE, 2002, p.21).

O cinema vem sendo reconhecido por diferentes autores como uma linguagem artística, cultural e educativa, capaz de mobilizar emoções, provocar reflexões e favorecer a construção de novos modos de compreender a realidade. Mais do que um recurso de entretenimento ou um instrumento de apoio ao ensino, constitui uma prática cultural que participa da formação dos sujeitos, favorecendo processos de identificação, interpretação e produção de sentidos.

Nessa perspectiva, compreender o cinema como linguagem implica reconhecer seu potencial para ampliar a leitura da realidade, provocar questionamentos e favorecer a construção de diferentes formas de percepção do mundo. A experiência cinematográfica não se restringe ao ato de assistir a um filme, mas envolve processos de sensibilização, imaginação,

reflexão e elaboração de significados que dialogam com a história, a cultura e as vivências de cada sujeito.

Rosália Duarte (2002) compreende o cinema como uma prática cultural que participa da formação das pessoas ao mobilizar emoções, percepções e modos de interpretar o mundo. Em suas palavras,

"[...] o cinema desempenha um importante papel na formação cultural das pessoas, e ver filmes na televisão ou no cinema pode ser considerada uma prática usual em quase todas as camadas sociais da sociedade, principalmente em ambientes urbanos. Por essas razões não se pode negar que, de um modo ou de outro, o cinema está presente no universo escolar." (DUARTE, 2002, p. 86).

Ao reconhecer o cinema como prática cultural, Duarte desloca sua compreensão para além da dimensão técnica ou instrumental, ressaltando sua capacidade de participar da constituição das identidades, das formas de sentir e das maneiras pelas quais os sujeitos compreendem a realidade. Nesse sentido, assistir a um filme não significa apenas acompanhar uma narrativa, mas estabelecer relações entre as imagens, as experiências pessoais e o contexto histórico e social em que essas produções são realizadas.

Da mesma forma, Xavier (2005, p. 14) afirma que o cinema constitui "um fato de linguagem, um discurso produzido e controlado, de diferentes formas, por uma fonte produtora". Essa compreensão enfatiza que o cinema não apenas reproduz a realidade, mas constrói modos de olhar e interpretar o mundo. Ao selecionar enquadramentos, organizar narrativas, definir tempos, espaços e personagens, a linguagem cinematográfica participa da produção de sentidos, influenciando a maneira como os sujeitos compreendem as relações sociais e constroem suas visões de mundo.

Em diálogo com essa perspectiva, Almeida (2024, p. 69), afirma que o cinema pode ser entendido como:

Uma produção cultural que não apenas inventa histórias, mas que, na complexidade da produção de sentidos, vai criando, substituindo, limitando, incluindo e excluindo 'realidades'.

Essa compreensão amplia o entendimento do cinema como linguagem formativa, reconhecendo que sua ação educativa não está apenas nas histórias narradas, mas também na forma como essas narrativas produzem significados, despertam emoções e provocam novas leituras da realidade.

Almeida (2024, p. 175) destaca que é possível aprender com o cinema a (des)educar o olhar, justamente porque ele se instala entre as tensões do real e da ficção [...] propondo novos modos de olhar e questionar a realidade.

A ideia de "(des)educar o olhar" permite compreender que o cinema favorece processos de formação humana ao provocar deslocamentos nas formas habituais de perceber o mundo. Ao colocar o espectador diante de diferentes narrativas, conflitos, personagens e contextos sociais, amplia as possibilidades de interpretação da realidade e favorece o exercício da sensibilidade, da empatia e da reflexão crítica.

Sob essa perspectiva, o cinema constitui uma linguagem que ultrapassa a função de entretenimento e se consolida como importante elemento de formação cultural e humana. Ao possibilitar diferentes formas de compreender as experiências sociais, contribui para a construção de sujeitos mais sensíveis às diferenças, capazes de problematizar a realidade e de produzir novas formas de leitura do mundo.

Essa compreensão amplia o entendimento do cinema como linguagem formativa, reconhecendo que o seu caráter pedagógico não está apenas nas histórias narradas, mas também na forma como essas narrativas produzem significados, despertam emoções e provocam novas leituras da realidade.

Sob essa perspectiva, o cinema constitui uma linguagem que ultrapassa a função de entretenimento e se consolida como importante elemento de formação cultural e humana. Ao possibilitar diferentes formas de compreender as experiências sociais, contribui para a construção de sujeitos mais sensíveis às diferenças, capazes de problematizar a realidade e de produzir novas formas de leitura do mundo.

Ao discutir as relações entre cinema e educação, Bauer (2024, p. 4) sublinha o potencial formativo dessa linguagem no ambiente escolar ao afirmar que:

A compreensão dos fundamentos epistemológicos, políticos e educacionais do cinema [...] nos remetem para uma infinidade de possibilidades [...] preocupadas com a formação humana e os processos de sociabilidade que se produzem na cotidianidade da escola.

Desse modo, o cinema deixa de ser apenas um recurso didático para constituir-se como uma linguagem capaz de favorecer processos de formação humana, ampliar repertórios culturais e promover reflexões sobre as relações sociais, constituindo-se como uma possibilidade pedagógica para problematizar o *bullying* e a violência escolar..

3.2 O CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

As reflexões apresentadas na seção anterior reforçam que o cinema constitui uma linguagem capaz de participar da formação humana, mobilizando emoções, produzindo sentidos e ampliando as formas de compreender a realidade. Entretanto, reconhecer esse potencial formativo implica refletir também sobre sua inserção no contexto escolar e sobre as possibilidades de sua utilização como recurso pedagógico.

Nesse sentido, a presença do cinema na escola ultrapassa a função de entretenimento ou de simples ilustração de conteúdos curriculares. Quando inserido em propostas pedagógicas planejadas e mediadas pelo professor, o cinema favorece experiências de aprendizagem que articulam conhecimentos, sensibilidade, reflexão crítica e diálogo, contribuindo para a construção de práticas educativas mais significativas.

Embora os filmes façam parte do cotidiano de crianças, jovens e adultos, seu uso na escola ainda ocorre, muitas vezes, de maneira pontual ou restrito à ilustração de conteúdos. Nesses casos, o cinema acaba sendo reduzido a um recurso complementar, utilizado apenas para tornar as aulas mais atrativas, sem que suas potencialidades educativas sejam efetivamente exploradas.

Nesse sentido, Napolitano (2010, p. 28) ressalta que "o importante é não ficar apenas no filme como 'ilustração', mas usar criticamente a narrativa e as representações fílmicas como elementos propulsores de pesquisas e debates temáticos". Nessa perspectiva, o potencial pedagógico do cinema não reside apenas na exibição da obra, mas na forma como ela é planejada e mediada pelo professor. A intencionalidade pedagógica possibilita que os estudantes desenvolvam uma leitura crítica das imagens, compreendam os contextos apresentados e estabeleçam relações entre a narrativa cinematográfica e a realidade em que vivem.

Essa compreensão aproxima-se da reflexão de Almeida (2024, p. 65-66), ao afirmar que:

Buscar as bases educativas do cinema visa superar qualquer relação de subordinação ou instrumentalização dos filmes a objetivos didático-pedagógicos pré-estabelecidos pelos currículos. [...] o que se critica aqui não é o uso de filmes na sala de aula [...] mas a prática de reduzi-lo à mera ilustração de um ponto da matéria estudada.

Essa crítica convida a repensar práticas ainda recorrentes nas escolas, nas quais o filme é utilizado apenas como apoio ao conteúdo ou como atividade para preencher determinado momento da rotina. Nessa perspectiva, o cinema perde sua essência comunicativa como

linguagem e passa a ocupar uma função meramente ilustrativa, distante das possibilidades de reflexão, problematização e produção de sentidos que lhe são próprias.

Ao discutir a presença do cinema na escola, Fantin (2007, p. 10) defende que a educação deve assegurar uma "apropriação crítica e criativa das mídias", por meio de um percurso que contemple experiências de "fruição, análise e criação". Nessa perspectiva, o trabalho com a linguagem audiovisual ultrapassa a simples exibição de filmes, favorecendo a leitura crítica das imagens, a participação ativa dos estudantes e a construção de novos significados a partir das narrativas cinematográficas. Como ressalta a autora, o cinema pode ser compreendido como "instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos" (FANTIN, 2007, p. 3), contribuindo para ampliar repertórios culturais e favorecer processos de formação estética, ética e cidadã.

Na mesma direção, Fresquet (2013, p. 96) propõe compreender o cinema como uma experiência artística capaz de ampliar as possibilidades educativas, ao afirmar que a escola pode tornar-se um "espaço de comunicação e troca de aventuras intelectuais, afetivas e sensíveis". Nessa perspectiva, o encontro entre estudantes e cinema não deve restringir-se à transmissão de conteúdos, mas favorecer processos de criação, imaginação, sensibilidade e expressão, contribuindo para práticas de emancipação intelectual, ética e estética (FRESQUET, 2013).

Segundo Fresquet (2013, p. 112), o trabalho com o cinema pode favorecer práticas de "emancipação intelectual, ética e estética", ampliando as possibilidades de participação dos estudantes e contribuindo para a construção de experiências educativas mais significativas.

Nessa perspectiva, o professor assume papel fundamental como mediador da experiência cinematográfica. Sua atuação não consiste apenas em selecionar um filme, mas em criar condições para que os estudantes possam interpretar as narrativas, levantar questionamentos, estabelecer relações com suas próprias experiências e produzir novas leituras sobre a realidade.

Desse modo, o cinema deixa de ocupar um lugar secundário na prática pedagógica para constituir-se como linguagem capaz de mobilizar conhecimentos, emoções, valores e diferentes formas de compreender o mundo. Sua utilização na escola amplia as possibilidades de diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e favorece práticas pedagógicas mais participativas, críticas e contextualizadas.

Essa compreensão encontra respaldo também nas políticas educacionais brasileiras, que reconhecem o cinema como uma linguagem relevante para a formação dos estudantes. A Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

(LDB), tornando obrigatória a exibição de, no mínimo, duas horas mensais de filmes nacionais nas escolas de educação básica, como atividade integrada à proposta pedagógica. Embora a legislação não estabeleça metodologias específicas para sua utilização, ela reforça a presença do cinema como possibilidade educativa no currículo escolar.

Nesse sentido, o cinema amplia as possibilidades de aprendizagem ao aproximar estudantes e professores de diferentes histórias, culturas e formas de compreender o mundo. Para Xavier (2005, p. 14), o cinema constitui "um fato de linguagem, um discurso produzido e controlado, de diferentes formas, por uma fonte produtora". Nessa perspectiva, a linguagem cinematográfica não reproduz a realidade de forma neutra, mas constrói representações que mobilizam o espectador a interpretar criticamente as imagens, os discursos e as relações sociais nelas representadas.

Dessa forma, compreender o cinema como recurso pedagógico significa reconhecer que sua contribuição para a educação não está apenas na transmissão de conteúdos, mas na possibilidade de favorecer experiências de reflexão, diálogo e construção coletiva de sentidos. Quando mediado de forma intencional, o cinema amplia as possibilidades de leitura crítica da realidade e fortalece práticas educativas comprometidas com a formação humana, elemento particularmente relevante na abordagem de temas sensíveis, como a violência escolar e o *bullying*.

3.3 O CINEMA COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA PARA A PROBLEMATIZAÇÃO DO *BULLYING*

Compreender o *bullying* como um fenômeno complexo, relacional e frequentemente naturalizado no cotidiano escolar exige estratégias pedagógicas que favoreçam a reflexão, o diálogo e a construção coletiva de novos significados. Nessa perspectiva, o cinema apresenta-se como uma linguagem capaz de ampliar as possibilidades de discussão sobre temas sensíveis, permitindo que situações de violência sejam observadas, analisadas e problematizadas em um contexto de mediação pedagógica.

Ao retratar conflitos, relações de poder, exclusões e diferentes formas de violência, as narrativas cinematográficas possibilitam que estudantes e educadores estabeleçam relações entre a ficção e a realidade, favorecendo processos de identificação e distanciamento crítico. Em vez de abordar o *bullying* apenas por meio de conceitos ou normas de convivência, o cinema

permite que esse fenômeno seja discutido a partir de experiências, emoções e dilemas vivenciados pelos personagens.

Napolitano (2010, p. 14-15), defende que o educador deve "atuar como mediador entre a obra e os alunos, não apenas preparando a classe antes do filme como também propondo desdobramentos articulados a outras atividades". Nessa perspectiva, o potencial educativo do cinema não reside na simples exibição do filme, mas na mediação pedagógica que favorece a leitura crítica das imagens, a interpretação das narrativas e o diálogo entre a obra cinematográfica e a realidade vivida pelos estudantes.

Essa compreensão também encontra respaldo em Duarte (2002), ao entender o cinema como uma prática cultural capaz de participar da formação dos sujeitos. Ao assistir a um filme, o espectador não apenas acompanha uma história, mas estabelece relações entre as situações representadas, suas próprias experiências e os diferentes contextos sociais dos quais participa. Dessa forma, o cinema amplia as possibilidades de reflexão sobre temas presentes no cotidiano escolar, favorecendo novas formas de compreender a realidade.

Fantin (2006, p. 319) destaca que "a vivência da experiência fílmica – fruição, análise, compreensão criativa e produção de mídias em contextos educativos – pode contribuir para que a poesia do cinema se manifeste na participação estética das crianças, em sua cultura e experiência coletiva de significação". Nesse sentido, o cinema, enquanto linguagem, favorece a produção de sentidos e amplia as possibilidades de experiências estéticas e reflexivas, contribuindo para o diálogo sobre questões complexas, como preconceito, discriminação, exclusão e violência com o intuito de superar as abordagens meramente normativas ou conceituais.

Ao acompanhar as trajetórias dos personagens do filme, os estudantes podem reconhecer situações semelhantes às vividas em seu cotidiano sem, necessariamente, ocupar naquele momento o lugar da vítima, do agressor ou do espectador. Esse distanciamento proporcionado pela narrativa cinematográfica favorece processos de identificação e empatia, criando condições para que práticas frequentemente naturalizadas sejam observadas sob novas perspectivas. Nesse sentido, o cinema constitui uma linguagem capaz de favorecer a escuta, o diálogo e a reflexão coletiva, elementos fundamentais para a problematização do *bullying* no contexto escolar.

Sob essa perspectiva, *Evil – Raízes do Mal* constitui uma obra particularmente relevante para a problematização do *bullying* no contexto escolar. Embora ambientado em um internato sueco da década de 1950, o filme apresenta situações que permanecem atuais, como a

naturalização das agressões, o silêncio dos espectadores, a omissão institucional e as relações de poder estabelecidas entre os estudantes. Esses elementos fazem com que a narrativa ultrapasse seu contexto histórico e dialogue com desafios ainda presentes nas escolas contemporâneas.

A escolha dessa obra para a presente pesquisa não se deu apenas pelo fato de abordar episódios de violência entre estudantes, mas por possibilitar reflexões sobre os mecanismos que sustentam essas práticas e dificultam seu enfrentamento. Ao longo da narrativa, as agressões deixam de ser apresentadas como acontecimentos isolados e passam a revelar uma estrutura marcada pela repetição, pela intimidação e pela legitimação da violência como forma de manutenção da ordem e da hierarquia.

Essa leitura se aproxima do que Teles e Maynard (2010, p. 6) afirmam:

Evil – Raízes do Mal não deve ser, em hipótese alguma, encarada como mais um filme de violência estudantil. Pelo contrário, deve ser interpretada como uma espécie de laboratório onde possamos enxergar de forma micro as conturbações e os dilemas surgidos em um espaço onde a intolerância é legitimada.

Essa interpretação reforça a compreensão de que a obra oferece importantes possibilidades para a análise crítica das relações de violência presentes nas instituições educativas.

Ao acompanhar a trajetória de Erik Ponti, o espectador é levado a refletir não apenas sobre as agressões sofridas pelo personagem, mas também sobre as condições que permitem que essas violências se mantenham. A postura dos estudantes, a ausência de intervenções efetivas por parte dos adultos e a aceitação das práticas violentas como parte da tradição escolar indicam que o problema ultrapassa os comportamentos individuais e envolve aspectos institucionais e culturais.

Assim, o filme favorece discussões sobre temas que frequentemente atravessam o cotidiano das escolas, como a banalização da violência, o medo de denunciar, a pressão exercida pelos grupos, a omissão diante das agressões e as dificuldades encontradas pelos educadores para intervir em situações de conflito. Mais do que apresentar respostas prontas, a narrativa cria oportunidades para que essas questões sejam debatidas coletivamente, ampliando as possibilidades de compreensão do fenômeno e estimulando o desenvolvimento de uma postura crítica diante das relações estabelecidas no ambiente escolar.

A possibilidade de discutir o *bullying* por meio do cinema não está apenas na temática apresentada pelo filme, mas na forma como essa narrativa é apropriada no contexto educativo. Conforme discutido anteriormente, a simples exibição de um filme não garante processos de

aprendizagem nem mudanças nas formas de convivência. É a mediação realizada pelo professor que possibilita transformar as experiências vividas pelos personagens em oportunidades de reflexão sobre situações presentes no cotidiano escolar.

Ao propor questionamentos, incentivar o diálogo e favorecer a escuta entre os estudantes, o educador amplia as possibilidades de leitura crítica das cenas. Como afirma Bergala (2008, p. 31), "a arte não se ensina, ela se encontra, se experimenta, se transmite por outras vias que não as do saber". Desse modo, diferentes interpretações podem ser compartilhadas e problematizadas coletivamente, permitindo que o encontro com a obra cinematográfica favoreça processos de reflexão, sensibilidade e construção de sentidos.

Essa mediação contribui para que o *bullying* deixe de ser compreendido apenas como um conflito entre indivíduos e passe a ser analisado como um fenômeno que envolve relações de poder, preconceitos, exclusões e formas de violência que podem estar presentes nas interações cotidianas da escola.

Desse modo, o cinema favorece a criação de espaços de diálogo nos quais os estudantes podem expressar suas percepções, confrontar diferentes pontos de vista e refletir sobre as consequências das atitudes assumidas pelos personagens. Esse movimento contribui para o desenvolvimento da empatia, da capacidade de escuta e do respeito às diferenças, aspectos fundamentais para a construção de relações mais democráticas no ambiente escolar.

Ao refletir sobre o cinema na educação, Napolitano (2010, p. 15) afirma que:

A escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar.

Nessa lógica, Fantin (2006, p. 319) defende que a experiência fílmica envolve "fruição, análise, compreensão criativa e produção de mídias em contextos educativos", contribuindo para a participação estética e para a construção coletiva de significados. Complementando essa ideia, Fresquet (2013) compreende o cinema como uma experiência estética capaz de favorecer processos de emancipação intelectual, ética e estética.

Sob esse olhar, o filme *Evil – Raízes do Mal* apresenta potencial para desencadear discussões sobre diferentes dimensões do *bullying*, como a naturalização da violência, a omissão diante das agressões, a influência dos grupos, o abuso de poder e a responsabilidade dos adultos na mediação dos conflitos. Essas questões não aparecem como respostas prontas na narrativa, mas como situações que convidam os espectadores a refletir, interpretar e posicionar-se criticamente diante dos acontecimentos apresentados.

É nessa perspectiva que se insere o produto educacional desenvolvido nesta pesquisa. A proposta não consiste em utilizar o filme apenas como ilustração do fenômeno do *bullying*, mas em oferecer aos educadores possibilidades de mediação pedagógica que favoreçam a reflexão crítica, o diálogo e a construção coletiva de estratégias de enfrentamento da violência escolar.

O *e-book* elaborado como produto educacional apresenta sugestões de atividades organizadas para os momentos que antecedem, acompanham e sucedem a exibição do filme, buscando ampliar as possibilidades de participação dos estudantes e favorecer a articulação entre a narrativa cinematográfica e as experiências vividas no cotidiano escolar. As propostas contemplam rodas de conversa, questões problematizadoras, produções escritas e atividades de reflexão coletiva, compreendendo que o enfrentamento do *bullying* exige processos educativos contínuos e não intervenções pontuais.

Assim, o cinema deixa de ocupar uma posição secundária na prática pedagógica e passa a constituir-se como uma linguagem capaz de promover experiências formativas que contribuem para o fortalecimento da convivência, da empatia e do respeito às diferenças. É nessa direção que a presente pesquisa compreende o uso do cinema como uma possibilidade pedagógica de sensibilizar, provocar questionamentos e favorecer a construção de ambientes escolares mais acolhedores e democráticos.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 PESQUISA QUALITATIVA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma investigação de abordagem qualitativa, por compreender que o *bullying* envolve dimensões subjetivas, relacionais e contextuais que não podem ser apreendidas apenas por meio de dados quantitativos. Buscou-se compreender os significados atribuídos pelos educadores às situações vivenciadas em seu cotidiano profissional, considerando suas percepções, interpretações e experiências diante das manifestações de violência e *bullying*.

Conforme afirma Minayo (2014, p. 21), a pesquisa qualitativa "trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes". Ainda segundo a autora, trata-se de uma abordagem que "se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado" (MINAYO, 2014, p. 21), característica que justifica sua adoção nesta investigação, uma vez que o objetivo não consiste em mensurar a ocorrência do *bullying*, mas compreender como esse fenômeno é percebido e interpretado pelos participantes da pesquisa.

Essa compreensão também encontra respaldo em Gil (2008, p. 26), ao afirmar que "a pesquisa social pode ser definida como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social". Para Severino (2007), a escolha metodológica deve manter coerência com a natureza do objeto investigado, possibilitando interpretar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e garantindo rigor ao processo investigativo.

A opção pela abordagem qualitativa também se justifica pelo propósito desta pesquisa de compreender o *bullying* e analisar como esse fenômeno é percebido, interpretado e enfrentado por profissionais que atuam diretamente com crianças e adolescentes. Nessa perspectiva, interessou compreender as experiências, os sentidos atribuídos pelos participantes e as relações estabelecidas entre os diferentes contextos investigados.

Segundo Minayo (2014), a pesquisa qualitativa permite compreender os fenômenos em sua complexidade, considerando os sujeitos inseridos em seus contextos sociais, históricos e culturais. Essa perspectiva mostrou-se particularmente adequada ao objeto desta investigação, uma vez que o *bullying* não se manifesta de forma isolada, mas é atravessado pelas relações de convivência, pelas práticas institucionais e pelas condições sociais presentes no cotidiano escolar.

Ao tratar dos fundamentos da pesquisa científica, Gil (2008, p. 17) afirma que "a pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos". Sob essa ótica, a definição dos procedimentos metodológicos deve guardar coerência com os objetivos da investigação e com a natureza do objeto estudado.

Assim, esta pesquisa fundamentou-se na realização de entrevistas semiestruturadas com profissionais da educação que atuam em uma escola municipal e em um Centro para Crianças e Adolescentes, complementadas pela análise documental do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar e por observações de caráter exploratório realizadas ao longo da investigação. A utilização de diferentes procedimentos possibilitou confrontar informações advindas de diferentes fontes, contribuindo para uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado.

O filme *Evil – Raízes do Mal* (2003) constituiu um importante referencial para a construção das análises desenvolvidas nesta pesquisa. A obra não foi utilizada como fonte de dados, mas como dispositivo analítico, dialogando com o referencial teórico e contribuindo para a problematização das categorias que orientaram a interpretação das entrevistas realizadas com os participantes.

4.2 PERCURSO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da inquietação provocada pelas situações de violência e *bullying* observadas ao longo da atuação profissional da pesquisadora no contexto educacional. A convivência cotidiana com estudantes e educadores revelou que, embora o *bullying* seja amplamente reconhecido como um problema presente nas escolas, sua identificação e enfrentamento ainda representam desafios para os profissionais da educação.

Inicialmente, a investigação voltou-se exclusivamente para o contexto escolar. No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, entretanto, verificou-se que parte significativa dos estudantes também frequentava um CCA (Centro para Crianças e Adolescentes, localizado no mesmo território da escola investigada. Essa constatação ampliou o campo da pesquisa, possibilitando compreender o *bullying* em diferentes espaços educativos frequentados pelos mesmos sujeitos.

A inclusão do CCA permitiu ampliar o olhar sobre as relações estabelecidas entre crianças e adolescentes não apenas circunscritas ao espaço escolar, considerando que as experiências de convivência, os conflitos e as formas de interação se estendem a outros

contextos educativos. Assim, a pesquisa passou a contemplar dois espaços distintos, porém articulados entre si: uma escola pública municipal e um Centro para Crianças e Adolescentes, ambos situados no mesmo território.

A escolha desses espaços mostrou-se pertinente por possibilitar a escuta de profissionais que acompanham os estudantes em momentos distintos do cotidiano, ampliando as possibilidades de compreensão sobre as manifestações do *bullying* e sobre as estratégias utilizadas para seu enfrentamento.

Ao lado da definição dos espaços investigados, outro aspecto importante do percurso metodológico foi a escolha do filme *Evil – Raízes do Mal (2003)* como eixo de diálogo com a pesquisa. A obra foi selecionada por apresentar situações que problematizam as relações de poder, a naturalização da violência, a omissão institucional e os processos de exclusão presentes no ambiente escolar, aspectos que dialogam diretamente com os objetivos desta investigação e com as categorias construídas para a análise dos dados.

Após a definição dos objetivos da pesquisa e dos contextos investigados, foram realizados os procedimentos necessários para sua execução, observando os princípios éticos que orientam as pesquisas com seres humanos.

A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, escolhidas por possibilitarem aos participantes expressar livremente suas percepções, experiências e interpretações sobre o fenômeno investigado, ao mesmo tempo em que garantiam certa uniformidade na condução das entrevistas. Conforme destaca Minayo (2014), esse tipo de entrevista permite ao pesquisador aprofundar questões emergentes durante o diálogo, favorecendo uma compreensão mais ampla dos significados atribuídos pelos participantes às situações vivenciadas.

Para orientar esse processo, foi elaborado previamente um roteiro composto por questões relacionadas à compreensão do *bullying*, às manifestações observadas nos contextos investigados, às estratégias utilizadas para seu enfrentamento e às possibilidades de utilização do cinema como recurso pedagógico. Embora as perguntas orientassem as entrevistas, os participantes tiveram liberdade para ampliar suas respostas, apresentar exemplos e compartilhar experiências consideradas relevantes para a pesquisa.

Simultaneamente a utilização das entrevistas, realizou-se pesquisa documental no PPP (Projeto Político-Pedagógico) da unidade escolar, buscando identificar informações referentes ao perfil dos estudantes, às características do território, às formas de organização da escola e aos registros relacionados às situações de violência e *bullying*. Conforme Gil (2008), a pesquisa

documental constitui importante fonte de informações ao utilizar materiais produzidos pelas próprias instituições, contribuindo para contextualizar o objeto investigado.

As informações obtidas por meio das entrevistas e da análise documental foram complementadas por observações de caráter exploratório realizadas ao longo da pesquisa. Essas observações não constituíram um procedimento sistemático de coleta de dados, mas contribuíram para ampliar a compreensão do contexto investigado e das relações estabelecidas entre os sujeitos nos diferentes espaços educativos.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em datas previamente agendadas, respeitando a disponibilidade dos participantes e garantindo um ambiente que favorecesse o diálogo e a livre manifestação de suas experiências e percepções. Mediante autorização dos entrevistados, os encontros foram gravados em áudio para assegurar maior fidelidade aos relatos e, posteriormente, transcritos na íntegra para análise.

Ao longo do processo investigativo, buscou-se estabelecer uma relação de escuta atenta e respeito às experiências compartilhadas pelos participantes, compreendendo que os significados atribuídos às situações de violência e *bullying* são construídos a partir de suas trajetórias profissionais e dos contextos em que atuam. Assim, mais do que identificar respostas previamente esperadas, a pesquisa procurou compreender como esses profissionais interpretam o fenômeno, os desafios encontrados em seu cotidiano e as possibilidades de enfrentamento construídas em suas práticas.

A opção por diferentes procedimentos metodológicos — entrevistas semiestruturadas, pesquisa documental e observações exploratórias — permitiu uma aproximação mais ampla do objeto investigado, favorecendo o diálogo entre distintas fontes de informação e ampliando as possibilidades de compreensão do fenômeno estudado.

Definido o percurso metodológico e os procedimentos de produção dos dados, torna-se necessário apresentar os contextos em que a pesquisa foi desenvolvida, bem como as características dos espaços investigados, aspectos fundamentais para compreender as relações de convivência e as manifestações de *bullying* analisadas neste estudo.

4.3 ESPAÇOS INVESTIGADOS

A pesquisa foi realizada em dois espaços educativos que se articulam diretamente no cotidiano dos estudantes: uma escola pública municipal de Ensino Fundamental (EMEF) e um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), ambos localizados no mesmo território, na zona

leste do município de São Paulo. A escolha desses contextos decorreu do fato de atenderem, em grande parte, os mesmos estudantes, possibilitando compreender as relações de convivência e as manifestações de *bullying* em diferentes espaços educativos.

A presença desses dois contextos amplia a compreensão do fenômeno investigado, uma vez que as experiências vividas pelos estudantes não se restringem ao ambiente escolar. As relações estabelecidas na escola se prolongam em outros espaços de convivência, nos quais também se manifestam conflitos, disputas, relações de poder e formas de violência. Assim, o *bullying* é compreendido nesta pesquisa como um fenômeno que ultrapassa os limites da sala de aula e se constitui nas diferentes interações sociais vivenciadas pelos estudantes.

Essa perspectiva aproxima-se das contribuições de Abramovay (2002), ao destacar que a violência escolar não pode ser compreendida de forma isolada, mas articulada às relações sociais mais amplas, às condições de vida dos estudantes e às dinâmicas presentes no território em que a escola está inserida.

Para caracterizar os espaços investigados, realizou-se pesquisa documental no PPP (Projeto Político-Pedagógico) da unidade escolar, complementada por informações obtidas durante o desenvolvimento da pesquisa. Esses documentos possibilitaram compreender aspectos relacionados à organização da escola, ao perfil dos estudantes, às características do território e às situações de violência registradas pela própria instituição, contribuindo para contextualizar o campo investigado.

A unidade escolar investigada é uma escola pública municipal de Ensino Fundamental, localizada na zona leste do município de São Paulo. A instituição integra um CEU (Centro Educacional Unificado) que articula diferentes dimensões, como educação, cultura, esporte e lazer, ampliando as possibilidades de desenvolvimento de atividades pedagógicas e de convivência entre os estudantes.

A escola dispõe de diferentes espaços educativos, entre eles biblioteca, laboratório de educação digital, sala de ciências, salas ambientes e áreas de convivência, que favorecem a realização de práticas pedagógicas diversificadas e ampliam as oportunidades de interação entre crianças e adolescentes.

Com o objetivo de contextualizar o ambiente em que a pesquisa foi desenvolvida, apresenta-se, a seguir, a caracterização geral da unidade educacional.

Quadro 2: Caracterização da Unidade Educacional

Aspecto	Descrição
Tipo de unidade	Escola pública municipal
Etapa de ensino	Ensino Fundamental
Público atendido	Crianças e adolescentes
Áreas de convivência	Espaços internos e externos que favorecem a interação entre os estudantes
Proposta pedagógica	Desenvolvimento integral dos estudantes, considerando múltiplas linguagens e experiências

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Os dados apresentados mostram uma instituição que ultrapassa a organização tradicional da sala de aula, oferecendo diferentes espaços destinados às práticas pedagógicas e à convivência entre os estudantes. Ao mesmo tempo em que esses ambientes ampliam as possibilidades de aprendizagem, também constituem locais em que se estabelecem relações sociais, conflitos e formas de interação que integram o cotidiano escolar e dialogam com o objeto desta investigação.

Ao lado da preocupação com a organização da unidade educacional, tornou-se necessário compreender o território em que ela está inserida, considerando que as características sociais, econômicas e culturais da comunidade influenciam diretamente as relações construídas no ambiente escolar.

O território em que a escola está inserida apresenta características que contribuem para a compreensão das relações estabelecidas no cotidiano escolar. Trata-se de uma região marcada por alta densidade populacional, predominância de famílias de baixa renda e desafios relacionados ao acesso a serviços públicos e oportunidades sociais.

Quadro 3: Caracterização do território de inserção da escola

Aspecto	Descrição
Localização	Zona leste do município de São Paulo
Características sociais	Região com alta densidade populacional
Condições socioeconômicas	Predominância de famílias de baixa renda
Acesso a serviços	Desafios relacionados ao acesso a serviços públicos e oportunidades sociais
Dinâmicas sociais	Presença de situações de vulnerabilidade social
Impactos no contexto escolar	Influência nas relações entre estudantes e nas manifestações de violência no cotidiano

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

As características apresentadas apontam um território atravessado por diferentes vulnerabilidades sociais, que influenciam as experiências vividas pelos estudantes e pelas famílias. Embora essas condições não determinem os comportamentos individuais, constituem elementos importantes para compreender o contexto em que as relações escolares se desenvolvem.

A escola atende aproximadamente 700 estudantes, distribuídos entre os períodos da manhã, da tarde e do ensino em tempo integral. No período da manhã são atendidos cerca de 362 estudantes, enquanto o período da tarde contempla aproximadamente 338 alunos, incluindo turmas do ensino integral organizadas entre o 1º e o 3º ano do Ensino Fundamental.

A dimensão da unidade escolar e o elevado número de estudantes tornam o cotidiano institucional bastante dinâmico, exigindo diferentes formas de organização dos tempos, espaços e relações de convivência. Essas características reforçam a importância de compreender o contexto em que a pesquisa foi desenvolvida, sem perder de vista que as relações estabelecidas na escola também dialogam com outros espaços frequentados pelos estudantes.

A partir da caracterização da escola e do território, torna-se relevante apresentar o perfil sociocultural da comunidade escolar, uma vez que esses elementos contribuem para contextualizar as experiências vividas pelos estudantes e compreender o cenário em que esta investigação foi realizada.

O PPP da unidade escolar também possibilitou conhecer aspectos relacionados ao perfil sociocultural dos estudantes e de suas famílias. As informações nele contidas evidenciam uma comunidade marcada pela diversidade cultural e por diferentes trajetórias de vida, constituindo importante elemento para a compreensão do contexto investigado.

Quadro 4: Perfil sociocultural dos estudantes participantes à luz do PPP da escola

Aspectos	Descrição
Origem familiar	Predominância de famílias oriundas de outras regiões do país
Diversidade cultural	Presença de diferentes trajetórias culturais e sociais
Condições econômicas	Situações relacionadas à renda e acesso ao trabalho
Participação familiar	Desafios na participação da família na vida escolar
Vivências escolares	Relatos de situações de <i>bullying</i> entre os estudantes
Tipos de situações relatadas	Apelidos, exclusão, humilhações relacionadas à aparência e diferenças individuais

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Os dados apresentados indicam a predominância de famílias oriundas de diferentes regiões do país, além de desafios relacionados às condições econômicas e à participação familiar na vida escolar. O documento também registra situações recorrentes de apelidos,

exclusões e humilhações relacionadas às diferenças individuais, informações que contribuíram para contextualizar o fenômeno investigado e orientar a análise desenvolvida nesta pesquisa.

A investigação contemplou um Centro para Crianças e Adolescentes, serviço socioeducativo localizado no mesmo território e frequentado por parte significativa dos estudantes da unidade escolar no período de contraturno. A inclusão desse espaço ampliou as possibilidades de compreender as relações de convivência para além do ambiente escolar, considerando que os estudantes estabelecem vínculos e interações em diferentes contextos educativos. A caracterização dos campos de pesquisa foi elaborada com base nas informações extraídas do Plano de Aditamento, documento institucional disponibilizado pela instituição.

Quadro 5: Caracterização do Centro para Crianças e Adolescentes

Aspecto	Descrição
Tipo de instituição	Serviço socioeducativo complementar à escola
Público atendido	Crianças e adolescentes em período de contraturno escolar
Faixa etária	Estudantes do Ensino Fundamental
Quantidade de alunos atendidos	120 crianças/adolescentes
Turnos	Manhã e tarde
Quantidade de alunos atendidos por turno	60 crianças/adolescentes
Objetivo	Desenvolvimento integral por meio de atividades educativas, culturais e de convivência
Atividades desenvolvidas	Oficinas, atividades lúdicas, culturais e socioeducativas
Relação com a escola	Atende estudantes da unidade escolar investigada, articulando-se com o cotidiano escolar
Convivência	Espaço de interação entre pares, onde também se manifestam conflitos e relações de grupo
Relevância para a pesquisa	Possibilita observar as relações entre estudantes em diferentes contextos educativos

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

O CCA atende aproximadamente 120 crianças e adolescentes, distribuídos entre os períodos da manhã e da tarde, desenvolvendo atividades educativas, culturais, esportivas e de convivência. Embora possua objetivos e organização distintos da escola, o serviço mantém estreita relação com o cotidiano escolar, uma vez que atende, em sua maioria, estudantes matriculados na unidade educacional investigada.

A articulação entre esses dois espaços ampliou a compreensão do fenômeno estudado, considerando que as relações dos estudantes se estendem para além da escola, alcançando outros contextos educativos.

4.4 PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa sete profissionais da educação, sendo três vinculados à escola municipal investigada e quatro ao CCA. A escolha dos participantes ocorreu de forma intencional, considerando profissionais que atuavam diretamente com crianças e adolescentes e que, em razão de suas funções, acompanhavam situações relacionadas à convivência, aos conflitos e às manifestações de *bullying* nos diferentes contextos educativos.

Na escola participaram uma coordenadora pedagógica, uma auxiliar técnica de educação e um professor. No CCA participaram a gerente de serviço, a assistente técnica e três orientadoras socioeducativas. A composição desse grupo possibilitou reunir diferentes perspectivas sobre o fenômeno investigado, considerando profissionais que exercem funções distintas, mas que compartilham o acompanhamento cotidiano dos estudantes.

Conforme destaca Minayo (2014), na pesquisa qualitativa a escolha dos participantes não está relacionada à representatividade estatística, mas à possibilidade de reunir sujeitos cujas experiências contribuam para a compreensão aprofundada do fenômeno investigado. Nesse sentido, buscou-se selecionar profissionais que, por sua atuação, pudessem compartilhar experiências, percepções e estratégias relacionadas ao enfrentamento do *bullying*.

Como procedimentos éticos, os participantes receberam a Carta de Apresentação da Pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a Declaração de Consentimento para Participação, em versões com ou sem autorização para divulgação do nome, conforme opção registrada por escrito pelo participante, e o Termo de Autorização para Gravação em Áudio. Todos foram informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos de produção dos dados, o caráter voluntário da participação, a possibilidade de desistência a qualquer momento e as garantias de confidencialidade. As entrevistas foram gravadas exclusivamente para fins de análise, mediante autorização dos participantes, sendo assegurado que a identificação nominal somente ocorreria mediante consentimento expresso por escrito.

Todos os participantes autorizaram a utilização de seus nomes na pesquisa, com exceção de uma participante, que solicitou a preservação de sua identidade. Em respeito à sua decisão, ela foi identificada ao longo deste trabalho pelo pseudônimo Joana, a seu pedido. Quanto às instituições participantes, seus nomes foram preservados, sendo apresentadas apenas as informações necessárias para a contextualização da pesquisa, de modo a assegurar a confidencialidade institucional.

Durante o desenvolvimento desta dissertação e do produto educacional, foram utilizados recursos digitais e sistemas de inteligência artificial como apoio à revisão textual, à organização do texto e à diagramação do e-book.

Ressalta-se que a concepção da pesquisa, a fundamentação teórica, a seleção das referências bibliográficas, a produção e a análise dos dados, bem como as conclusões apresentadas, são de autoria da pesquisadora, desenvolvidas sob a orientação acadêmica. Os processadores digitais foram utilizados exclusivamente como apoio técnico e organizacional.

Quadro 6: Caracterização das educadoras do CCA participantes da pesquisa

Nome	Idade	Formação	Função	Tempo de atuação
Thifani	37 anos	Pedagogia (2015)	Gerente de Serviço	4 anos
Noemia	41 anos	Psicologia (2024)	Assistente técnica	1 ano e 10 meses
Jéssica	35 anos	Cursando Letras	Orientadora Socioeducativa	9 meses
Larissa	29 anos	Ensino Médio com técnico em Dança (2019)	Orientadora Socioeducativa	4 anos e 10 meses

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Quadro 7: Caracterização dos educadores da Escola Municipal participantes da pesquisa

Nome	Idade	Formação	Função	Tempo de atuação
Ana Maria	49	Pedagogia – Especialização em Educação Infantil	Coordenadora pedagógica	5 anos
Silvio	49	Letras – Língua Inglesa	Professor de Inglês	15 anos
Joana	37	Letras	Auxiliar técnico em educação	4 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Durante as entrevistas, buscou-se criar um ambiente de acolhimento e escuta, favorecendo que os participantes compartilhassem livremente suas experiências, percepções e reflexões sobre o *bullying*, a violência escolar e as possibilidades de utilização do cinema como recurso pedagógico.

A diversidade de funções exercidas pelos participantes possibilitou reunir diferentes olhares sobre o fenômeno investigado, ampliando a compreensão das situações relatadas e favorecendo a análise das múltiplas dimensões que envolvem o *bullying* nos contextos escolar e socioeducativo.

Concluída a apresentação dos participantes da pesquisa, a próxima seção descreve os procedimentos adotados para a organização, sistematização e análise dos dados produzidos durante a investigação da pesquisa.

4.5 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das entrevistas, os áudios foram transcritos na íntegra, preservando o conteúdo das falas dos participantes. Em seguida, as transcrições foram revisadas e organizadas, possibilitando uma leitura aprofundada do material produzido.

Paralelamente, a observação exploratória e o PPP da unidade escolar foram analisados com o objetivo de contextualizar o campo investigado e complementar as informações obtidas nas entrevistas.

Os dados produzidos foram analisados por meio da Análise Temática, proposta por Minayo (2014). Segundo a autora, "fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado" (MINAYO, 2014, p. 316). Nessa perspectiva, a análise possibilita identificar significados recorrentes nas falas dos participantes e organizá-los em categorias temáticas interpretadas à luz do referencial teórico da pesquisa.

As entrevistas foram submetidas a sucessivas leituras, buscando identificar recorrências, aproximações e particularidades presentes nos relatos. As categorias emergiram desse processo analítico e foram posteriormente organizadas em diálogo com os objetivos da pesquisa e o referencial teórico adotado. Assim, foram definidas seis categorias: Naturalização da violência; Relações de poder; Silenciamento e mediação; Contexto social e familiar; Desafios da escola; e Cinema como possibilidade pedagógica.

A organização dos dados a partir dessas categorias favoreceu o diálogo entre as falas dos participantes, a literatura especializada e as situações retratadas no filme *Evil – Raízes do Mal* (2003), compreendido nesta pesquisa como um dispositivo analítico complementar, utilizado para problematizar as relações de violência e *bullying*. Ressalta-se que o filme não constituiu fonte de produção de dados, mas um elemento de diálogo com o referencial teórico e com as categorias construídas ao longo da investigação, ampliando a reflexão sobre temas recorrentes nas entrevistas.

A interpretação dos dados buscou preservar a singularidade dos relatos, sem perder de vista os aspectos comuns identificados entre os participantes. Assim, as análises apresentadas no capítulo seguinte resultam da articulação entre os depoimentos dos profissionais, a análise documental, o referencial teórico e a linguagem cinematográfica como possibilidade de compreensão e problematização do fenômeno investigado.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados nesta seção decorrem da análise das entrevistas realizadas com os profissionais participantes da pesquisa, articuladas ao PPP da unidade escolar, ao referencial teórico discutido ao longo desta dissertação e às reflexões suscitadas pelo filme *Evil – Raízes do Mal* (2003), utilizado como dispositivo analítico para problematizar as manifestações de violência e *bullying* no contexto escolar.

Conforme descrito no percurso metodológico, a interpretação dos dados foi realizada por meio da Análise Temática proposta por Minayo (2014), possibilitando a organização das falas em categorias construídas a partir das recorrências identificadas nos depoimentos dos participantes e de sua articulação com os objetivos da pesquisa.

As categorias apresentadas não devem ser compreendidas de forma isolada. Embora organizadas separadamente para fins analíticos, elas se entrelaçam no cotidiano escolar e evidenciam a complexidade do fenômeno investigado. A naturalização da violência, as relações de poder, os silenciamentos, as influências do contexto social e familiar, os desafios enfrentados pela escola e as possibilidades pedagógicas do cinema constituem dimensões complementares de uma mesma realidade.

Ao longo desta seção, cada categoria será discutida a partir das falas dos participantes, da análise documental do PPP da unidade escolar, do diálogo com os referenciais teóricos apresentados na revisão da literatura e da análise de cenas do filme *Evil – Raízes do Mal* (2003). Essa articulação busca compreender como o *bullying* é percebido pelos educadores e de que maneira a linguagem cinematográfica pode contribuir para ampliar a reflexão sobre esse fenômeno e subsidiar práticas pedagógicas voltadas ao seu enfrentamento.

5.1 NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Quadro 8: Percepções dos participantes sobre a naturalização da violência

Participante	Trecho da fala
Sílvio	“Vejo muitas atitudes no dia a dia que se encaixam como <i>bullying</i> , mas não são vistas como algo grave. São situações que acabam sendo normalizadas pelos próprios alunos.”
Sílvio	“Eu vi um aluno bater com o caderno na cabeça do outro com força. Quando fui intervir, o aluno que apanhou disse que era só uma brincadeira e que não precisava fazer nada.”

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

As respostas apresentadas no Quadro 8 demonstram que o *bullying*, no cotidiano escolar, nem sempre é reconhecido como uma prática de violência. Ao afirmar que "muitas atitudes no dia a dia [...] não são vistas como algo grave", o professor Silvio (apêndice VIII) aponta para um processo de banalização das agressões, no qual comportamentos violentos passam a ser interpretados como parte das interações cotidianas entre os estudantes.

Essa percepção torna-se ainda mais clara quando o participante relata uma situação em que um aluno agride outro com um caderno e, ao ser questionado, a própria vítima afirma que "era só uma brincadeira". Esse tipo de resposta indica que a violência, mesmo quando envolve agressão física, pode ser minimizada por aqueles que a vivenciam, dificultando sua identificação e seu enfrentamento pela escola. Mais do que negar a existência da agressão, o estudante atribui a ela um significado socialmente aceito dentro do grupo, revelando que determinadas práticas violentas passam a ser incorporadas como formas legítimas de convivência.

Essa constatação permite compreender que o *bullying* não se sustenta apenas pela ação do agressor. Ele depende também da forma como os sujeitos interpretam essas experiências e dos significados que atribuem às relações estabelecidas no cotidiano escolar. Nesse sentido, a violência deixa de ser percebida como um acontecimento excepcional e passa a integrar a dinâmica relacional do grupo, tornando mais difícil sua problematização e intervenção pelos adultos.

Essa dinâmica também é reconhecida no PPP da unidade escolar, que identifica o *bullying* como uma prática recorrente, expressa por meio de xingamentos, humilhações e zombarias. Essa compreensão aproxima-se da definição de Fante (2005) e Fante e Prudente (2015), ao caracterizar o *bullying* como um comportamento intencional, repetitivo e marcado pelo desequilíbrio de poder entre os envolvidos.

Entretanto, os resultados desta pesquisa permitem ampliar essa compreensão. As entrevistas indicam que a repetição das agressões não ocorre apenas porque existe um agressor persistente, mas porque determinadas práticas são legitimadas nas relações entre os estudantes e passam a ser compreendidas como "normais". Essa leitura aproxima-se das reflexões de Abramovay (2002), ao afirmar que parte da violência escolar se manifesta justamente nas interações cotidianas, sendo frequentemente banalizada ou pouco reconhecida como violência pelos próprios sujeitos que dela participam.

Também Charlot (2002) contribui para essa análise ao compreender que a violência escolar não pode ser reduzida ao ato agressivo em si, mas deve ser interpretada a partir das

relações construídas no interior da escola. Sob essa perspectiva, o *bullying* deixa de ser apenas um comportamento individual para revelar aspectos das formas de convivência produzidas entre os estudantes, tornando visíveis relações de exclusão, pertencimento e reconhecimento que atravessam o cotidiano escolar.

Do ponto de vista metodológico, essa interpretação dialoga com Minayo (2014), ao considerar que os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências constituem elementos fundamentais para compreender os fenômenos sociais. O fato de a própria vítima afirmar que a agressão "era só uma brincadeira" revela que a análise do *bullying* não depende apenas da observação dos comportamentos, mas da compreensão dos sentidos produzidos pelos próprios participantes sobre aquilo que vivenciam.

Essa dinâmica de naturalização da violência também pode ser observada na cena apresentada a seguir, retirada do filme *Evil – Raízes do Mal*, na qual a agressão ocorre de forma aparentemente banalizada entre os estudantes, permitindo ampliar a reflexão sobre processos semelhantes aos identificados nas entrevistas e nos documentos analisados.

Figura 3 – Cena do filme *Evil – Raízes do Mal* (2003) - Banalização da violência entre os estudantes.



Fonte: *Evil – Raízes do Mal* (2003)

A cena apresentada ilustra um aspecto recorrente tanto na narrativa cinematográfica quanto nos depoimentos dos participantes: a violência deixa de ser percebida como um acontecimento excepcional e passa a integrar a rotina das relações entre os estudantes. No filme, as agressões são praticadas diante de outros colegas com aparente naturalidade, sem que provoquem indignação ou reação coletiva imediata. Essa representação aproxima-se das

experiências relatadas pelos educadores, que descreveram situações semelhantes em seu cotidiano profissional, nas quais práticas de humilhação e intimidação são frequentemente interpretadas como parte da convivência escolar.

Essa aproximação entre o filme e os dados produzidos na pesquisa não pretende estabelecer uma equivalência entre ficção e realidade, mas utilizar a narrativa cinematográfica como uma linguagem capaz de tornar visíveis processos que, muitas vezes, passam despercebidos no cotidiano. Como discutem Duarte (2002) e Napolitano (2010), o cinema possui a capacidade de deslocar o olhar do espectador, permitindo que situações naturalizadas sejam observadas sob outra perspectiva e se transformem em objeto de reflexão.

No caso desta pesquisa, tanto as entrevistas quanto as cenas de *Evil – Raízes do Mal* revelam que a violência cotidiana tende a ser incorporada como parte das relações entre os estudantes quando deixa de ser questionada pelos próprios sujeitos e pela instituição. Não se trata apenas da repetição das agressões, mas da construção de uma cultura relacional em que determinadas formas de humilhação passam a ser aceitas como estratégias legítimas de interação.

Essa interpretação aproxima-se das contribuições de Candau (2012), ao afirmar que a convivência democrática não se estabelece espontaneamente, mas precisa ser construída por meio de práticas educativas que problematizem preconceitos, discriminações e diferentes formas de violência presentes na escola. Quando agressões verbais, apelidos depreciativos ou exclusões são compreendidos apenas como brincadeiras, reduz-se a possibilidade de intervenção pedagógica e fortalece-se um ambiente favorável à continuidade dessas práticas.

As pesquisas analisadas na revisão de literatura também caminham nessa direção. Para Tognetta e Vinha (2007), a qualidade do ambiente sociomoral da escola influencia diretamente as relações estabelecidas entre os estudantes. As autoras defendem que espaços pautados pelo diálogo, pela construção coletiva das regras e pela participação favorecem relações mais cooperativas e contribuem para a prevenção de diferentes formas de violência e desrespeito. Abramovay (2021) ressalta que a violência escolar não se restringe aos episódios mais visíveis, manifestando-se também em pequenas agressões cotidianas que, quando banalizadas, passam a estruturar as relações entre os grupos.

Ao colocar em diálogo as entrevistas, o PPP, a literatura especializada e a narrativa cinematográfica, observa-se que a naturalização da violência constitui um dos elementos centrais para compreender a permanência do *bullying* nos contextos investigados. Antes mesmo de enfrentar as agressões, torna-se necessário reconhecê-las como violência. Esse movimento

de desnaturalização representa um passo fundamental para que a escola possa construir práticas de mediação capazes de romper com a lógica da banalização e fortalecer uma cultura de respeito, diálogo e convivência.

As impressões produzidas nesta pesquisa permitem compreender que a naturalização da violência constitui um dos principais fatores que favorecem a permanência do *bullying* nos contextos investigados. Quando apelidos, humilhações, exclusões ou agressões físicas passam a ser interpretados como brincadeiras ou conflitos próprios da idade, reduz-se a possibilidade de reconhecimento dessas práticas como formas de violência e, conseqüentemente, de intervenção por parte dos educadores.

As falas dos participantes revelam que esse processo não ocorre apenas entre os estudantes. Muitas vezes, a própria dinâmica escolar, marcada pela intensidade das relações cotidianas e pela multiplicidade de situações que exigem atenção dos profissionais, dificulta a identificação de manifestações menos explícitas do *bullying*. Assim, determinadas práticas acabam permanecendo invisíveis ou sendo tratadas como acontecimentos pontuais, quando, na realidade, fazem parte de relações que se repetem ao longo do tempo.

Essa constatação reforça as contribuições de Olweus (1993), ao demonstrar que a repetição das agressões e o desequilíbrio de poder constituem elementos essenciais para a caracterização do *bullying*. Ampliando essa discussão, Abramovay (2002; 2021) destaca que as diferentes formas de violência presentes no cotidiano escolar afetam as relações entre os sujeitos, comprometem a convivência e demonstram a necessidade de ações educativas voltadas à construção de uma cultura de respeito e de prevenção às violências.

Os resultados desta investigação, entretanto, acrescentam outro aspecto importante: mais do que identificar a repetição dos comportamentos, é necessário compreender os significados que estudantes e educadores atribuem a essas experiências, pois é justamente nesses significados que a violência pode ser legitimada ou problematizada.

A análise das entrevistas, do PPP e das cenas de *Evil – Raízes do Mal* reconhece que o *bullying* não se sustenta apenas porque existem estudantes que agridem outros colegas, mas porque determinadas formas de violência passam a ser aceitas como parte da convivência escolar. Sob essa perspectiva, o enfrentamento do fenômeno exige um movimento permanente de desnaturalização dessas práticas, tornando visíveis comportamentos que, muitas vezes, permanecem ocultos sob o discurso da brincadeira ou da "normalidade".

Essa compreensão constitui um importante ponto de partida para as categorias seguintes, nas quais será possível aprofundar a análise sobre as relações de poder, os processos de

silenciamento, as influências do contexto social e familiar, os desafios enfrentados pela escola e as possibilidades de utilização do cinema como linguagem pedagógica para promover a reflexão e fortalecer a convivência.

5.2 RELAÇÕES DE PODER

Quadro 9: Relações de poder nas falas dos participantes

Participante	Trecho da fala
Silvio	"Mesmo alunos em situação de vulnerabilidade podem usar aparência, fala ou comportamento como forma de poder."
Silvio	"Se o tênis dele for melhor... ele já usa isso como forma de poder."
Jéssica	"Não vamos ganhar porque fulano é gordo..."

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

As entrevistas realizadas apontaram que o *bullying* não ocorre de forma aleatória, mas se estabelece a partir de relações marcadas por diferentes formas de poder. Os participantes relataram que, frequentemente, as agressões são direcionadas aos estudantes considerados mais vulneráveis, tímidos ou com menor capacidade de reação, enquanto aqueles que exercem maior influência sobre o grupo tendem a ocupar posições de liderança e, em alguns casos, utilizar essa condição para intimidar, excluir ou ridicularizar os colegas.

Essa percepção revela que o *bullying* ultrapassa a dimensão do conflito interpessoal, configurando-se como uma prática sustentada por relações assimétricas entre os sujeitos. Nessa lógica, a violência deixa de ser compreendida apenas como um comportamento individual e passa a expressar formas de dominação construídas e legitimadas nas interações cotidianas entre os estudantes.

"Se o tênis dele for melhor, se ele tiver alguma coisa que o outro não tem, ele já usa isso como forma de se colocar acima, como poder dentro do grupo." (Silvio, apêndice VIII). Esse depoimento revela que o participante reconhece a existência de diferentes formas de poder nas relações estabelecidas entre os estudantes. Mais do que o uso da força física, aparecem mecanismos mais sutis de dominação, relacionados ao consumo, à aparência, ao reconhecimento do grupo e ao prestígio conquistado entre os colegas. Esses elementos tornam-se critérios de diferenciação e passam a definir posições de pertencimento e exclusão no ambiente escolar.

Ao afirmar que um simples par de tênis pode ser utilizado como forma de se colocar "acima" dos demais, Silvio demonstra que determinadas diferenças deixam de ser apenas

características individuais e passam a funcionar como instrumentos de hierarquização. O objeto material adquire um significado simbólico capaz de produzir reconhecimento para alguns estudantes e desvalorização para outros, estabelecendo relações desiguais que favorecem práticas de intimidação.

Essa percepção dialoga diretamente com Olweus (1993), ao compreender que o *bullying* se caracteriza pela existência de um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. Entretanto, as entrevistas permitem ampliar essa definição ao demonstrar que esse desequilíbrio não decorre apenas da força física ou da superioridade numérica. Ele também é produzido por fatores simbólicos que conferem prestígio, reconhecimento e influência dentro do grupo.

Essa leitura aproxima-se das contribuições de Bourdieu (1989), para quem as relações sociais são atravessadas por diferentes formas de capital e por disputas simbólicas que produzem e legitimam posições de poder. Como afirma o autor, o capital simbólico corresponde ao reconhecimento social atribuído às diferentes formas de capital, contribuindo para a manutenção das hierarquias e das relações de dominação. No cotidiano escolar investigado, esses capitais aparecem materializados em objetos de consumo, formas de vestir, modos de falar e outras características valorizadas pelos próprios estudantes, tornando-se mecanismos que organizam as relações entre os pares e favorecem a reprodução de desigualdades.

Ao mesmo tempo, Charlot (2002) contribui para compreender que essas relações não podem ser explicadas apenas pelas características dos indivíduos. Elas são produzidas nas experiências vividas no interior da escola e nas formas como os estudantes constroem suas relações de pertencimento, reconhecimento e diferenciação. Nessa perspectiva, o *bullying* revela-se menos como um problema individual e mais como expressão das dinâmicas sociais presentes no cotidiano escolar.

O professor Silvio (apêndice VIII) amplia essa discussão ao relatar uma situação vivenciada com um estudante do sexto ano: "Eu tive um caso recente com um aluno do sexto ano que se recusava a participar de um grupo, dizia que ninguém mandava nele. Ele passou a desqualificar os colegas, dizendo que eram inferiores por estarem fazendo a atividade. [...] Esse aluno, apesar de vir de um contexto vulnerável, apresenta comportamentos agressivos e de imposição."

O episódio reforça que o exercício do poder não se manifesta apenas por meio de agressões físicas. A desqualificação do outro, como no relato da participante Jéssica (apêndice X), a recusa em participar das atividades coletivas e a tentativa de afirmar superioridade também constituem formas de violência que interferem nas relações de convivência. Nesse

caso, o estudante busca construir uma posição de destaque pela diminuição dos colegas, utilizando a intimidação como estratégia de afirmação perante o grupo.

Esse resultado mostra que o *bullying* não pode ser explicado apenas pelas características individuais dos estudantes ou por suas histórias de vida. Ainda que fatores sociais e familiares exerçam influência sobre suas trajetórias, as entrevistas demonstram que as relações estabelecidas no interior da escola possuem dinâmica própria, produzindo formas específicas de reconhecimento, pertencimento e exclusão. Assim, estudantes que também vivenciam situações de vulnerabilidade podem, em determinados contextos, reproduzir práticas de dominação sobre outros colegas.

Essa constatação amplia a discussão proposta por Fante (2005), ao demonstrar que o desequilíbrio de poder não constitui uma condição fixa entre determinados sujeitos, mas uma relação construída e constantemente reafirmada nas interações cotidianas. Os dados desta pesquisa indicam que o poder circula entre os grupos, assumindo diferentes formas conforme os contextos, os espaços e os recursos simbólicos valorizados pelos próprios estudantes.

Essa interpretação também dialoga com Bourdieu (1989), ao compreender que as relações de dominação não dependem exclusivamente da força física ou da autoridade formal. Elas se sustentam pelo reconhecimento social atribuído a determinados indivíduos, permitindo que práticas de exclusão sejam aceitas e reproduzidas quase sem questionamentos. No ambiente escolar, esse reconhecimento pode estar associado a elementos aparentemente simples, como roupas, objetos pessoais, desempenho esportivo, popularidade ou capacidade de influenciar os colegas.

Abramovay (2021) observa que a violência escolar frequentemente se organiza por meio de hierarquias produzidas entre os próprios estudantes, enquanto Tognetta e Vinha (2007) defendem que a construção de um ambiente sociomoral cooperativo depende da participação efetiva dos estudantes na elaboração e compreensão das regras de convivência. Para as autoras, práticas fundamentadas no diálogo, na cooperação e na corresponsabilização favorecem o desenvolvimento da autonomia moral e de relações pautadas no respeito mútuo.

O PPP da unidade escolar também expõe essa realidade ao registrar situações recorrentes de humilhação, zombarias e exclusão relacionadas às diferenças entre os estudantes. Embora o documento reconheça essas práticas como desafios para a convivência, os relatos dos participantes demonstram que elas continuam presentes no cotidiano escolar, indicando que sua superação depende não apenas da existência de orientações institucionais, mas da construção

permanente de práticas pedagógicas que problematizem essas relações de poder e promovam formas mais democráticas de convivência.

Figura 4 – Relações de poder entre veteranos e calouros em *Evil – Raízes do Mal* (2003).



Fonte: *Evil – Raízes do Mal* (2003)

A dinâmica descrita pelos participantes também pode ser observada em *Evil – Raízes do Mal* (2003). Ao retratar a convivência entre veteranos e calouros no internato, o filme ilustra uma estrutura hierárquica na qual os estudantes mais antigos exercem controle sobre os mais novos por meio de humilhações, punições e agressões sistemáticas. A violência não decorre de conflitos ocasionais, mas constitui um mecanismo de manutenção da ordem estabelecida naquele espaço.

Na cena apresentada, observa-se que o poder é exercido não apenas pela força física, mas pelo reconhecimento da autoridade dos veteranos pelos demais estudantes. As regras impostas por esse grupo são aceitas como parte da rotina do internato, fazendo com que a submissão dos calouros seja percebida como algo esperado e, em certa medida, legítimo. Essa representação aproxima-se das falas dos participantes da pesquisa, que relataram situações em que determinados estudantes utilizam sua influência, popularidade ou posição no grupo para intimidar colegas considerados mais vulneráveis.

Essa aproximação entre o filme e os dados da pesquisa permite compreender que o *bullying* não se sustenta apenas pela ação do agressor, mas pelas relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos que compartilham aquele espaço. Assim como nas entrevistas, observa-se que a violência ganha força quando encontra reconhecimento por parte do grupo e quando as hierarquias deixam de ser questionadas. Nesse sentido, a narrativa cinematográfica amplia a

compreensão do fenômeno ao tornar visíveis mecanismos de dominação que, muitas vezes, permanecem naturalizados no cotidiano escolar.

Essa leitura aproxima-se da análise de Teles e Maynard (2010), para quem *Evil – Raízes do Mal* ultrapassa a representação da violência entre estudantes e evidencia o funcionamento de instituições marcadas pelo autoritarismo e pela reprodução de relações hierárquicas. Os autores destacam que o internato retratado no filme legitima práticas violentas ao incorporá-las como parte de sua tradição, contribuindo para a manutenção de uma cultura de submissão e silêncio.

Embora o contexto do filme seja distinto daquele investigado nesta pesquisa, ambos indicam que as relações de poder se constroem socialmente e tendem a se perpetuar quando não são problematizadas.

Ao colocar em diálogo as entrevistas, o Projeto Político-Pedagógico, a literatura especializada e a narrativa cinematográfica, observa-se que o *bullying* constitui uma expressão das relações de poder produzidas no cotidiano escolar. As agressões deixam de representar conflitos isolados para assumir a função de mecanismos de distinção, pertencimento e controle entre os estudantes. Enfrentar esse fenômeno implica, portanto, reconhecer que a construção de uma convivência democrática passa também pela problematização dessas hierarquias e pela criação de espaços em que o diálogo, a participação e o respeito às diferenças possam prevalecer sobre as relações de dominação.

5.3 SILENCIAMENTO E MEDIAÇÃO

As entrevistas reforçaram que o *bullying* não se mantém apenas pelas ações dos agressores, mas também pelas diferentes formas de silenciamento que atravessam o cotidiano escolar. Em diversos momentos, os participantes destacaram que muitas situações de violência deixam de ser comunicadas aos adultos, seja pelo medo de represálias, pela vergonha, pelo receio de serem vistos como "delatores" ou pela crença de que a denúncia não produzirá mudanças. Dessa forma, o silêncio passa a constituir um elemento que favorece a continuidade das agressões.

Quadro 10: Silenciamento e busca por ajuda nas falas dos participantes

Participante	Trecho da fala
Silvio	“Existe uma espécie de pacto entre eles, como se resolvessem entre si e a autoridade não pudesse interferir.”
Joana	“Em alguns momentos observamos isso acontecer... alguns alunos aprendem a lidar com situações difíceis dessa maneira.”
Joana	“Nem todos os alunos ficam calados... eles se reportam a nós, aos professores”

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Os depoimentos reunidos no quadro indicam que a decisão de permanecer em silêncio nem sempre representa conformismo. Em muitos casos, ela decorre das próprias relações de poder estabelecidas entre os estudantes. Quando a vítima percebe que o agressor ocupa uma posição de prestígio ou influência no grupo, a denúncia pode significar o agravamento das agressões ou o fortalecimento de sua exclusão. Assim, o silêncio constitui uma estratégia de autoproteção, ainda que contribua para a permanência da violência.

Ao mesmo tempo, as entrevistas mostram que esse processo não é homogêneo. Os participantes relatam que alguns estudantes procuram professores, coordenação ou outros profissionais da escola em busca de apoio. Essas situações demonstram que, quando existem relações de confiança e espaços de acolhimento, a denúncia passa a ser compreendida como uma possibilidade de enfrentamento da violência, rompendo com a lógica do isolamento vivenciada por muitas vítimas.

Essa percepção dialoga com Olweus (1993), ao afirmar que o *bullying* afeta não apenas quem agride e quem sofre a agressão, mas todo o grupo que presencia essas situações. Os espectadores ocupam papel fundamental na dinâmica da violência, podendo reforçar o comportamento do agressor, permanecer indiferentes ou contribuir para interromper o ciclo das agressões. Os resultados desta pesquisa confirmam essa compreensão ao evidenciarem que o silêncio coletivo fortalece a permanência do *bullying*, enquanto a busca por ajuda cria possibilidades concretas de mediação e intervenção.

Os dados também ampliam as contribuições de Fante (2005), ao demonstrar que o medo de denunciar não decorre apenas das ameaças feitas pelos agressores. Ele está relacionado ao modo como as relações entre os estudantes são organizadas e aos significados atribuídos pelo grupo à denúncia. Em determinados contextos, procurar um adulto pode ser interpretado como demonstração de fragilidade ou quebra de um acordo implícito entre os colegas, dificultando ainda mais que as vítimas compartilhem aquilo que vivenciam.

Essa análise aproxima-se das reflexões de Abramovay (2021), ao destacar que a violência escolar produz impactos que ultrapassam os episódios de agressão propriamente ditos.

O medo, a insegurança e a ausência de canais efetivos de escuta comprometem a qualidade das relações escolares e interferem no sentimento de pertencimento dos estudantes, tornando o ambiente menos acolhedor e dificultando a construção de uma convivência democrática.

Entre os participantes da pesquisa, a auxiliar técnica Joana (apêndice IX) destaca que, embora muitos estudantes permaneçam em silêncio diante das situações de *bullying*, outros conseguem romper esse ciclo quando encontram adultos disponíveis para escutá-los. Ao relatar sua experiência, a participante demonstra a importância da mediação realizada pela escola: “A nossa mediação (no pátio) consiste em primeiramente compreender o que aconteceu entre as partes envolvidas, proporcionamos para eles espaço para falar e uma escuta ativa”. O depoimento demonstra que a busca por ajuda não acontece de maneira espontânea. Ela depende da existência de relações de confiança construídas entre estudantes e educadores. Quando a escola oferece espaços de acolhimento e escuta, amplia-se a possibilidade de que situações de violência sejam compartilhadas antes que produzam consequências mais graves para o desenvolvimento e a permanência dos estudantes.

As entrevistas também evidenciam que a mediação não deve ser compreendida apenas como uma intervenção realizada após a ocorrência do conflito. Os participantes apontam que seu papel consiste, sobretudo, em favorecer o diálogo, reconstruir vínculos e criar condições para que os estudantes reflitam sobre suas atitudes e sobre os impactos provocados por elas. Nessa perspectiva, mediar conflitos significa desenvolver um trabalho educativo contínuo, e não apenas resolver episódios pontuais de violência.

Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Candau (2012), ao defender que a convivência democrática se constrói por meio de práticas permanentes de diálogo, participação e reconhecimento das diferenças. A mediação, portanto, não representa apenas uma estratégia para solucionar conflitos, mas um processo pedagógico voltado à formação de sujeitos capazes de conviver com a diversidade e enfrentar as tensões próprias da vida coletiva.

Os resultados desta pesquisa também dialogam com as discussões apresentadas por Tognetta e Vinha (2007) ao defenderem que a organização de espaços democráticos de participação, como assembleias e momentos de diálogo, possibilita que crianças e adolescentes reflitam sobre os conflitos cotidianos, assumam responsabilidades coletivas e desenvolvam formas mais cooperativas de convivência. Para as autoras, a construção de um ambiente escolar democrático favorece a autonomia moral e fortalece relações baseadas no respeito, na participação e na corresponsabilidade..

Nesse sentido, os relatos dos participantes permitem ampliar a compreensão sobre o papel da escola. Mais do que interromper comportamentos agressivos, a instituição é chamada a criar condições para que os estudantes desenvolvam competências relacionadas ao diálogo, à empatia e à resolução pacífica dos conflitos. Essa perspectiva desloca o foco da punição para a formação humana, aproximando-se dos princípios defendidos ao longo desta pesquisa.

Ao colocar em diálogo as entrevistas, o referencial teórico e as práticas desenvolvidas pela escola, observa-se que a mediação constitui um elemento essencial para romper o ciclo do *bullying*. Entretanto, sua efetividade depende menos da existência de procedimentos formais e mais da construção cotidiana de relações de confiança entre estudantes e educadores, favorecendo um ambiente em que o pedido de ajuda deixe de ser visto como sinal de fraqueza e passe a representar um exercício legítimo de cuidado consigo e com o outro.

Figura 5 – Cena do filme *Evil – Raízes do Mal* (2003) - O silenciamento dos estudantes diante das agressões.



Fonte: *Evil – Raízes do Mal* (2003)

A dinâmica descrita pelos participantes também pode ser observada em *Evil – Raízes do Mal* (2003). Em diferentes momentos da narrativa, os estudantes assistem às agressões praticadas pelos veteranos sem intervir ou comunicar os fatos aos adultos responsáveis pela instituição. O silêncio coletivo não decorre da indiferença, mas do medo das consequências que uma denúncia poderia provocar. Assim, a violência permanece porque encontra um ambiente em que vítimas e testemunhas compreendem que falar pode representar novos riscos.

A cena retrata que o silêncio constitui um importante mecanismo de manutenção das relações de poder. Ao perceberem que os demais estudantes não reagem às agressões, os agressores fortalecem sua posição de autoridade e ampliam sua capacidade de controle sobre o

grupo. Da mesma forma, as vítimas passam a acreditar que enfrentar a situação sozinhas é a única alternativa possível, reforçando sentimentos de isolamento e impotência.

Essa representação aproxima-se das entrevistas realizadas nesta pesquisa. Os participantes relataram que muitos estudantes evitam procurar ajuda por receio de sofrer novas agressões ou de serem rejeitados pelos colegas. Em outros casos, existe a percepção de que determinadas situações fazem parte da rotina escolar e, portanto, não justificariam a intervenção dos adultos. Observa-se, assim, que tanto na narrativa cinematográfica quanto nos contextos investigados, o silenciamento é produzido pelas relações estabelecidas entre os sujeitos e pelas formas como a violência é compreendida no interior do grupo.

Essa análise dialoga com Charlot (2002), ao afirmar que a violência escolar precisa ser compreendida a partir das relações sociais construídas no cotidiano das instituições. Também se aproxima das reflexões de Abramovay (2021), para quem o medo, a insegurança e a ausência de vínculos de confiança comprometem a convivência e dificultam que crianças e adolescentes recorram aos adultos quando vivenciam situações de violência.

Ao mesmo tempo, os resultados da pesquisa indicam que o silêncio não constitui uma condição definitiva. As entrevistas demonstram que, quando a escola cria espaços de escuta, estabelece relações de confiança e desenvolve práticas permanentes de mediação, aumentam as possibilidades de que os estudantes compartilhem suas experiências e participem da construção de soluções coletivas. Essa constatação reforça que romper o ciclo do *bullying* depende menos de ações exclusivamente punitivas e mais da capacidade da instituição de fortalecer vínculos, promover o diálogo e construir uma cultura em que pedir ajuda seja compreendido como um direito, e não como motivo de constrangimento.

Desse modo, a articulação entre as entrevistas, o referencial teórico e a narrativa de *Evil – Raízes do Mal* (2003) demonstram que o enfrentamento do *bullying* exige romper não apenas com as agressões, mas também com os mecanismos de silenciamento que permitem sua continuidade. Tornar visíveis essas experiências constitui um passo essencial para que a escola desenvolva práticas educativas comprometidas com a proteção, a participação dos estudantes e a construção de uma convivência verdadeiramente democrática.

5.4 CONTEXTO SOCIAL E FAMILIAR

As entrevistas realizadas destacaram que o *bullying* não pode ser compreendido sem considerar os contextos sociais e familiares nos quais os estudantes estão inseridos. Os participantes relataram que muitas crianças e adolescentes convivem diariamente com situações de violência, negligência, conflitos familiares e diferentes formas de vulnerabilidade social, experiências que repercutem em suas formas de compreender e estabelecer relações com os outros.

Quadro 11: Contexto social e familiar nas falas dos participantes

Participante	Trecho da fala
Ana Maria	"A maioria das situações deriva de comportamentos copiados..."
Ana Maria	"Os pais ensinam os filhos a bater..."
Jéssica	"Muitos apanham em casa..."

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Os depoimentos revelam que os educadores percebem uma relação entre as experiências vividas fora da escola e os comportamentos apresentados pelos estudantes em seu cotidiano. Em diferentes momentos, os participantes destacam que algumas crianças chegam à escola trazendo marcas de contextos familiares permeados por conflitos, agressões ou ausência de referências de diálogo, o que pode interferir em suas formas de lidar com frustrações, conflitos e relações de convivência.

Entretanto, os próprios relatos demonstram que essa relação não pode ser compreendida de forma linear ou determinista. Embora o contexto familiar exerça influência sobre o desenvolvimento dos estudantes, ele não explica, por si só, a ocorrência do *bullying*. As entrevistas salientam que crianças submetidas a situações semelhantes respondem de maneiras diferentes às experiências vividas, indicando que outros fatores, como as relações estabelecidas na escola, os vínculos construídos com os educadores e as oportunidades de participação, também interferem significativamente na construção de suas formas de agir.

Essa percepção amplia as contribuições de Charlot (2002), ao compreender que a violência escolar não constitui uma simples reprodução das desigualdades sociais, mas um fenômeno que se produz nas relações estabelecidas no interior da própria escola. Da mesma forma, Abramovay (2002; 2021) destaca que os contextos de vulnerabilidade podem intensificar determinadas formas de violência, sem que isso signifique atribuir às famílias a responsabilidade exclusiva pelos conflitos vivenciados pelos estudantes.

Os resultados desta pesquisa caminham nessa mesma direção. As falas dos participantes indicam que compreender a realidade social dos estudantes representa uma condição importante para o planejamento das intervenções pedagógicas, mas não substitui o trabalho educativo desenvolvido pela escola. Ao contrário, reforça a necessidade de construir práticas capazes de ampliar as possibilidades de diálogo, acolhimento e participação, reconhecendo que cada estudante interpreta e responde às experiências vividas de maneira singular.

Essa compreensão dialoga com Feltran (2011), que demonstra que as trajetórias dos sujeitos são produzidas nas relações estabelecidas com diferentes instituições e espaços de socialização, em contextos marcados por desigualdades sociais. Entretanto, como demonstram as entrevistas, essas desigualdades não produzem automaticamente comportamentos violentos. Elas constituem parte do contexto em que os sujeitos constroem suas trajetórias, sendo constantemente ressignificadas pelas experiências vividas na família, na escola, na comunidade e nos demais espaços de socialização.

Os relatos da coordenadora Ana Maria (apêndice VII) e das educadoras do Centro para Crianças e Adolescentes (apêndice X) reforçam essa compreensão ao evidenciarem que muitos estudantes convivem diariamente com diferentes formas de violência e vulnerabilidade social. Em diversos momentos das entrevistas, as participantes destacam que conflitos familiares, negligência, ausência de acompanhamento dos responsáveis e situações de violência doméstica repercutem diretamente nas formas como crianças e adolescentes estabelecem relações com seus pares.

Ao refletirem sobre essas situações, as participantes chamam a atenção para o fato de que muitos estudantes chegam à escola trazendo experiências marcadas pelo medo, pela insegurança e pela necessidade constante de defesa. Como relata uma das educadoras, “algumas crianças permanecem sempre prontas para explodir” (Jéssica, apêndice X), reagindo de maneira intensa a situações que, para outros estudantes, poderiam ser resolvidas por meio do diálogo. Essa percepção não procura justificar comportamentos agressivos, mas compreender que eles são produzidos em trajetórias atravessadas por diferentes experiências de violência.

As entrevistas também revelam que essas experiências não determinam os comportamentos dos estudantes. Crianças que compartilham condições sociais semelhantes respondem de maneiras distintas às situações vividas, indicando que as relações construídas na escola possuem papel fundamental na elaboração dessas experiências.

Essa compreensão também encontra respaldo em Charlot (2002), ao afirmar que a violência escolar não pode ser explicada exclusivamente pelas condições sociais dos sujeitos.

Segundo o autor, embora a escola seja atravessada pelas desigualdades da sociedade, ela também produz formas próprias de relação, constituindo um espaço em que essas experiências podem ser reproduzidas, ressignificadas ou transformadas. Os resultados desta pesquisa reforçam essa perspectiva ao evidenciarem que o *bullying* emerge da articulação entre diferentes dimensões da vida dos estudantes, não podendo ser atribuído apenas ao contexto familiar ou às condições socioeconômicas.

As falas dos participantes também permitem compreender a importância da atuação articulada entre escola, família e rede de proteção. Em diferentes momentos, os educadores destacam que muitas situações ultrapassam as possibilidades de intervenção da escola e exigem diálogo com os serviços de saúde, assistência social e demais equipamentos do território. Essa articulação aparece como condição importante para ampliar o cuidado com os estudantes e fortalecer ações voltadas à prevenção da violência.

Mais do que identificar fatores de risco, os resultados desta investigação revelam a necessidade de que a escola conheça a realidade de seus estudantes para planejar intervenções pedagógicas coerentes com o contexto em que está inserida. Isso significa reconhecer as dificuldades vividas pelas crianças e adolescentes sem reduzi-los às suas condições de vulnerabilidade, valorizando suas potencialidades e fortalecendo relações que ampliem suas possibilidades de participação, aprendizagem e convivência.

Figura 6 – Cena do filme *Evil – Raízes do Mal* (2003) - A influência do contexto familiar na trajetória do protagonista.



Fonte: *Evil – Raízes do Mal* (2003)

A relação entre contexto familiar e violência também é abordada em *Evil – Raízes do Mal* (2003). Ao longo da narrativa, o filme apresenta Erik convivendo com agressões constantes

praticadas pelo padrasto, em um ambiente marcado pelo medo, pela violência física e pela ausência de proteção. Essas experiências acompanham o personagem em sua chegada ao internato e influenciam sua forma de interpretar os conflitos e responder às situações de violência vivenciadas naquele novo espaço.

Entretanto, a narrativa não estabelece uma relação de causa e efeito entre a violência sofrida por Erik e seus comportamentos. Ao contrário, o filme revela que, embora marcado por experiências traumáticas, o protagonista procura romper com essa lógica em diferentes momentos, resistindo às agressões e buscando outras formas de enfrentamento. Essa perspectiva aproxima-se dos resultados desta pesquisa, que demonstram que as experiências familiares influenciam as trajetórias dos estudantes, mas não determinam suas escolhas ou formas de agir.

Essa leitura contribui para evitar interpretações simplificadoras que atribuem exclusivamente às famílias a responsabilidade pelos comportamentos apresentados na escola. As entrevistas indicaram que o *bullying* resulta da articulação entre diferentes dimensões da vida dos estudantes, envolvendo aspectos familiares, relações estabelecidas entre os pares, organização institucional e práticas educativas desenvolvidas no cotidiano escolar.

Nesse sentido, a narrativa cinematográfica amplia a compreensão dos dados produzidos na pesquisa ao mostrar que a violência se constrói em diferentes espaços sociais e assume significados distintos conforme as relações estabelecidas pelos sujeitos. Assim como observado nas entrevistas, o filme evidencia que crianças e adolescentes não reproduzem automaticamente aquilo que vivenciam em seus contextos familiares; eles interpretam, ressignificam e respondem a essas experiências de maneiras diversas, dependendo também das oportunidades de diálogo, acolhimento e mediação encontradas ao longo de suas trajetórias.

Essa interpretação dialoga com Charlot (2002), ao compreender que os sujeitos não são determinados por sua origem social, mas constroem suas relações a partir das experiências vividas nos diferentes espaços de socialização. Também se aproxima das contribuições de Candau (2012), ao defender que a escola pode constituir-se em um espaço privilegiado para a construção de novas formas de convivência, favorecendo relações pautadas no respeito, na escuta e no reconhecimento das diferenças.

Ao articular as entrevistas, o Projeto Político-Pedagógico, a literatura especializada e a narrativa de *Evil – Raízes do Mal* (2003), observa-se que compreender o contexto social e familiar dos estudantes não significa justificar práticas de violência, mas ampliar a capacidade da escola de desenvolver intervenções mais sensíveis às diferentes realidades vivenciadas por

crianças e adolescentes. Essa compreensão reforça que o enfrentamento do *bullying* exige ações que considerem a complexidade das trajetórias dos sujeitos, sem perder de vista a responsabilidade da escola na construção de relações mais humanizadas.

5.5 DESAFIOS DA ESCOLA

As entrevistas evidenciaram que o enfrentamento do *bullying* constitui um desafio permanente para a escola, não apenas em razão da complexidade das relações estabelecidas entre os estudantes, mas também pelas condições institucionais em que o trabalho pedagógico é desenvolvido. Embora os participantes reconheçam a importância de promover ações voltadas à convivência, à mediação de conflitos e à prevenção da violência, os relatos demonstram que transformar essas iniciativas em práticas permanentes ainda representa um importante desafio para a instituição.

Quadro 12: Desafios enfrentados pela escola no combate ao *bullying*

Participante	Trecho da fala
Ana Maria	"Temos poucos momentos de formação..."
Ana Maria	"Falta um protocolo claro..."
Silvio	"É impossível intervir em tudo..."

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

As falas reunidas no quadro revelam que os educadores identificam diferentes obstáculos para o desenvolvimento de ações mais sistemáticas. Entre eles destacam-se a diversidade de situações que chegam diariamente à escola, o tempo reduzido destinado ao planejamento coletivo, a necessidade de formação continuada e a dificuldade de acompanhar, de maneira mais próxima, as relações estabelecidas entre os alunos nos diferentes espaços da instituição.

Esses aspectos demonstram que o enfrentamento do *bullying* não depende apenas da disposição individual dos profissionais, mas das condições concretas em que o trabalho educativo se realiza. Em diversos momentos das entrevistas, os participantes deixam evidente que, mesmo reconhecendo situações de violência, nem sempre conseguem desenvolver intervenções mais aprofundadas em razão das demandas cotidianas que caracterizam a rotina escolar.

Essa constatação também aparece no PPP da unidade, que prevê ações relacionadas à mediação de conflitos, à promoção da cultura de paz e ao fortalecimento da convivência. Entretanto, ao colocar em diálogo o documento institucional e os depoimentos dos

participantes, observa-se uma tensão entre aquilo que está previsto no planejamento e as possibilidades concretas de sua implementação. Essa distância não representa ausência de compromisso da escola, mas evidencia os desafios enfrentados para transformar diretrizes institucionais em ações permanentes no cotidiano.

Os resultados dialogam com Candau (2012), ao defender que a construção de uma convivência democrática exige continuidade, planejamento e participação coletiva. A autora destaca que ações pontuais, embora importantes, mostram-se insuficientes para enfrentar problemas complexos como a violência escolar. Da mesma forma, Abramovay (2021) ressalta que políticas de convivência produzem resultados mais consistentes quando deixam de ser iniciativas isoladas e passam a integrar o projeto institucional da escola.

As entrevistas realizadas nesta pesquisa reforçam essa compreensão ao demonstrarem que os educadores reconhecem a necessidade de um trabalho coletivo, articulado e permanente. Mais do que responder aos conflitos quando eles acontecem, os participantes apontam para a importância de construir uma cultura institucional em que a prevenção da violência faça parte das práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo de todo o ano letivo.

Os depoimentos da coordenadora pedagógica Ana Maria (apêndice VII) reforçam essa discussão ao evidenciarem que o enfrentamento do *bullying* envolve desafios que extrapolam a atuação individual dos educadores. Em sua entrevista, a participante destaca que a escola busca desenvolver ações voltadas à convivência e à mediação de conflitos, porém reconhece que limitações relacionadas ao tempo, a falta de um protocolo claro para todos, à organização do trabalho pedagógico e à necessidade de formação continuada dificultam a consolidação de práticas permanentes.

As falas revelam que existe um esforço institucional para enfrentar as situações de violência, mas também indicam que esse trabalho precisa disputar espaço com inúmeras demandas presentes no cotidiano escolar. A multiplicidade de atribuições assumidas pelos profissionais, associada ao elevado número de estudantes atendidos, faz com que muitas intervenções ocorram de maneira imediata, priorizando a resolução do conflito, sem que haja tempo suficiente para desenvolver ações preventivas e sistemáticas.

Esse aspecto também apareceu em outros depoimentos, especialmente quando os participantes relatam a dificuldade de acompanhar todas as relações estabelecidas entre os estudantes durante os diferentes momentos da rotina escolar. Conforme observado anteriormente, muitas situações de *bullying* ocorrem em espaços e tempos nos quais a presença do adulto é reduzida, tornando ainda mais complexa sua identificação e acompanhamento.

Os resultados desta pesquisa dialogam com Saviani (2008), ao evidenciar que práticas educativas não se concretizam apenas pela existência de documentos, projetos ou intenções. Para que produzam efeitos no cotidiano escolar, é necessário que estejam articuladas a condições objetivas de trabalho, planejamento e formação. Sob essa perspectiva, o enfrentamento do *bullying* exige intencionalidade pedagógica, continuidade das ações e envolvimento coletivo de toda a comunidade escolar.

Essa compreensão também se aproxima das reflexões de Candau (2012), ao defender que a construção de uma cultura de paz não depende exclusivamente da criação de projetos específicos, mas da incorporação da convivência democrática como princípio organizador das práticas escolares. Isso significa que o enfrentamento da violência precisa atravessar o currículo, a gestão, as relações entre os profissionais e as experiências cotidianas vividas pelos estudantes.

As pesquisas analisadas na revisão de literatura reforçam esse entendimento. Estudos nacionais e internacionais apontam que programas de prevenção ao *bullying* apresentam melhores resultados quando deixam de ser intervenções pontuais e passam a integrar o projeto pedagógico da escola, envolvendo professores, equipe gestora, estudantes, famílias e demais profissionais que atuam na instituição. Dessa forma, mais do que responder às situações de violência já instaladas, a escola fortalece uma cultura institucional comprometida com a prevenção, o diálogo e a participação.

Os dados produzidos nesta investigação permitem afirmar que esse continua sendo um dos principais desafios enfrentados pelas escolas. Os participantes demonstram conhecimento sobre o fenômeno, reconhecem sua gravidade e desenvolvem diferentes estratégias de intervenção. Entretanto, também evidenciam que a consolidação de uma política institucional de convivência depende de investimentos em formação continuada, fortalecimento do trabalho coletivo e criação de espaços permanentes destinados à reflexão sobre as relações construídas no cotidiano escolar.

Figura 7 – Cena do filme *Evil – Raízes do Mal* (2003) - Os desafios da instituição diante da violência entre os estudantes.



Fonte: *Evil – Raízes do Mal* (2003)

As dificuldades apontadas pelos participantes também encontram ressonância na narrativa de *Evil – Raízes do Mal* (2003). Ao longo do filme, observa-se que a violência entre os estudantes não se mantém apenas pela ação dos veteranos, mas também pelas fragilidades da instituição em reconhecer, enfrentar e interromper essas práticas. Os adultos aparecem, em diversos momentos, distantes das relações estabelecidas entre os alunos ou limitados por uma organização institucional que acaba permitindo a continuidade das agressões.

Essa representação não pretende estabelecer uma equivalência entre o internato retratado no filme e a escola investigada nesta pesquisa. Ao contrário, evidencia que, em diferentes contextos, o enfrentamento da violência constitui um desafio institucional que ultrapassa a atuação individual de professores e gestores. Assim como relataram os participantes, a existência de normas, orientações ou documentos institucionais, por si só, não garante a transformação das relações cotidianas.

A narrativa cinematográfica permite visualizar que a omissão institucional pode assumir diferentes formas. Em alguns momentos ela ocorre pela ausência de intervenção; em outros, pela naturalização de práticas consideradas tradicionais ou inevitáveis dentro da instituição. Essa leitura aproxima-se das discussões de Teles e Maynard (2010), ao afirmarem que *Evil – Raízes do Mal* (2003) problematiza estruturas institucionais que acabam legitimando relações autoritárias e violentas ao longo do tempo.

Os resultados desta pesquisa apontam para uma realidade distinta, mas que também revelam desafios importantes. Diferentemente do internato retratado no filme, a escola investigada demonstra reconhecer o *bullying* como um problema, registra ações de

enfrentamento em seu PPP e desenvolve diferentes estratégias de mediação. Entretanto, as entrevistas revelam que transformar essas iniciativas em práticas permanentes continua sendo um desafio, especialmente diante das condições concretas de funcionamento da instituição.

Essa constatação reforça que o enfrentamento do *bullying* não depende apenas da identificação de situações de violência, mas da construção de uma cultura institucional comprometida com a prevenção, a formação continuada dos profissionais e o fortalecimento das relações de convivência. Como defendem Candau (2012) e Saviani (2008), práticas educativas transformadoras exigem intencionalidade, continuidade e organização coletiva, aspectos que também apareceram como necessidades nas falas dos participantes.

Ao articular as entrevistas, o Projeto Político-Pedagógico, a literatura especializada e a narrativa cinematográfica, observa-se que os desafios da escola não se restringem ao controle disciplinar ou à resolução imediata dos conflitos. Eles envolvem a construção cotidiana de um ambiente em que estudantes e educadores possam reconhecer a violência, dialogar sobre ela e desenvolver estratégias coletivas capazes de fortalecer relações mais democráticas e respeitadas. Nessa perspectiva, enfrentar o *bullying* significa também fortalecer a própria escola como espaço de formação humana, de participação e de construção da convivência.

5.6 CINEMA COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA

A discussão sobre o uso do cinema no enfrentamento do *bullying* esteve presente nas entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa, revelando tanto o reconhecimento de seu potencial educativo quanto a compreensão de que seus efeitos dependem da forma como essa linguagem é incorporada às práticas pedagógicas. De modo geral, os educadores não atribuem ao filme a capacidade de transformar comportamentos por si só, mas reconhecem que ele pode favorecer processos de sensibilização, reflexão e diálogo quando articulado a um trabalho pedagógico intencional.

Quadro 13: O cinema como possibilidade pedagógica nas falas dos participantes

Participante	Trecho da fala
Silvio	"A arte tem potencial para discutir violência..."
Noemia	"O audiovisual é um complemento..."
Larissa	"No teatro é possível trabalhar o senso crítico..."
Ana Maria	"O cinema já é bastante utilizado..."

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Entre os participantes, o professor Silvio (apêndice VIII) sintetiza essa compreensão ao afirmar: "A arte tem potencial para discutir violência, poder e convivência. Essas linguagens ajudam a abrir discussões, mas é necessário aprofundar para não ficar apenas na exposição das questões." A fala demonstra que o potencial do cinema não está na simples exibição de um filme, mas na capacidade de provocar questionamentos que precisem ser desenvolvidos ao longo do trabalho pedagógico. Ao utilizar a expressão "aprofundar", o participante chama a atenção para a necessidade de mediação do educador, indicando que o filme representa o início de um processo de reflexão, e não seu ponto de chegada.

Essa percepção dialoga diretamente com Duarte (2002), ao defender que o cinema constitui uma linguagem cultural capaz de ampliar a leitura de mundo dos estudantes quando integrado às experiências educativas. Da mesma forma, Napolitano (2010) ressalta que a utilização pedagógica do cinema exige planejamento, definição de objetivos e mediação qualificada, evitando que a exibição de filmes se reduza a momentos de entretenimento desvinculados das aprendizagens pretendidas.

Os resultados desta pesquisa ampliam essas contribuições ao demonstrar que os próprios educadores reconhecem essa necessidade. As entrevistas evidenciam que o cinema é valorizado menos pelas respostas que oferece e mais pelas perguntas que suscita. Ao abordar temas como violência, preconceito, exclusão e relações de poder, as narrativas cinematográficas favorecem a construção de espaços de diálogo nos quais os estudantes podem interpretar situações, confrontar diferentes pontos de vista e relacionar as experiências apresentadas na tela com aquelas vividas em seu cotidiano.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Fresquet (2013), ao defender que a experiência cinematográfica na escola pode favorecer processos de formação ética, estética e intelectual. Nessa perspectiva, o cinema deixa de ocupar um lugar secundário na prática pedagógica para constituir-se como uma linguagem que amplia as possibilidades de participação, escuta e produção de sentidos pelos estudantes, contribuindo para uma educação comprometida com a formação humana.

A educadora Noemia (apêndice X) amplia essa discussão ao destacar que o audiovisual, quando utilizado isoladamente, tende a produzir efeitos limitados: "O audiovisual é um complemento de um trabalho que precisa ser desenvolvido com outras atividades. [...] Eu acho que ele isolado e finalizar com uma roda de conversa sem ter outras atividades dentro do mesmo tema, eu acho que acaba só ficando algo que eles assistem, acham interessante ou não acham, e depois se perde. Para a gente conseguir concretizar os ensinamentos que a gente tenta passar

com esses audiovisuais, a gente precisa fazer mais coisas, trazer mais elementos e coisas que eles também produzam."

A fala da participante desloca a discussão do filme em si para o processo pedagógico construído a partir dele. O cinema deixa de ser compreendido como uma atividade pontual e passa a integrar um conjunto de experiências que envolve produção, diálogo, investigação e participação dos estudantes. Nessa perspectiva, a aprendizagem não ocorre durante a exibição do filme, mas na elaboração coletiva dos sentidos produzidos a partir dessa experiência.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Bergala (2008), ao defender que o cinema deve ocupar na escola um lugar de experiência, e não apenas de transmissão de conteúdos. Para o autor, o significado da linguagem cinematográfica está justamente em provocar inquietações, interpretações e diferentes formas de olhar para a realidade, cabendo ao professor criar condições para que essas experiências sejam compartilhadas e aprofundadas coletivamente.

As entrevistas realizadas nesta pesquisa reforçam essa perspectiva ao reforçarem que o filme, por si só, não altera comportamentos nem resolve conflitos. Seu potencial educativo depende das relações que os estudantes estabelecem com a narrativa e, principalmente, da forma como o educador organiza momentos de diálogo, problematização e produção de novos conhecimentos.

Essa ideia também aparece na fala da auxiliar técnica Joana (apêndice IX): "Utilização de filmes desde que haja um trabalho em conjunto de debate e reflexão com os alunos para que eles se conheçam e se reconheçam como seres atuantes no combate ao *bullying* e à violência na escola."

Ao afirmar que os estudantes precisam "reconhecer-se como seres atuantes", Joana amplia a finalidade pedagógica do cinema. O objetivo deixa de ser apenas sensibilizar ou informar e passa a envolver a formação de sujeitos capazes de participar da construção de relações mais respeitadas no cotidiano escolar. Assim, o filme não se limita a representar situações de violência; ele cria oportunidades para que crianças e adolescentes reflitam sobre suas próprias atitudes, questionem práticas naturalizadas e assumam um papel ativo na prevenção do *bullying*.

Essa interpretação dialoga com Fantin (2006), ao compreender que o trabalho com o cinema favorece processos de leitura crítica das imagens e do mundo, ampliando a participação dos estudantes na construção do conhecimento. Também se aproxima de Fresquet (2013), ao

defender que a experiência cinematográfica pode contribuir para a formação ética, estética e política dos sujeitos quando articulada a práticas pedagógicas intencionais.

Os resultados desta pesquisa confirmam essa compreensão ao revelarem que o potencial educativo do cinema não reside apenas na narrativa apresentada, mas na qualidade da mediação realizada pelos educadores. Mais do que assistir a um filme, trata-se de criar condições para que essa experiência seja transformada em reflexão, diálogo, produção de sentidos e construção coletiva de novos modos de convivência.

A educadora Larissa (apêndice X) também destaca o potencial das linguagens artísticas para o desenvolvimento de práticas voltadas à convivência e ao enfrentamento da violência: "Atividades voltadas para o sociocultural e o socioeducativo acabam sendo mais fáceis de abordar essas questões. [...] No CCA eu trabalho com teatro e dança, e dentro dessas linguagens já é possível estimular o interesse. No teatro é possível trabalhar o senso crítico através do conteúdo e, dentro do conteúdo, é possível trabalhar diversos temas."

Embora sua fala se refira diretamente ao teatro, ela amplia a compreensão sobre o lugar das diferentes linguagens artísticas nos processos educativos. Assim como o teatro e a dança, o cinema cria possibilidades para que crianças e adolescentes se aproximem de temas complexos por meio da experiência estética, favorecendo o diálogo, a expressão de sentimentos e a construção de novos olhares sobre a realidade.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Duarte (2002), ao defender que a experiência com o cinema ultrapassa a dimensão informativa e mobiliza aspectos afetivos, culturais e sociais que contribuem para ampliar a compreensão do mundo. Também dialoga com Napolitano (2010), ao afirmar que o cinema favorece processos de aprendizagem quando utilizado como linguagem que estimula a leitura crítica da realidade, e não apenas como recurso ilustrativo para introduzir conteúdos escolares.

Outro aspecto importante aparece na fala da coordenadora Ana Maria (apêndice VII), ao afirmar que o cinema já faz parte do cotidiano da escola: "O cinema já é bastante utilizado em todas as disciplinas."

Essa afirmação elucida que o desafio não consiste necessariamente em inserir o cinema na escola, mas em qualificar sua utilização pedagógica. A presença dessa linguagem no cotidiano escolar não garante, por si só, processos de reflexão crítica sobre a convivência ou o *bullying*. Os resultados desta pesquisa indicam que o potencial educativo do cinema depende menos da frequência com que os filmes são exibidos e mais da intencionalidade pedagógica que orienta sua utilização.

Essa constatação aproxima-se das reflexões de Napolitano (2010), ao destacar que o uso indiscriminado do cinema pode reduzir essa linguagem a momentos de entretenimento ou preenchimento do tempo escolar. Em contrapartida, quando integrado ao planejamento pedagógico, o filme torna-se um importante mediador de aprendizagens, permitindo que os estudantes analisem diferentes perspectivas, questionem situações de violência e estabeleçam relações entre a narrativa cinematográfica e as experiências vividas em seu cotidiano.

As entrevistas demonstram, portanto, que os educadores não defendem o cinema como solução para o *bullying*. Ao contrário, reconhecem seus limites e ressaltam que sua contribuição depende da qualidade da mediação docente, da articulação com outras atividades e da continuidade do trabalho desenvolvido. Essa percepção reforça que o cinema deve ser compreendido como uma possibilidade pedagógica inserida em um projeto educativo mais amplo, comprometido com a formação humana, a promoção da convivência e a construção de uma cultura de paz.

Figura 8 – Cena do filme *Evil – Raízes do Mal* (2003) - Dispositivo para problematização das relações de violência e convivência.



Fonte: *Evil – Raízes do Mal* (2003)

Ao longo desta pesquisa, *Evil – Raízes do Mal* (2003) foi utilizado como uma narrativa capaz de provocar reflexões sobre diferentes formas de violência presentes nas relações humanas. As cenas analisadas dialogaram com os relatos dos participantes, o PPP da escola e o referencial teórico, ampliando a compreensão das categorias da pesquisa.

Ao retratar processos de humilhação, exclusão, silenciamento e disputa por poder, o filme evidencia aspectos que também apareceram nas entrevistas realizadas com os educadores.

Evidentemente, os contextos são distintos, porém ambos permitem compreender que o *bullying* não se reduz a atos isolados de agressão. Trata-se de um fenômeno produzido nas relações entre os sujeitos, sustentado por práticas que, muitas vezes, são naturalizadas e legitimadas no cotidiano das instituições.

Nesse sentido, o cinema mostrou-se uma linguagem capaz de favorecer o distanciamento necessário para discutir temas sensíveis sem expor diretamente as experiências dos estudantes. Ao analisar os conflitos vividos pelos personagens, crianças, adolescentes e educadores podem reconhecer situações semelhantes às de seu cotidiano e refletir sobre elas em um ambiente de diálogo e mediação pedagógica. Como afirmam os participantes da pesquisa, esse potencial se concretiza quando o filme integra um percurso formativo intencional, e não se constitui como um fim em si mesmo.

Os resultados obtidos reafirmam as contribuições de Duarte (2002), Napolitano (2010), Fantin (2006), Bergala (2008) e Fresquet (2013), ao evidenciarem que o potencial educativo do cinema está diretamente relacionado à mediação realizada pelo professor. A narrativa cinematográfica não substitui a ação pedagógica, tampouco resolve, por si só, problemas de convivência. Sua contribuição consiste em ampliar as possibilidades de escuta, problematização e construção coletiva de sentidos, favorecendo que estudantes e educadores reflitam criticamente sobre as relações estabelecidas no ambiente escolar.

Ao articular as entrevistas, os documentos institucionais, a literatura especializada e a análise de *Evil – Raízes do Mal* (2003), esta pesquisa permite compreender que o cinema constitui uma linguagem potente para a formação humana quando integrado a um projeto pedagógico comprometido com a convivência democrática. Mais do que ilustrar conteúdos, ele favorece a construção de experiências que mobilizam razão, sensibilidade e participação, ampliando as possibilidades de enfrentamento do *bullying* por meio do diálogo, da reflexão e da valorização das diferenças.

Dessa forma, a análise desenvolvida ao longo deste capítulo destaca que compreender o *bullying* exige considerar a complexidade das relações que o constituem. Naturalização da violência, relações de poder, silenciamento, contexto social e familiar, desafios institucionais e mediação pedagógica não se apresentam como dimensões isoladas, mas como aspectos que se articulam e se influenciam mutuamente. Nesse contexto, o cinema revelou-se uma possibilidade pedagógica capaz de favorecer a reflexão crítica e fortalecer práticas voltadas ao respeito às diferenças e à cultura de paz.

6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: O USO DO CINEMA NO ENFRENTAMENTO DO *BULLYING*

A presente pesquisa teve como objetivo compreender o *bullying* no contexto escolar a partir das percepções de educadores e da análise de cenas do filme *Evil – Raízes do Mal*, articulando esses elementos aos dados institucionais e ao contexto sociocultural dos estudantes. Ao longo do percurso investigativo, foi possível revelar que o *bullying* não se configura como um fenômeno isolado, mas como uma prática que se constrói nas relações cotidianas, sendo atravessada por múltiplas dimensões.

Os resultados apontam, inicialmente, para a naturalização da violência no cotidiano escolar, na medida em que práticas de humilhação, exclusão e agressão passam a ser interpretadas como brincadeiras ou formas comuns de interação entre os estudantes. Esse processo dificulta o reconhecimento do *bullying* como problema e contribui para sua permanência, indicando a necessidade de ações pedagógicas que problematizem essas práticas.

A análise retratou que o *bullying* se organiza a partir de relações de poder, nas quais diferenças relacionadas à aparência, ao consumo e à posição social são mobilizadas como formas de hierarquização entre os estudantes. Nesse contexto, a violência atua como mecanismo de afirmação e pertencimento no grupo, evidenciando que não se trata apenas de comportamentos individuais, mas de dinâmicas coletivas.

A dimensão coletiva do fenômeno também se mostrou central, especialmente no que se refere ao papel dos espectadores. A omissão diante das situações de violência contribui para sua continuidade, enquanto a busca por ajuda indica possibilidades de ruptura desse ciclo. Esses elementos reforçam a compreensão de que o *bullying* se sustenta em relações sociais mais amplas, nas quais diferentes sujeitos assumem papéis distintos.

Outro aspecto relevante diz respeito à influência do contexto social e familiar, ressaltando que as experiências vividas pelos estudantes fora da escola impactam diretamente suas formas de agir e de se relacionar. Situações de violência no ambiente familiar e condições de vulnerabilidade social ampliam a complexidade do fenômeno, indicando que seu enfrentamento exige uma abordagem que ultrapasse os limites da escola.

Nesse sentido, o PPP da unidade escolar demonstrou reconhecer a presença do *bullying* no cotidiano e apresentou um plano de ação com estratégias de enfrentamento, como mediação de conflitos, promoção da cultura de paz e articulação com as famílias. No entanto, a análise demonstrou uma tensão entre o que está previsto no documento e o que se concretiza na prática,

indicando que a efetivação dessas ações depende de condições institucionais, como tempo, formação continuada e organização do trabalho pedagógico.

A comparação entre os dois contextos investigados — escola e Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) também contribuiu para a compreensão do fenômeno. Embora atendam, em grande parte, os mesmos estudantes, a diferença no número de alunos e nas condições de funcionamento impacta diretamente as possibilidades de acompanhamento e intervenção. No CCA, o menor número de estudantes favorece uma atuação mais próxima, enquanto na escola o elevado quantitativo amplia os desafios relacionados à mediação das relações e ao enfrentamento das situações de violência.

No que se refere ao uso do cinema, a pesquisa destacou que, embora já esteja presente no cotidiano escolar, sua utilização ainda ocorre de forma pontual e pouco articulada a objetivos pedagógicos mais amplos. As análises realizadas indicam que o cinema possui um grande potencial para tornar visíveis relações de poder e situações de violência que, muitas vezes, passam despercebidas no cotidiano. No entanto, esse potencial só se concretiza quando associado a práticas pedagógicas intencionais, que promovam o diálogo, a reflexão e a participação dos estudantes.

Diante dos achados da pesquisa, tornou-se evidente que o enfrentamento do *bullying* demanda mais do que intervenções pontuais ou ações restritas a momentos específicos do calendário escolar. Os depoimentos dos participantes revelaram a necessidade de práticas pedagógicas contínuas, planejadas e articuladas ao projeto educativo da instituição, capazes de favorecer a reflexão crítica, o diálogo e a construção de relações mais respeitosas entre os estudantes.

Foi justamente dessa necessidade que surgiu o produto educacional que acompanha esta dissertação. O *e-book* Cinema, Convivência e *Bullying*: possibilidades pedagógicas para o enfrentamento da violência escolar foi elaborado como um material de apoio destinado a professores, coordenadores pedagógicos e demais profissionais da educação interessados em utilizar a linguagem cinematográfica como estratégia de prevenção e enfrentamento do *bullying*.

Imagem 4 – Capa do *e-book* Cinema, Convivência e *Bullying*: possibilidades pedagógicas para o enfrentamento da violência escolar.



Fonte: Produzido pela autora (2026)

A imagem 4 apresenta a capa do produto educacional desenvolvido a partir dos resultados desta pesquisa.

Sua elaboração foi diretamente orientada pelos resultados desta investigação. As categorias construídas durante a análise — naturalização da violência, relações de poder, silenciamento e mediação, contexto social e familiar, desafios da escola e cinema como possibilidade pedagógica — constituíram o eixo estruturador das propostas apresentadas no material. Dessa forma, o *e-book* não se limita a sugerir filmes, mas procura oferecer um percurso de trabalho fundamentado teoricamente e articulado às necessidades identificadas nas falas dos educadores.

Organizado em etapas, o material apresenta orientações para o planejamento das atividades, critérios para a escolha dos filmes, propostas para momentos anteriores, durante e posteriores à exibição, sugestões de questões para rodas de conversa, atividades de produção coletiva e estratégias de mediação voltadas ao fortalecimento da convivência e da cultura de paz. Também reúne indicações de obras cinematográficas que abordam diferentes formas de violência, preconceito, exclusão, empatia e respeito às diferenças, ampliando as possibilidades de utilização do cinema em distintos contextos educativos.

A proposta parte do princípio de que o filme, isoladamente, não transforma práticas nem modifica comportamentos. Seu potencial educativo depende da mediação realizada pelos profissionais da educação, da intencionalidade pedagógica e da articulação com outras experiências de aprendizagem. Assim, o *e-book* procura oferecer subsídios para que o cinema seja incorporado ao cotidiano escolar não como atividade eventual ou ilustrativa, mas como uma linguagem capaz de favorecer processos permanentes de reflexão, sensibilização e construção coletiva de conhecimentos.

Cabe destacar, entretanto, que a efetividade dessa proposta está diretamente relacionada às condições institucionais de sua implementação. Os próprios participantes da pesquisa apontaram desafios como a limitação de tempo para planejamento coletivo, a elevada demanda de trabalho dos profissionais, a necessidade de formação continuada e a importância do envolvimento das famílias e da comunidade escolar. Esses aspectos indicam que o produto educacional deve ser compreendido como um instrumento de apoio ao trabalho pedagógico, e não como uma solução isolada para um fenômeno cuja complexidade exige ações integradas e permanentes.

Como limite da pesquisa, destaca-se o fato de que o *e-book* não foi aplicado junto aos participantes desta investigação, o que impossibilitou avaliar seus impactos sobre as práticas pedagógicas ou sobre as relações de convivência escolar. Essa limitação, contudo, abre possibilidades para estudos futuros voltados à implementação, acompanhamento e avaliação do material em diferentes contextos educativos, bem como à ampliação de pesquisas que incluam a participação direta de estudantes na construção e análise de propostas de prevenção ao *bullying*.

Por fim, compreende-se que enfrentar o *bullying* significa investir na construção cotidiana de relações mais democráticas, respeitosas e acolhedoras. Os resultados desta pesquisa demonstram que o cinema pode contribuir significativamente para esse processo quando utilizado de forma crítica, planejada e intencional. Mais do que um recurso didático, constitui uma linguagem capaz de mobilizar emoções, ampliar repertórios culturais e favorecer o diálogo sobre questões que atravessam a vida escolar. Espera-se, portanto, que o produto educacional elaborado possa contribuir para fortalecer práticas pedagógicas comprometidas com a formação humana, a cultura de paz e a promoção de uma convivência pautada no respeito às diferenças.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito compreender como educadores interpretam as manifestações de *bullying* no ambiente escolar e em espaço socioeducativo, analisando de que maneira esse fenômeno é percebido, enfrentado e incorporado às práticas educativas. Partiu-se da compreensão de que o *bullying* não pode ser reduzido a conflitos interpessoais ocasionais, mas deve ser entendido como uma manifestação complexa da violência, produzida nas relações sociais e atravessada por diferentes contextos.

Nessa perspectiva, definiu-se como objetivo geral compreender como educadores interpretam o *bullying* no ambiente escolar e em um Centro para Crianças e Adolescentes. Como objetivos específicos, buscou-se identificar suas manifestações, analisar as dificuldades encontradas pelos profissionais na prevenção e no enfrentamento dessas situações e elaborar um produto educacional fundamentado na linguagem cinematográfica, voltado à promoção da convivência.

A investigação partiu da hipótese de que, embora o *bullying* seja reconhecido como um problema no cotidiano escolar, suas manifestações ainda são frequentemente naturalizadas, dificultando sua identificação e enfrentamento. Considerou-se, ainda, que o cinema, utilizado de forma intencional, pode favorecer a reflexão crítica e a problematização dessas práticas.

Os resultados confirmaram essa hipótese. As entrevistas, articuladas à análise do PPP, de outros documentos institucionais e das cenas do filme *Evil – Raízes do Mal* (2003), mostraram que o *bullying* se manifesta de diferentes formas e, muitas vezes, permanece invisibilizado porque práticas de humilhação, exclusão e intimidação são compreendidas como parte da rotina escolar. Ao mesmo tempo, a análise confirmou o potencial do cinema como linguagem capaz de favorecer o diálogo, a reflexão e a problematização das relações de convivência quando integrado de forma intencional às práticas educativas.

Mais do que responder aos objetivos propostos, esta pesquisa permitiu compreender que o enfrentamento do *bullying* exige uma mudança de perspectiva. Os dados indicam que a violência não se sustenta apenas pela ação dos agressores, mas também pelos processos de naturalização, pelas relações de poder, pelos silenciamentos e pelas dificuldades institucionais que atravessam o cotidiano escolar. Reconhecer essa complexidade constitui uma das principais contribuições deste estudo, ao deslocar a discussão do comportamento individual para a análise das relações sociais e pedagógicas que favorecem a permanência dessas práticas.

A partir da análise dos dados, foi possível compreender diferentes aspectos que contribuem para a permanência do *bullying* e para os desafios relacionados ao seu enfrentamento nas instituições educativas.

Os resultados permitiram compreender que o *bullying* não pode ser entendido como um conjunto de episódios isolados nem como resultado exclusivo de características individuais dos estudantes. Trata-se de um fenômeno produzido nas relações cotidianas, sustentado por processos de naturalização da violência, relações de poder assimétricas, silenciamento e diferentes formas de exclusão presentes na convivência escolar.

Um dos achados mais significativos da pesquisa foi constatar que muitas manifestações de *bullying* permanecem invisíveis por serem frequentemente interpretadas pelos próprios estudantes como "brincadeiras", "apelidos" ou situações comuns entre colegas. Essa percepção demonstra que o principal desafio não é apenas identificar comportamentos agressivos, mas desnaturalizar práticas incorporadas ao cotidiano como formas legítimas de interação. Confirmou-se, assim, que a banalização da violência constitui um dos maiores obstáculos à prevenção e ao enfrentamento do *bullying*.

As análises também mostraram que o *bullying* se organiza por meio de relações de poder que extrapolam a figura do agressor e da vítima. Diferenças relacionadas à aparência física, ao consumo, ao desempenho escolar, ao pertencimento a determinados grupos e a outras características socialmente valorizadas tornam-se mecanismos de hierarquização entre os estudantes, produzindo exclusão e sofrimento.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel dos espectadores. As entrevistas revelaram que o silêncio diante das agressões, motivado pelo medo, pela insegurança ou pela crença de que a intervenção não produzirá mudanças, contribui para a continuidade da violência. Ao mesmo tempo, os relatos apontaram que espaços de escuta, acolhimento e mediação favorecem a ruptura desse ciclo, reforçando a importância da atuação institucional.

Da mesma forma, a pesquisa permitiu compreender que o contexto social e familiar influencia as formas de convivência construídas pelos estudantes, sem que isso implique atribuir às famílias a responsabilidade exclusiva pela ocorrência do *bullying*. As experiências vividas fora da escola dialogam com aquelas construídas em seu interior, reafirmando que o enfrentamento da violência exige uma atuação integrada entre escola, família e rede de proteção.

Os resultados também mostraram que a escola ocupa um papel central no enfrentamento do *bullying*, mas essa responsabilidade não pode ser compreendida de forma isolada nem

desvinculada das condições concretas em que o trabalho educativo se realiza. Os depoimentos revelaram o compromisso dos profissionais com a construção de relações mais respeitadas entre os estudantes, ao mesmo tempo em que apontaram desafios relacionados ao planejamento, à formação continuada, ao elevado número de estudantes por educador e ao fortalecimento de ações institucionais permanentes.

Nesse contexto, a análise do PPP mostrou-se particularmente relevante. O documento reconhece o *bullying* como um problema presente no cotidiano escolar e propõe ações voltadas à mediação de conflitos, à promoção da cultura de paz e ao fortalecimento da convivência. Entretanto, a pesquisa apontou uma distância entre o que está previsto institucionalmente e o que efetivamente se concretiza nas práticas cotidianas, indicando que políticas de convivência dependem de condições objetivas para sua implementação, continuidade e avaliação.

A comparação entre a escola e o Centro para Crianças e Adolescentes também trouxe contribuições importantes. Embora ambas as instituições atendam, em grande medida, os mesmos estudantes, suas formas de organização produzem possibilidades distintas de intervenção. O número reduzido de crianças e adolescentes atendidos no CCA favorece um acompanhamento mais próximo dos educadores, o fortalecimento dos vínculos e o desenvolvimento de atividades baseadas em diferentes linguagens artísticas. Na escola, por sua vez, o maior número de estudantes e a complexidade da rotina dificultam o acompanhamento individualizado, reforçando a necessidade de fortalecer estratégias institucionais voltadas à prevenção da violência.

Esses resultados reafirmam que o enfrentamento do *bullying* não depende exclusivamente da atuação individual de professores ou gestores, mas de um compromisso institucional que integre o PPP, os processos formativos, a gestão escolar e as práticas desenvolvidas no cotidiano. Investir na convivência escolar não significa acrescentar mais uma tarefa ao trabalho dos profissionais da educação, mas reconhecer que ensinar e aprender também implica criar condições para que crianças e adolescentes desenvolvam valores, atitudes e formas de relacionamento compatíveis com os princípios de uma educação democrática, inclusiva e comprometida com a formação humana.

Além das contribuições relacionadas à compreensão do fenômeno, a pesquisa também confirmou o potencial do cinema como linguagem capaz de favorecer processos de sensibilização, diálogo e reflexão crítica sobre o *bullying*. As entrevistas demonstraram que seu potencial educativo não reside na simples exibição de filmes, mas na forma como essa experiência é planejada e mediada pelos educadores. Essa compreensão dialoga com Duarte

(2002), Napolitano (2010), Fantin (2006), Bergala (2008) e Fresquet (2013), que concebem o cinema como uma linguagem formativa capaz de ampliar repertórios culturais, provocar questionamentos e favorecer a construção de novos significados sobre a realidade.

Ao longo desta pesquisa, o filme *Evil – Raízes do Mal* (2003) ultrapassou a condição de objeto de análise e constituiu um dispositivo de reflexão, colocando em diálogo os referenciais teóricos, as experiências relatadas pelos participantes e as situações vivenciadas no cotidiano escolar. A narrativa cinematográfica permitiu problematizar processos de naturalização da violência, relações de poder, silenciamentos e desafios institucionais presentes nas instituições educativas, ampliando a compreensão do fenômeno investigado.

As entrevistas também mostraram que os educadores reconhecem essa potencialidade ao destacarem que o cinema aproxima os estudantes de temas sensíveis e cria oportunidades para discutir conflitos, preconceitos e situações de violência em um ambiente de escuta e respeito. Entretanto, seu potencial transforma-se em prática educativa quando articulado a rodas de conversa, produções coletivas e outras estratégias que possibilitem aos estudantes interpretar criticamente as narrativas e relacioná-las às experiências vividas.

Foi a partir dessas reflexões que se estruturou o produto educacional desta pesquisa. O *e-book* elaborado surgiu como resultado das necessidades identificadas ao longo da investigação. Organizado a partir das categorias analíticas construídas neste estudo, busca oferecer aos educadores subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento de propostas pedagógicas que utilizem o cinema como linguagem de mediação, reflexão e fortalecimento da convivência escolar.

Mais do que reunir sugestões de filmes e atividades, o *e-book* propõe um percurso de trabalho fundamentado na compreensão de que o enfrentamento do *bullying* exige continuidade, intencionalidade pedagógica e participação ativa dos estudantes. Espera-se que esse material contribua para a formação de professores e demais profissionais da educação, ampliando as possibilidades de utilização do cinema na promoção da cultura de paz, do respeito às diferenças e da construção de relações mais democráticas.

Embora os resultados permitam compreender aspectos relevantes do *bullying* nos contextos investigados, esta pesquisa apresenta limitações que precisam ser consideradas. Trata-se de um estudo qualitativo, desenvolvido em uma escola municipal e em um Centro para Crianças e Adolescentes localizados no mesmo território, com um número delimitado de participantes. Assim, seus resultados não têm a pretensão de serem generalizados, mas de

contribuir para a compreensão do fenômeno em contextos semelhantes e subsidiar novas investigações.

Outra limitação refere-se ao produto educacional. Embora o *e-book* tenha sido elaborado a partir das evidências produzidas nesta investigação e fundamentado no referencial teórico adotado, não foi possível implementá-lo nem avaliar seus efeitos junto aos participantes. Essa condição abre possibilidades para estudos futuros que contemplem sua aplicação e avaliação em diferentes contextos educacionais, bem como ampliem a participação de crianças e adolescentes, incorporando suas percepções, experiências e estratégias de enfrentamento da violência.

Ao concluir este percurso investigativo, compreende-se que o enfrentamento do *bullying* pressupõe o reconhecimento de suas diferentes formas de manifestação e a construção permanente de práticas de convivência fundamentadas no diálogo, na mediação de conflitos, no reconhecimento das diferenças e na participação de toda a comunidade escolar.

Esta pesquisa reafirmou a importância da escuta dos educadores para compreender os desafios vivenciados nas escolas e nos espaços socioeducativos. As entrevistas revelaram profissionais comprometidos com a formação humana, conscientes da complexidade do fenômeno e da necessidade de superar práticas exclusivamente punitivas em favor de ações educativas contínuas, capazes de promover relações mais respeitadas e democráticas.

Nesse percurso, o cinema mostrou-se mais do que um recurso metodológico ou um instrumento de apoio ao ensino. Constituiu-se como uma linguagem capaz de favorecer o diálogo entre teoria e prática, ficção e realidade, emoção e reflexão, possibilitando que educadores e estudantes problematizem relações de poder, exclusão e convivência por meio das narrativas cinematográficas e construam processos educativos mais sensíveis, críticos e humanizadores.

Espera-se que esta pesquisa e o produto educacional desenvolvido contribuam para fortalecer o debate sobre o *bullying* na Educação Básica e subsidiem práticas pedagógicas comprometidas com a convivência, o respeito às diferenças e a formação integral dos estudantes. Mais do que oferecer respostas definitivas, este estudo reafirma que enfrentar o *bullying* exige uma ação educativa intencional, construída coletivamente e fundamentada no diálogo, na mediação e na participação. Nessa perspectiva, o cinema amplia as possibilidades de reflexão, sensibilização e construção de relações mais democráticas no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas**. São Paulo: Cortez, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas escolas**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021.

ABRAMOVAY, Miriam (coord.). **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: RITLA; SEEDF, 2009.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO; MEC, 2003.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; WASELFISZ, Julio Jacobo. **Juventudes na escola**. Brasília: FLACSO; OEI; MEC, 2015.

ALMEIDA, Rogério de. **Cinema, imaginário e educação**. São Paulo: FEUSP, 2024.

BAUER, Carlos (Org.). Ato de fundação e apresentação do Grupo de Pesquisa em Educação e Cinema (GRUPEC), do Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE): ementa e textos básicos das disciplinas Políticas Educacionais e Cinema & Educação e Cinema. São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2024. Documento institucional

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394/1996 para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 27 jun. 2014.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 9 nov. 2015.

BRASIL. **Lei nº 13.277, de 29 de abril de 2016**. Institui o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência na Escola. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 2 maio 2016.

BRASIL. **Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024**. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente e tipifica o *bullying* e o *cyberbullying* no Código Penal. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 15 jan. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 12.006, de 24 de abril de 2024**. Institui o Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas (SNAVE) e regulamenta a Lei nº 14.643, de 2 de agosto de 2023. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 25 abr. 2024.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./mar. 2012.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EVIL – RAÍZES DO MAL (*Ondskan*). Direção: Mikael Håfström. Produção: Moviola Film. Suécia, 2003. Filme (113 min.).

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, Cléo; PRUDENTE, Neemias Moretti. **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e mídia-educação: olhares e experiências no Brasil e na Itália**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação e cinema na escola**. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 14-15, p. 1-13, jan./dez. 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24008>. Acesso em: 10 jul. 2026.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **O cinema e a escola: formas imagéticas da violência**. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 19, n. 47, p. 104-115, dez. 1998.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. **Há 46 anos Herzog entrava para história dos direitos humanos**. São Paulo, 2021. Disponível em: Instituto Vladimir Herzog. Acesso em: 14 maio 2026.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do**. Oxford: Blackwell, 1993.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2010.

PEREIRA, Sônia Maria. **Bullying e suas implicações**. São Paulo: Paulus, 2009.

ROCHA, Telma. **Bullying em debate na escola através do cinema**. Periferia, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 302-317, 2020. DOI: 10.12957/periferia.2020.42266.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010.

TELES, Paulo Roberto Alves; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **As raízes do mal: a intolerância no cinema do século XXI**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-PB, 14., 2010, Campina Grande. Anais [...] Campina Grande: ANPUH-PB, 2010. Disponível em: [Anais da ANPUH-PB – artigo completo](#). Acesso em: 11 jul. 2026.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. **Quando a escola é democrática: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

UNESCO. **Behind the numbers: ending school violence and bullying**. Paris: UNESCO, 2019.

UNICEF. **An everyday lesson: ending violence in schools**. New York: UNICEF, 2018.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

APÊNDICE I – Carta de apresentação da pesquisa



UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

CARTA DE APRESENTAÇÃO

A aluna VÂNIA da Silva está devidamente matriculada no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) da Universidade Nove de Julho (Uninove), e está desenvolvendo uma pesquisa cujo título é **“ENTRE CENAS E REALIDADE: O CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR E AO *BULLYING*”**, sob orientação do Professor Dr. Carlos Bauer.

Nesse sentido, solicitamos a autorização para a realização deste trabalho. Reiteramos que os dados desta pesquisa serão utilizados somente para fins acadêmicos.

Agradeço antecipadamente a atenção.

Assinatura do Professor Orientador
Professor Dr. Carlos Bauer

Assinatura da Orientanda

APÊNDICE II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada “ENTRE CENAS E REALIDADE: O CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO COMBATE À VIOLENCIA ESCOLAR E AO *BULLYING*” que investiga as percepções sobre *bullying* e violência escolar, utilizando o filme *Evil – Raízes do Mal (2003)* como recurso didático e pedagógico, portanto sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir e retirar seu consentimento. Os objetivos deste estudo visam compreender as percepções de educadores sobre violência e *bullying* escolar; analisar o potencial do cinema como recurso pedagógico e desenvolver estratégias de intervenção baseadas na linguagem cinematográfica. Estou ciente que esta pesquisa será conduzida por meio de observações e entrevistas. Os resultados obtidos poderão ser divulgados em periódicos acadêmicos, congressos ou qualquer outro tipo de evento, porém o seu nome e o da instituição serão mantidos em sigilo. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional da pesquisadora e do orientador, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sobre sua participação, agora ou a qualquer momento.

CONTATOS

Pesquisadora: Vânia Silva – e-mail: wanhinha@yahoo.com.br – fone: 11 96658-8648

Orientador: Prof. Dr. Carlos Bauer - e-mail: carlosbauer@uni9.pro.br

São Paulo, de

Pesquisadora: Vânia da Silva

Orientador: Prof. Dr. Carlos Bauer

Endereço: Rua Vergueiro, 235/249 – Liberdade – São Paulo

Telefone: 2633-9000

APÊNDICE III – Declaração de Consentimento**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**

Declaro que li e compreendi as informações apresentadas, concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e autorizo a gravação da entrevista exclusivamente para fins de análise, **com garantia de confidencialidade e uso restrito aos objetivos do estudo.**

Assinatura do Participante: _____

Nome: _____

Data: _____

APÊNDICE IV – Declaração de Consentimento**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**

Declaro que li e compreendi as informações apresentadas, concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e autorizo a gravação da entrevista exclusivamente para fins de análise, **com a divulgação do meu nome, conforme autorizado por escrito.**

Assinatura do Participante: _____

Nome: _____

Data: _____

APÊNDICE V – Declaração de Consentimento**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO****CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO**

Declaro que li e compreendi as informações acima e concordo em participar desta pesquisa.

AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO EM ÁUDIO

Autorizo a gravação da entrevista para fins de análise, com garantia de confidencialidade.

AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO EM ÁUDIO

Autorizo a gravação da entrevista para fins de análise, com a divulgação do nome do entrevistado, desde que autorizada por escrito.

Assinatura do Participante: _____

Nome: _____

Data: _____

APÊNDICE VI – Roteiro de entrevista semiestruturada

Tema: *Bullying* e violência escolar

Objetivo: Compreender as percepções de educadores sobre o *bullying*, suas manifestações no cotidiano escolar e as possibilidades de enfrentamento, considerando o uso do cinema como recurso pedagógico.

1. Professor

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa que investiga como o cinema pode ser utilizado no combate ao *bullying* escolar, tendo como referência o filme *Evil – Raízes do Mal* como elemento de reflexão.

1. Conceituação e percepção
Em sua experiência, como você define ou identifica situações de *bullying* na escola?
Os alunos reconhecem quando estão envolvidos nessas situações?
2. Observação e intervenção
Que tipos de violência ou exclusão entre alunos você já observou em sua prática?
Como costuma intervir nessas situações?
3. Relações de poder
No filme objeto de análise da pesquisa, são apresentadas situações em que estudantes impõem regras por meio de violência física e psicológica. Você identifica dinâmicas de poder semelhantes entre os alunos, mesmo que em menor intensidade?
4. Estratégias pedagógicas
Que abordagens ou atividades você já utilizou para trabalhar valores como respeito, empatia e convivência com seus alunos?
5. Cinema como recurso pedagógico
Na sua opinião, o uso de filmes pode contribuir para discussões sobre *bullying* e violência? Poderia citar exemplos ou explicar por que considera essa estratégia eficaz?
6. Protagonismo estudantil
Como você percebe o papel do grêmio estudantil e dos próprios alunos na construção de um ambiente escolar mais respeitoso?

2- Auxiliar técnico em Educação

Sua atuação junto aos alunos em momentos como intervalos e recreios contribui para a compreensão das dinâmicas de convivência no ambiente escolar.

1. Dinâmicas observadas
Como você descreveria as relações entre alunos de diferentes idades nos espaços de convivência? Há situações de cuidado e também de conflito?
2. Mediação de conflitos
Que tipos de conflitos são mais frequentes entre os alunos? Como você costuma mediá-los?
3. Violência simbólica
Você já observou situações de apelidos, exclusão ou humilhação entre os alunos?
Como essas situações afetam o clima escolar?

4. Espectadores e omissão
Em situações de violência entre alunos, você observa comportamentos de omissão por parte de quem presencia? Por que acredita que isso acontece?
5. Cinema como sensibilização
Na sua opinião, a exibição de filmes que abordam situações de *bullying* pode contribuir para que os alunos reconheçam e enfrentem essas situações?
6. Melhorias no ambiente escolar
O que poderia ser feito para tornar os espaços de convivência mais seguros e acolhedores para todos os alunos?

3. Coordenadora Pedagógica

Sua atuação na gestão ao *bullying*.

1. Políticas institucionais
Como a escola trabalha atualmente a prevenção do *bullying*? Existem projetos ou ações específicas?
2. Relação escola-família
Como situações familiares podem refletir no comportamento dos alunos na escola? Você observa a reprodução de violências externas no ambiente escolar?
3. Práticas institucionais e relações de poder pedagógica e na formação docente contribui para a compreensão das estratégias institucionais de enfrentamento
Considerando que práticas escolares podem, por vezes, reforçar comparações ou desigualdades, como a escola pode evitar a reprodução dessas dinâmicas?
4. Desafios estruturais
Quais são os principais obstáculos enfrentados pela escola para efetivar ações de prevenção e enfrentamento ao *bullying*?
5. Cinema no currículo
Como você avalia a inserção do cinema como recurso pedagógico? O uso de filmes poderia ser integrado de forma mais sistemática ao projeto pedagógico da escola?
6. Gestão democrática
Que ações institucionais poderiam fortalecer o protagonismo estudantil e a gestão democrática no combate à violência escolar?

4. Educadores de ONG / Projeto Social

Sua experiência com jovens em diferentes contextos sociais contribui para ampliar a compreensão das manifestações de violência.

1. Percepção ampliada- Como você percebe as manifestações de *bullying* entre os jovens que acompanha?
2. Que fatores sociais influenciam essas dinâmicas?
3. Vulnerabilidades - Que tipos de violência familiar ou comunitária você observa repercutindo no comportamento dos jovens?
4. Estratégias comunitárias - Que estratégias têm se mostrado eficazes no trabalho com jovens em situações de

5. Linguagens audiovisuais - Como as linguagens artísticas contribuem para o trabalho com os jovens?
6. Trabalho em rede - Como escola e o CCA poderiam atuar de forma mais integrada no enfrentamento ao *bullying*?

APÊNDICE VII – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA – Coordenadora pedagógica

Data: 30/10/2025

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Coordenadora Pedagógica

Nome: Ana Maria

Idade: 49 anos

Formação: Especialização em educação infantil

Ano de formação: 2006

Tempo de experiência: 29 anos

Tempo no cargo atual: 5 anos

Sua atuação na gestão ao *bullying*.

1-Como a escola trabalha atualmente a prevenção do *bullying*? Existem projetos ou ações específicas?

O tema é tratado durante as aulas em rodas de conversas, no início do ano as turmas realizam conversas sobre o bullying e fazem combinados, os estudantes e familiares são orientados a denunciar o bullying para professores, funcionários e direção, os casos que chegam são apurados, realizamos uma conversa orientadora com os envolvidos e em caso de reincidência convocamos as famílias/responsáveis. A comissão de conflitos e o grêmio também realizam algumas ações de conscientização e prevenção.

2-Como situações familiares podem refletir no comportamento dos alunos na escola? Você observa a reprodução de violências externas no ambiente escolar?

Eles refletem nas dificuldades de aprendizagem, no indisciplina, nos conflitos, a maioria das situações muito complexa derivam de comportamentos que são copiados, autorizados, presenciados ou não orientados pelos familiares.

Para as dificuldades e atrasos de aprendizagem temos as faltas em excesso que muitas vezes são justificadas pelos familiares dizendo que o aluno "não quer vir", outras vezes alunos cuidam de irmãos para os pais trabalharem ou ainda cuidam de parentes doentes, perdem a hora porque ficaram acordados a noite toda.

Alguns alunos não trazem material escolar, muitas vezes perdem o livro didático e não temos reposição, não fazem as lições de casa e muitas vezes os responsáveis quando comunicados da falta de material ou da entrega das lições dizem que "não sabia"

A violência é naturalizada pelas famílias tanto a física como a verbal, com os menores eles ensinam os filhos que se eles forem ofendidos e/ou apanharem na escola eles podem bater, é um círculo de violência difícil de quebrar, com os maiores acontecem mais as ameaças e os xingamentos, que são formas de provocação, de defesa e de ataque naturalizadas no cotidiano

da maioria dos estudantes, as famílias também tratam os funcionários da escola com a mesma rispidez e dificuldade de diálogo.

3-Práticas institucionais e relações de poder pedagógica e na formação docente contribui para a compreensão das estratégias institucionais de enfrentamento Considerando que práticas escolares podem, por vezes, reforçar comparações ou desigualdades, como a escola pode evitar a reprodução dessas dinâmicas?

Ainda é um desafio para nós dessa escola avançar nessa questão, acreditamos que a formação em serviço baseada em discussões a partir de estudo de casos é uma ótima ferramenta para avançar nessa questão, mas temos poucos momentos com todos os funcionários só as reuniões pedagógicas não dão conta de fazer o grupo avançar nessa questão, precisaríamos de mais tempo de formação para equipe de apoio e para todos os docentes.

4-Quais são os principais obstáculos enfrentados pela escola para efetivar ações de prevenção e enfrentamento ao *bullying*?

A equipe da escola precisa entender que lidar com o bullying é responsabilidade de todos, precisamos de olhos e ouvido atentos o tempo todo em todo lugar. A falta de um protocolo claro para todos é uma dificuldade.

5-Como você avalia a inserção do cinema como recurso pedagógico? O uso de filmes poderia ser integrado de forma mais sistemática ao projeto pedagógico da escola?

Não conhecia essa lei. O cinema já é bastante utilizado em todas as disciplinas.

6-Que ações institucionais poderiam fortalecer o protagonismo estudantil e a gestão democrática no combate à violência escolar?

Resposta: Fortalecer o grêmio e a promover a participação em todas as instâncias decisórias. Realizar as assembleias escolares de forma mais organizada. Precisamos de mais momentos de discussão com as famílias/responsáveis e melhorar a parceria e a participação das famílias nas reuniões e conselhos de escola. Precisamos criar um protocolo de denúncia, ação e apoio. Fortalecer a Comissão de mediação de conflitos. Ampliar o conhecimento de todos sobre os conteúdos relacionados à Educação em direitos humanos e sobre como inserir em cada uma das disciplinas.

APÊNDICE VIII – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA – Professor

Data: 30/10/2025

Nome: Silvio

Idade: 49 anos

Formação: Letras + curso completo do Cultura Inglesa

Ano de formação: 1999

Tempo de experiência: 28 anos

Tempo no cargo atual: 15 anos

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa que investiga como o cinema pode ser utilizado no combate ao *bullying* escolar, tendo como referência o filme *Evil – Raízes do Mal* como elemento de reflexão.

1-Em sua experiência, como você define ou identifica situações de *bullying* na escola? Os alunos reconhecem quando estão envolvidos nessas situações?

Em relação ao *bullying*, eu consigo identificar com bastante facilidade até padrões de *bullying*. Eu não vejo um *bullying* totalmente sistematizado, como aqueles de perseguição que levam as pessoas ao suicídio. Mas eu vejo no dia a dia muitas atitudes que são o que nós podemos chamar de *bullying*.

E em relação à consciência ou não dos alunos, pensando nessa questão, os alunos que são envolvidos em situações de *bullying*, eles se sentem como vítimas, aqueles que sofrem, e aqueles que fazem o *bullying*, eles acabam tendo consciência que aquilo lá não está certo. Não é uma coisa assim fora da conceituação.

Mas é uma coisa que é normalizada. Eles acreditam que aquilo ali, para quem é vítima, é inevitável. E para aquele que é o agressor, por que não? Qual o problema de eu falar da sexualidade do outro? Qual o problema de eu falar da estética do outro?

E quando a gente faz uma intervenção, essa já é uma outra questão. Mas, em relação à observação, sim, é possível perceber.

2-Que tipos de violência ou exclusão entre alunos você já observou em sua prática? Como costuma intervir nessas situações?

Eu tive um aluno do nono ano que vivia fazendo brincadeiras, que se encaixa exatamente como eu falei no finalzinho da primeira questão, que ele era vítima e ele também era um agressor.

E aí eu lembro de uma situação em que eu vi na minha frente um aluno chegando, se aproximando dele e batendo com violência o caderno na cabeça dele. Eu fiz uma intervenção, fiz eles pararem.

Eu me aproximei dele e perguntei se estava tudo bem, se queria ir até a direção ou coordenação. O outro aluno parou naquele momento.

Para o meu espanto, o que tinha apanhado disse que era só uma brincadeira, que não estavam fazendo nada errado.

Nessa hora eu sei que não é uma brincadeira. O meu olhar de adulto, com experiência na educação, entende que aquilo não foi uma brincadeira. Mas ele verbaliza como se fosse, porque existe uma espécie de pacto entre eles, como se resolvessem entre si e a autoridade não pudesse interferir.

Como ele não quis ir, eu me reportei à coordenação e narrei o ocorrido. Depois tive retorno de que os dois foram chamados e foi reforçado que aquilo era *bullying*.

3-No filme objeto de análise da pesquisa, são apresentadas situações em que estudantes impõem regras por meio de violência física e psicológica. Você identifica dinâmicas de poder semelhantes entre os alunos, mesmo que em menor intensidade?

Em relação às dinâmicas de poder, eu não consigo visualizar uma sociedade que não tenha essas dinâmicas.

Eu sempre dou um exemplo ligado à Revolução Francesa, falando de liberdade, igualdade e fraternidade, que teve uma raiz extremamente violenta.

As pessoas fazem uso constante do poder nas relações cotidianas. Mesmo alunos em situação de vulnerabilidade, dentro de um grupo, podem usar elementos como aparência, fala ou comportamento como forma de poder.

Essas dinâmicas aparecem desde o Fundamental I até o Fundamental II.

Muitas vezes surgem subgrupos em que a fala do professor é desvalorizada.

Eu tive um caso recente com um aluno do sexto ano que se recusava a participar de um grupo, dizia que ninguém mandava nele. Ele passou a desqualificar os colegas, dizendo que eram inferiores por estarem fazendo a atividade.

Foi necessário retirá-lo da atividade.

Esse aluno, apesar de vir de um contexto vulnerável, apresenta comportamentos agressivos e de imposição.

Entre os alunos há ameaças, disputas por objetos simples e conflitos constantes.

Como professor, é impossível intervir em tudo, pois são muitos alunos e muitas situações.

Essas dinâmicas de poder são muito comuns no cotidiano escolar.

4-Que abordagens ou atividades você já utilizou para trabalhar valores como respeito, empatia e convivência com seus alunos?

Eu dou aula de inglês. No Caderno da Cidade do nono ano há textos sobre *bullying* e questões relacionadas à saúde emocional.

Eu procuro trabalhar esses conteúdos falando sobre diferença, aceitação e convivência.

Uso referências da literatura, como o Pequeno Príncipe, para discutir empatia e compreensão do outro.

É um trabalho contínuo, de lançar sementes, mesmo sem ver resultados imediatos.

5-Na sua opinião, o uso de filmes pode contribuir para discussões sobre *bullying* e violência? Poderia citar exemplos ou explicar por que considera essa estratégia eficaz?

Em relação ao cinema, eu amplio para música, teatro e outras linguagens artísticas.

A arte tem potencial para discutir violência, poder e convivência.

Já desenvolvi atividades com músicas, como no caso da música *Shallow*, relacionada ao filme *Quando Nasce Uma Estrela*, discutindo superação e emoções.

Também utilizei exemplos de filmes como *Ford vs Ferrari* para trabalhar superação e reconhecimento.

Acredito que essas linguagens ajudam a abrir discussões, mas é necessário aprofundar para não ficar apenas na exposição das questões.

6-Como você percebe o papel do grêmio estudantil e dos próprios alunos na construção de um ambiente escolar mais respeitoso?

Em um trabalho recente sobre Halloween, observei situações de colaboração e também de conflito.

Um grupo do grêmio conseguiu organizar atividades de forma colaborativa.

Outro grupo interferiu de forma inadequada, com comportamentos de desrespeito e sexualização.

Foi necessário intervir, interromper e retomar a atividade.

Essas situações mostram como o *bullying* aparece no cotidiano, mesmo em atividades pedagógicas.

A construção de um ambiente respeitoso é um processo contínuo.

A escola muitas vezes atua mais para conter conflitos do que para desenvolver aprendizagens.

Existe um enfraquecimento da autoridade do professor e uma dificuldade em consolidar um ambiente de respeito.

APÊNDICE IX – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA – Auxiliar técnico em educação

Data: 07/11/2025

Nome: Joana

Idade: 37

Formação: Letras

Ano de formação: 2011

Tempo de experiência: 09 anos

Tempo no cargo atual: 04 anos

1-Como você descreveria as relações entre alunos de diferentes idades nos espaços de convivência? Há situações de cuidado e também de conflito?

A relação de convivência entre alunos de idades distintas é boa. Observo que os alunos “mais velhos” do fundamental II, por exemplo, costumam cuidar dos menores, ajudando-os quando veem que eles precisam. E os alunos do fund. I costumam demonstrar admiração pelos mais velhos. Os conflitos acontecem normalmente entre as crianças de idades mais próximas. Na escola, temos um projeto do grêmio estudantil que visa a integração dos alunos do fund. II com os alunos do fund. I, onde os adolescentes (acompanhados da nossa equipe/apoio) atuam no recreio, auxiliando e propondo brincadeiras direcionadas para a idade que se encontra no pátio naquele momento.

2-Que tipos de conflitos são mais frequentes entre os alunos? Como você costuma mediá-los?

Os conflitos variam de acordo com a faixa etária que está no pátio. No fundamental II observamos situações de provocação entre os colegas, disputa por posse de bola, desrespeito às regras de convivência. Já no fundamental I observamos conflitos relacionados à disputa por brinquedos ou por lugares ou pela atenção do colega, às vezes conflitos por fofocas. A nossa escola possui uma política muito forte de combate à violência/*bullying* e sempre tentamos intervir de forma assertiva para melhorar a convivência entre eles. A nossa mediação (no pátio) consiste em primeiramente compreender o que aconteceu entre as partes envolvidas, proporcionamos para eles espaço para falar e uma escuta ativa. Para assim, buscarmos juntos a resolução do problema.

3-Você já observou situações de apelidos, exclusão ou humilhação entre os alunos? Como essas situações afetam o clima escolar?

Já observamos situações de apelidos e sempre que nos deparamos com esse tipo de situação relembramos aos alunos sobre as regras de convivência, sobre o respeito ao próximo, sobre a empatia. Sabemos que situações de “violência simbólica” afetam negativamente o ambiente escolar. Por isso, quando intervimos no pátio e mesmo assim a situação é recorrente, encaminhamos o assunto para a coordenação/direção onde outras mediações serão realizadas.

4-Em situações de violência entre alunos, você observa comportamentos de omissão por parte de quem presencia? Por que acredita que isso acontece?

Em alguns momentos observamos isso acontecer e achamos que isso acontece porque alguns alunos aprenderam a lidar com situações difíceis dessa maneira. Porém, vemos avanços nesse aspecto, pois nem todos os alunos que presenciam atos de violência ficam calados. Eles se reportam a nós, aos professores e à secretaria da escola.

5-Na sua opinião, a exibição de filmes que abordam situações de *bullying* pode contribuir para que os alunos reconheçam e enfrentem essas situações?

Sim, desde que haja um trabalho em conjunto de debate e reflexão com os alunos para que eles se conheçam e se reconheçam como seres atuantes no combate ao *bullying* e à violência na escola.

6-O que poderia ser feito para tornar os espaços de convivência mais seguros e acolhedores para todos os alunos?

A nossa escola possui uma comissão de mediação de conflitos formada por professores, pais, alunos, membros da gestão e apoio escolar. Acredito ser uma ação eficaz para tornar o ambiente escolar mais seguro e acolhedor, pois é um grupo de escuta ativa que abre espaço para que os alunos sejam autores das melhorias da escola neste âmbito.

Contextualização:

“Sua perspectiva é muito valiosa por acompanhar os alunos em momentos menos formais, como intervalos e recreios.”

APÊNDICE X – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA – Educadores CCA

Data: 14/11/2025

Nome: Jéssica

Idade: 35

Formação: Cursando Letras

Ano de formação: 2011

Cargo: Orientadora Socioeducativa

Tempo no cargo atual: 09 meses

Nome: Larissa

Idade: 29

Formação: Ensino Médio com técnico em Dança

Ano de formação: 2019

Cargo: Orientadora Socioeducativa

Tempo no cargo atual: 4 anos e 10 meses no cargo

Nome: Thifani

Idade: 37 anos

Formação: Pedagogia, formada em 2015

Ano de formação:

Cargo: Gerente de Serviço

Tempo no cargo atual: 4 anos

Nome: Noemia

Idade: 41 anos

Formação: Psicóloga

Ano de formação: 2024

Cargo: Assistente técnica

Tempo no cargo atual: 1 ano e 10 meses

Educadora: Jéssica

Pergunta 1

1-Como você percebe as manifestações de *bullying* entre os jovens que acompanha?

Então, por ser a responsável pela parte esportiva, eu vejo *bullying* diariamente entre eles, né? Na questão de que, se a gente tá num jogo, por exemplo, não importa qual modalidade seja, qual esporte seja, jogo coletivo, né? Que é o que eu tento trabalhar bastante com eles. Mas não importa, eles sempre vão dar um jeito de diminuir. Não são todos, né? Mas alguns em específico. Sempre vão dar um jeito de diminuir o colega. Ah, isso daí não vai conseguir, porque é gordo. Ah, vai me atrapalhar. A gente não vai ganhar porque fulano. É muito magrelo. Beltrano é muito baixinho. Sabe? Então, nesse sentido, tem bastante.

Educadora: Jéssica

Pergunta 2

2-Que fatores sociais influenciam essas dinâmicas?

E eu acredito que o meio social que eles estão inseridos ali, não só por estar inseridos, mas a forma que alguns... Alguns me trazem algumas questões pessoais de casa, então eu entendo o porquê deles serem tão explosivos às vezes, porque muitos apanham em casa, eles têm essa convivência com a violência diária, então eles estão sempre prontos para explodir, essa é a percepção que eu tenho.

Educadora: Noemia

Pergunta 3

3-Na sua experiência, o uso de linguagens audiovisuais pode contribuir para a discussão de temas sensíveis com os jovens?

Resposta

A gente usa bastante no CCA as ferramentas, tanto clipes quanto filmes curtos para trazer discussões de temas diversos exemplo agora nesse momento eu não consigo me lembrar muito tem um filme depois eu posso pegar o nome com a educadora de teatro que ela usou boa parte dele pra fazer o espetáculo que a gente apresentou no ano retrasado que a gente tratou sobre o tema da violência né Esse filme a gente usou bastante do que acontece nele para trazer debate. Ele fala sobre racismo, fala sobre muitas questões, violência, periferia, essas coisas bem interessantes. Eu acho que isso ajuda, sim, a trazer a discussão, mas eu acho que a gente não pode focar tanto só no audiovisual. a gente precisa que ele seja um complemento de trabalhos que já estejam sendo feitos. Então, desenvolver algumas atividades para trazer reflexão sobre isso, de repente, produzir algo com eles, ou produzir vídeos, ou produzir uma peça de teatro, ler alguns livros, alguns contos, fazer muitas rodas de conversa. Eu acho que o audiovisual é um complemento de um trabalho que é reforçado com muitas vertentes. Então, se a gente, que nem tem espetáculos que os CCAs sempre apresentaram, cada ano a gente usou uma temática diferente. Então, o espetáculo, o musical, geralmente é um produto final de um trabalho que a gente foi desenvolvendo com o tema durante o ano todo, praticamente. Então, esse ano, a gente vai trabalhar, vai apresentar o sarau de combate ao *bullying*. Então, a gente trabalhou isso com eles praticamente o ano todo. Já teve ano que a gente trabalhou racismo, teve ano que a gente trabalhou violência, teve ano que a gente trabalhou a luta por moradia. Então, cada ano a gente tentava fazer uma abordagem. Então, acho que é isso. É, sim, algo muito importante para contribuir. Mas eu acho que ele isolado e finalizar com uma roda de conversa sem ter outras atividades dentro do mesmo tema, eu acho que acaba só ficando algo que eles assistem, acham interessante ou não acham, e depois se perde. Acho que para a gente conseguir concretizar os ensinamentos que a gente tenta passar com esses

audiovisuais, a gente precisa fazer mais coisas, trazer mais elementos e coisas que eles também produzam, porque aí ajuda a ficar gravado de uma forma mais fácil.

Educadora: Thifani

Pergunta 4

4-Que tipos de violência familiar ou comunitária você observa repercutindo no comportamento dos jovens?

Resposta

Com relação à violência familiar, como eu mencionei, eles trazem, vários deles já trouxeram para mim, violência que sofre em casa, que apanhou do pai, que apanhou da mãe, que apanhou dos dois, que apanha do irmão, que bate no irmão mais novo também. E muitos sofrem um *bullying* pesadíssimo na escola. Na verdade, não muitos, mas alguns específicos, eles sofrem um *bullying* muito pesado na escola. E isso impacta totalmente a forma deles se verem no mundo, né? Então alguns ficam mais na sua... já para não ficar no foco de quem pratica o *bullying*, mas ainda assim não tem jeito, acabam sofrendo do mesmo jeito. E outros já ficam ali prontos para rebater. Então são esses que são os explosivos. Você olhar torto, olhar diferente, já é motivo de... O que você está olhando? O que foi? Já parte para cima, então. Eu acredito que o *bullying* que eles sofrem na escola é complicadíssimo. *bullying* pesado, de humilhação, objetos são jogados neles, eles apanham na escola alguns, então é isso.

Educadora: Larissa

Pergunta 5

5-Como escola e CCA poderiam atuar de forma mais integrada no enfrentamento ao *bullying*?

Resposta

Eu acredito que se tivesse a oportunidade de alinhar a comunicação entre o CCA e as escolas, através de encontros, reuniões ou até mesmo grupos de WhatsApp, já seria uma pontada inicial para estreitar essa comunicação, porque as mesmas crianças que frequentam a escola são as mesmas que frequentam o CCA, e aqui no nosso espaço eles trazem muitas coisas que acontecem na escola.

Eu acredito que se a gente tivesse a abertura de ter reuniões com diretores e professores, e entender o que está acontecendo, validar todos os sentimentos, o que estão acontecendo naquele espaço escolar, a gente conseguiria eliminar um pouco desses problemas com *bullying* que eles sofrem.

Poderiam também criar um projeto em comum entre escola e CCA, com oficinas integradas, planejar intervenções nesses encontros.

Também seria importante promover capacitação dos trabalhadores, tanto do CCA quanto da escola, inclusive de forma conjunta, para trabalhar mediação de conflitos, já que os conflitos são os mesmos, pois são as mesmas crianças.

Poderia também promover encontros com os familiares, para fortalecer vínculos e conscientizar sobre o impacto do *bullying*.

Acho que isso ajudaria a unificar ações, promover uma cultura de paz e evitar que os alunos encontrem espaço para praticar o *bullying* em diferentes ambientes.

Educadora: Larissa

Pergunta 6

6-Que estratégias têm se mostrado eficazes no trabalho com jovens em situações de violência?

Resposta

Como as atividades no CCA são voltadas para o sociocultural e o socioeducativo, acaba sendo mais fácil abordar as questões mais pertinentes. Então, as atividades acabam sempre finalizando com rodas de conversa acerca do conteúdo que desenvolvemos coletivamente e também incentivando que eles falem como se sentem em relação a isso. Dessa maneira, a gente consegue instigar os atendidos a sempre conversar, manter o diálogo, na intenção de quebrar o ciclo da comunicação violenta.

No CCA eu trabalho com teatro e dança, e dentro dessas linguagens já é possível estimular esse interesse. No teatro é possível trabalhar o senso crítico através do conteúdo, e dentro do conteúdo é possível trabalhar diversos temas. E justamente por ter essas pesquisas no processo criativo já é um estímulo para algo novo, para um pensamento novo.

Assim como na dança, muitas coisas são desenvolvidas no coletivo, um dependendo do outro, um ajudando o outro, senão o coletivo não dá certo. Desse modo, aos poucos, eles se tornam autônomos para criarem seus próprios projetos e até mesmo criam pequenos grupos de estudo, organizam rodas de conversa, e isso sem necessariamente estar sob a condução dos educadores.

APÊNDICE XI – Apresentação do ebook

CINEMA NA EDUCAÇÃO

Enfrentando o bullying na escola
por meio do **audiovisual**.

“ ASSISTIR É
SÓ O COMEÇO,
O QUE VEM DEPOIS
TRANSFORMA. ”

**FILMES
REFLEXÃO**

**DIÁLOGO
CONEXÃO**

**AÇÃO
TRANSFORMAÇÃO**

FILMES | **REFLEXÃO** | **DIÁLOGO** | **AÇÃO**

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
2026
por Vania da Silva

UM GUIA PRÁTICO
PARA **PROFESSORES**
TRANSFORMAREM
IMAGENS EM
APRENDIZAGEM
E CONVIVÊNCIA.



UM GUIA QUE UNE CINEMA, EDUCAÇÃO E CONVIVÊNCIA.

Este e-book utiliza o cinema como ferramenta pedagógica para promover reflexões e ações sobre bullying, empatia, respeito e convivência escolar. Porque entender é o primeiro passo para transformar realidades.



BASE LEGAL: A LEI PROTEGE

LEI Nº 13.185/2015

INSTITUI O PROGRAMA DE COMBATE À INTIMIDAÇÃO SISTEMÁTICA (BULLYING).

A Lei nº 13.185/2015 define o bullying como atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivos, praticados por um ou mais estudantes contra outro, com o objetivo de intimidar, agredir, humilhar ou excluir.

A lei prevê ações de prevenção, identificação, intervenção e responsabilização envolvendo toda a comunidade escolar e as famílias.



Promoção de uma cultura de paz e respeito.



Ações de prevenção, conscientização e acolhimento nas escolas.



Responsabilização de agressores e proteção das vítimas.



O QUE É BULLYING?

De acordo com o pesquisador Dan Olweus, bullying é:

“Uma agressão intencional, repetida e sem motivação evidente, ocorrendo em uma relação desigual de poder.” (OLWEUS, 1993)



INTENCIONAL

Há a intenção de causar dano.



REPETITIVO

Acontece várias vezes, não é um fato isolado.



DESEQUILÍBRIO DE PODER

Existe diferença de força entre agressor e vítima.



POR QUE FALAR SOBRE ISSO?

Compreender o bullying é o primeiro passo para preveni-lo e construir ambientes escolares mais seguros, acolhedores e respeitosos para todos.

“Pequenas atitudes podem ter grandes efeitos na vida de alguém. E tudo começa com a escolha de olhar, ouvir e agir.”



LEMBRE-SE:

O bullying não é “brincadeira” nem “coisa de criança”. É uma violência que causa dor e pode deixar marcas profundas. Falar, pedir ajuda e apoiar o outro é o caminho para transformar!

SUMÁRIO

1		APRESENTAÇÃO	03
2		BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR	04
3		O PAPEL DO PROFESSOR	05
4		O CINEMA COMO DISPOSITIVO	06
5		ANTES DO FILME	07
6		DURANTE O FILME	08
7		APÓS O FILME	09
8		FILMES PARA ANÁLISE CRÍTICA	10
9		FILMES PARA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA	11
10		CURTAS PARA SENSIBILIZAÇÃO	12
11		EXEMPLO DE APLICAÇÃO	13
12		ONDE ENCONTRAR OS FILMES	14
13		REFERÊNCIAS	15
14		CONTATOS E CRÉDITOS	16



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no
enfrentamento do *bullying* escolar



APRESENTAÇÃO

O cinema, enquanto linguagem estética e cultural, constitui-se como um potente dispositivo pedagógico para a problematização de questões sociais presentes no cotidiano escolar. Entre elas, o *bullying* se destaca como uma das formas mais persistentes de violência, frequentemente naturalizada nas relações entre estudantes.

Este e-book integra o produto educacional de um **Mestrado Profissional em Educação (UNINOVE)**, sob orientação do professor Carlos Bauer, e propõe o uso do audiovisual não como recurso ilustrativo, mas como experiência formativa mediada intencionalmente pelo educador. Ao mobilizar imagens, narrativas e emoções, o cinema possibilita deslocamentos no olhar, favorecendo a construção de uma leitura crítica da realidade.

Este material foi construído a partir das análises realizadas com educadores que atuam na escola e em espaços socioeducativos, considerando suas percepções sobre o *bullying* e os desafios enfrentados no cotidiano escolar.



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no enfrentamento do *bullying* escolar

03

BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR



O *bullying* é uma forma de violência intencional, repetitiva e marcada pelo desequilíbrio de poder (Dan Olweus, 1993).



Na escola, manifesta-se por agressões físicas, verbais e simbólicas, sendo sustentado também pelo silêncio dos espectadores (FANTE, 2015).



ECOS DA PRÁTICA

*“Alguns preferem não se envolver.”
(Joana, participante da pesquisa).*

A fala evidencia a naturalização dessas práticas.



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no enfrentamento do *bullying* escolar

O PAPEL DO PROFESSOR



O professor atua como mediador, orientando o olhar e promovendo a problematização.

CABE A ELE:

-  selecionar filmes
-  provocar reflexão
-  conduzir o diálogo
-  relacionar com a realidade



ECOS DA PRÁTICA

“A arte tem potencial para discutir violência, poder e convivência...”

(Silvio, participante da pesquisa)

Ao mediar experiências significativas, o professor contribui para a formação de sujeitos éticos, empáticos e comprometidos com o outro e com o mundo.



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no enfrentamento do *bullying* escolar.

O CINEMA COMO DISPOSITIVO

Mais do que entreter, o cinema educa, provoca, questiona e mobiliza. Como dispositivo pedagógico, ele cria condições para que o estudante se reconheça, se posicione e compreenda o mundo.



AMPLIA OLHARES

Permite observar realidades diversas e complexas.



FOMENTA DIÁLOGOS

Estimula conversas significativas e escuta ativa.



DESENVOLVE PENSAMENTO CRÍTICO

Convida à análise, à reflexão e à problematização.



PROMOVE EMPATIA

Aproxima o estudante de histórias, emoções e contextos.



ECOS DA PRÁTICA

“O audiovisual é um complemento de um trabalho...”

(Noemia, participante da pesquisa)

Transformar a sala de aula em espaço de experiência é transformar o aprender.



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no enfrentamento do *bullying* escolar

ANTES DO FILME



Mobilizar percepções e provocar reflexão.

PERGUNTAS:



O que é *bullying*?



Quando uma brincadeira se torna violência?



ECOS DA PRÁTICA

“Antes de assistir, precisamos abrir espaço para pensar.”

A sensibilização prévia amplia o olhar, desperta curiosidades e prepara os estudantes para uma experiência significativa.



CINEMA E EDUCAÇÃO
O audiovisual como mediação crítica no enfrentamento do *bullying* escolar

DURANTE O FILME

O momento da exibição exige atenção e intencionalidade para garantir o envolvimento dos estudantes e a compreensão das mensagens do filme.



ESTRATÉGIAS

- **Ambiente adequado:** garanta um espaço confortável, com boa visibilidade e som.
- **Atenção ativa:** oriente os estudantes a observarem não apenas a história, mas também os personagens, as relações e os contextos.
- **Anotações:** incentive registros de cenas, diálogos ou sentimentos que chamem a atenção.
- **Pausas estratégicas:** quando pertinente, faça breves pausas para destacar pontos importantes.



OBJETIVO

Manter o foco, estimular a empatia e identificar elementos relevantes para a reflexão posterior.

O cinema mobiliza percepções e amplia a compreensão do real (DUARTE, 2002).



ECOS DA PRÁTICA

“Observar é o primeiro passo para compreender e transformar.”

A escuta sensível das imagens amplia a escuta sensível do outro.



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no enfrentamento do *bullying* escolar

APÓS O FILME



Promover
diálogo e
reflexão.

A escola é um espaço
de encontro de diferenças
que exige diálogo e
mediação (CANDAU,
2012).

PERGUNTAS:



Isso acontece
na escola?



Quem poderia
agir diferente?



ECOS DA PRÁTICA

*“O cinema já é bastante
utilizado em todas as
disciplinas”,*
(Ana Maria, participante da pesquisa)

Indica a necessidade
de responsabilização
coletiva.



CINEMA E EDUCAÇÃO

O cinematográfico como mediação crítica no
enfrentamento do *bullying* escolar

FILMES PARA ANÁLISE CRÍTICA



Evil – Raízes do Mal

Classificação: 16 anos

Violência institucional
e relações de poder.

Cena do filme
Evil – Raízes do Mal (2003).



Elefante

Classificação: 16 anos

Silêncio e invisibilidade
no cotidiano escolar.

Cena do filme
Elefante (2003).



A Onda

Classificação: 14 anos

Força do grupo
e autoritarismo.

Cena do filme
A Onda (2008).



ECOS DA PRÁTICA

*“O bullying impacta totalmente
a forma deles se verem
no mundo”.*

(Thifani, participante da pesquisa)

O cinema permite dar
voz a sentimentos muitas
vezes silenciados e promove
empatia e consciência
sobre o impacto das ações.



CINEMA E EDUCAÇÃO
O audiovisual como mediação crítica no
enfrentamento do *bullying* escolar

FILMES PARA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA



Extraordinário

Classificação: 10 anos

Empatia e diferença.

Cena do filme Extraordinário (2017).



Meninas Malvadas

Classificação: 12 anos

Exclusão e violência simbólica.

Cena do filme Meninas Malvadas (2004).



Karatê Kid

Classificação: 10 anos

Superação e respeito.

Cena do filme Karatê Kid (2010).



ECOS DA PRÁTICA

“Atividades voltadas para o sociocultural e o socioeducativo, acaba sendo mais fácil abordar as questões mais pertinentes”.

Larissa, participante da pesquisa

Quando os filmes se conectam com as vivências e realidades dos estudantes, eles se tornam mais significativos e facilitam o diálogo sobre temas como empatia, respeito, identidade e convivência.



CINEMA E EDUCAÇÃO
O audiovisual como mediação crítica no enfrentamento do bullying escolar

CURTAS PARA SENSIBILIZAÇÃO



Cuerdas

Classificação: livre

Empatia e inclusão.

Cena do curta *Cuerdas* (2013).



For the Birds

Classificação: livre

Exclusão coletiva.

Cena do curta *For the Birds* (2000).



Hair Love

Classificação: livre

Identidade e autoestima.

Cena do curta *Hair Love* (2019).

Narrativas audiovisuais mobilizam emoções e favorecem processos de identificação e reflexão (XAVIER, 2005).



ECOS DA PRÁTICA

“Pequenas histórias têm o poder de provocar grandes transformações.”

Os curtas ampliam o olhar, despertam sentimentos e favorecem o diálogo.



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no enfrentamento do bullying escolar.

EXEMPLO DE APLICAÇÃO

Evil – Raízes do Mal

(Filme – Drama – 16 anos)

Embora não tenha sido aplicado diretamente como intervenção pedagógica, o filme foi utilizado nessa pesquisa como suporte analítico para, compreender as manifestações de violência e bullying no contexto escolar.



ANTES

discutir regras



Apresentar o filme e promover conversa sobre regras, autoridade e consequências.



DURANTE

observar poder



Observar como o grupo se organiza, quem lidera, quem obedece e quem permanece em silêncio.



APÓS

refletir sobre omissão



Refletir sobre a omissão do grupo e suas consequências na vida real.



ECOS DA PRÁTICA

“Muitos apanham em casa e convivem com a violência diária, por isso estão sempre prontos para explodir”.

(Jessica, participante da pesquisa)

A fala evidencia que a violência fora da escola influencia diretamente o comportamento dos estudantes. Essa realidade reforça a importância de a escola reconhecer esses contextos e desenvolver práticas educativas que ofereçam acolhimento, diálogo e estratégias de regulação emocional.



Filme utilizado na pesquisa como suporte analítico para compreender as dinâmicas de violência, poder, omissão e suas implicações no contexto escolar.



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no



ECOS DA PRÁTICA

“Ao aproximar o cinema do cotidiano escolar, compreendo o bullying como uma prática construída nas relações, que pode ser problematizada e transformada pela mediação pedagógica.”

Vania (autora da pesquisa)

Os Ecos da Prática são falas reais de participantes da pesquisa sobre suas experiências e percepções ao trabalhar com cinema e educação.



ONDE ENCONTRAR OS FILMES

A maioria dos filmes sugeridos neste e-book pode ser encontrada em plataformas acessíveis como:



YOUTUBE

Muitos filmes completos ou trechos estão disponíveis gratuitamente.



NETFLIX

Diversos filmes estão disponíveis no catálogo da plataforma por assinatura.



OUTRAS PLATAFORMAS DE STREAMING

Há diversas opções de filmes em serviços como Amazon Prime Video, Globoplay, Disney+, Max, ou outras plataformas de streaming.



IMPORTANTE

Verifique sempre a classificação indicativa e as condições de acesso na plataforma escolhida. Utilize os filmes de forma ética e responsável, apenas para fins educacionais.



O cinema, ao representar diferentes contextos, permite problematizar práticas sociais e ampliar a compreensão da realidade (NAPOLITANO, 2013).



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no enfrentamento do bullying escolar.

REFERÊNCIAS



- ▶ OLWEUS, Dan. *Bullying at school: what we know and what we can do*. 1993.
- ▶ FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2015.
- ▶ CANDAU, Vera Maria. *Educação em direitos humanos*. 2012.
- ▶ SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. 2008.
- ▶ NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 2013.
- ▶ DUARTE, Rosália. *Cinema & educação*. 2002.
- ▶ XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 2005.



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no enfrentamento do *bullying* escolar

CONTATOS E CRÉDITOS

Este material integra o produto educacional
de Mestrado Profissional em Educação (UNINOVE).



AUTORA

Vania da Silva



wanhinha@yahoo.com.br



(11) 96658-8648



ORIENTADOR

Prof. Dr. Carlos Bauer



carlosbauer1960@yahoo.com.br

“

*“Assistir é só o começo.
O que vem depois transforma.”*



CINEMA E EDUCAÇÃO

O audiovisual como mediação crítica no
enfrentamento do *bullying* escolar

16